

DONIZETI JOSÉ DE LIMA

“SÓ SANGUE BOM”

CONSTRUÇÃO DE SABERES E RESISTÊNCIA CULTURAL

COMO EXPRESSÕES DO PROTAGONISMO JUVENIL

Dissertação de Mestrado apresentada ao

Programa de Pós Graduação em Educação – CED

Documento parcial do requisito para a obtenção do título de Mestre

Linha de pesquisa Movimentos Sociais e Educação

Prof^a Dra Olga Celestina da Silva Durand (Orientadora)

Florianópolis, fevereiro de 2003

*Este trabalho é dedicado a todos os jovens,
de modo especial àqueles e àquelas que sofrem as conseqüências de viver em um país
onde muitos ainda não experimentaram os gostos da justiça e da felicidade;
A todos e todas que são os inconformados
os que são sofredores.
E destes,
Uma dedicatória especial aos generosos,
Os que são audaciosos!
Aos sonhadores e sonhadoras!*

AGRADECIMENTOS

Para a realização deste trabalho foi fundamental a presença de muitas pessoas às quais eu agradeço:

Meus pais Francisco e Benedita e meus irmãos e irmãs Dita, Izabel, Isaura, Tadeu, Francisco, Inácio, Marco, Seneval, Mercês, Miria, Mência e Marcelo com os quais pude e posso experimentar as alegrias e as dores da convivência familiar, aprendendo compartilhar a existência com suas feridas e com seus prazeres;

À Comunidade Chico Mendes onde moro, onde tenho vivido experiências que todos os dias me lembram que o ser humano nasceu para a felicidade e que para isto precisa viver. Deste modo agradeço as lideranças comunitárias com quem tenho aprendido a importância da organização, mas também agradeço às pessoas que tem me ensinado a descobrir o valor revolucionário do cotidiano;

As pessoas que trabalham na Casa Chico Mendes com as quais tenho compartilhado o desejo de humanizar relações, resgatar dignidade e construir cidadania com os empobrecidos. Um agradecimento especial ao Israel, Fabrício e Andersom, que têm sido presenças marcantes na realização deste trabalho;

Aos professores do Centro de Ciências da Educação da Universidade federal de Santa Catarina – Sônia, Cristiana, Reinaldo, Maristela e Ari, que me acolheram com competência e dedicação, me ensinando que o rigor da pesquisa acadêmica se enriquece com relações humanas cordiais e carinhosas. Às Professoras Janice e Regina Célia, que com generosidade aceitaram participar da Banca de Qualificação, trazendo ricas e importantes contribuições.

Um agradecimento especial para a Professora Olga, minha orientadora e minha amiga, que para que eu pudesse ter um distanciamento necessário ao estudo, fez um movimento de encharcar-se da realidade Chico Mendes. Obrigado por colocar sua competência profissional, seu compromisso com a juventude a até mesmo suas férias a disposição.

Um agradecimento carinhoso para Maristela, Sônia e Luiza que aceitaram o convite para discutirem este trabalho;

Ao CNPq que contribuiu para esta pesquisa dirigindo-lhe uma bolsa.

Aos meus colegas de mestrado, Linha de Pesquisa em Educação e Movimentos Sociais, pelo rico e afetivo processo de buscas intelectuais o qual partilhamos. Neste sentido destaco a pessoa do meu amigo Willer, pelo carinho e pela disponibilidade em contribuir com a qualidade este trabalho;

Agradeço, ainda, a todas as pessoas com as quais descobri a riqueza da juventude e com as quais tenho partilhado as dores e alegrias destas descobertas.

Por fim, agradeço aos jovens da Comunidade Chico Mendes, especialmente aqueles que participam do projeto Nossa Casa, com quem tenho aprendido muito da vida. Agradeço pela colaboração, atenção e interesse. Este trabalho é dedicado eles, protagonistas de processos de resistências e construtores de saberes sociais.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar formas associativas instituídas, constituídas e mantidas por jovens em situação de empobrecimento. Esta análise parte do pressuposto que essas formas associativas são contextos privilegiados onde esses jovens vivenciam processos de resistência cultural e de construção de saberes, o que consideramos como expressões do Protagonismo Juvenil. Deste modo, as principais categorias de análise utilizadas nessa pesquisa são o protagonismo juvenil, a resistência cultural, a construção de saberes e as formas associativas juvenis. Os dados analisados foram obtidos através de acompanhamento de atividades, realização de atividades nos moldes de grupos focais, questionários e entrevistas individuais. A interpretação dos dados dessa pesquisa permitiu perceber que os jovens da Comunidade Chico Mendes, através da dinâmica do Projeto Nossa casa constroem saberes significativos, ao mesmo tempo em que vivem processos de resistência cultural, o que permite afirmar que eles são Protagonistas da História.

ABSTRACT

The goal of this paper is to analyse the associated forms which are established, constituted and maintained by the youth in a situation of impoverishment. This analysis starts from the presupposition that these associated forms are privileged contexts, in which this youth experiments both processes of cultural resistance and the learning construction, what we consider expressions of the youthful protagonism. So, the main categories of analysis utilized on this research are the youthful protagonism, the cultural resistance, the learning construction and the youthful forms of association. The analysed data were obtained through the attendance of activities, activities realized with the system of the focal groups, questionnaires, and individual interviews. The interpretation of the data involved on this research allows us to realize that the youth of the Chico Mendes District, through the dynamics of the Nossa Casa Project, builds significant knowledges at the same time that experiments cultural resistance processes, what allows us to affirm that they are Protagonists of their History.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA

AGRADECIMENTOS

RESUMO

ABSTRACT

01 - INICIANDO A CAMINHADA	08
1.1 Chega Mais	08
1.2 Por que viemos	10
1.3 Olhemos por aqui	16
02 - COMUNIDADE CHICO MENDES : UM CONTEXTO DE JOVENS PROTAGONISTAS	21
2.1 Ser jovem é poder dar opiniões	28
03 - OLHARES SOBRE A JUVENTUDE	32
3.1 Uma olhada geral	33
3.2 Saberes Sociais e Resistência Cultural: Expressões do Protagonismo Juvenil	41
3.3 A Juventude e suas Práticas de Resistência	42
3.4 A Construção de Saberes	45
3.5 As Formas Associativas: Lugar privilegiado de Resistência e Construção de saberes	50

04 - TEMOS UM NOME: PROJETO NOSSA CASA	55
4.1 Somos Jovens	56
4.2 Construímos Estratégias de Resistência	60
4.3 Construímos Saberes	68
4.3.1 - Saberes Escolares, nem tanto	69
4.3.2 - Saberes Sociais, muitos	71
4.1 Somos Protagonistas	75
0.5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85
ANEXOS	92

1. INICIANDO A CAMINHADA

1.1. Chega mais

Estamos vivendo um momento de perplexidade diante do processo de empobrecimento¹ a que vem sendo submetida grande parte da população brasileira². O número de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza amplia-se, grande contingente vive em situação de miséria, o desemprego e o subemprego, as epidemias e violências são realidades que não mais se escondem aos nossos olhos.

Todavia, alguns estudiosos têm apontado pouca reação organizada da população no sentido de reverter esta situação. Alguns analistas sinalizam para um refluxo, uma crise, ou, ainda, um impasse dos movimentos sociais, conforme explica Gohn (1995). Não é incomum ouvir de pessoas que há pouco tempo se empenhavam na luta por condições dignas de existência, desabafos que denunciam cansaço e dúvidas com relação ao futuro. Estudos têm percebido que, até mesmo a juventude³, bastante presente na cena política brasileira de décadas anteriores⁴, parece recolhida e acomodada.

Ao mesmo tempo vivemos um tempo de esperança, em que um novo governo propõe que todos os brasileiros se reúnam num grande mutirão para enfrentar os grandes desafios nacionais, inclusive o de promover mudanças estruturais no país. O novo presidente eleito tem apontado para o fato de que o povo brasileiro, cheio de esperança, está derrotando o medo.

¹ Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), comprovam que o ano de 2001 revela ter havido um crescimento da pobreza nas cidades brasileiras, sendo esse crescimento de 6,7 % nas áreas metropolitanas e de 4,4 % nas áreas urbanas não metropolitanas. Segundo avaliação do Banco Mundial são consideradas pobres as pessoas que ganham menos de US\$1,08 diários. O Programa “Fome Zero”, do governo federal, considera pobre as famílias que não tem rendimento disponível correspondente ao Salário Mínimo atual, que é de duzentos Reais (R\$200,00), para viver o mês inteiro. Ainda de acordo com estudos que resultaram na elaboração deste Programa existem no Brasil, 46 milhões de pessoas com renda mensal disponível de R\$39, 11.

² A Organização das Nações Unidas (ONU) utiliza como indicadores fundamentais para avaliar o desenvolvimento dos países: o nível de escolaridade, a expectativa de vida e a renda *per capita*, fatores que resultam no IDH, Índice de Desenvolvimento Humano. Em artigo publicado no dia 24 de julho de 2002, o jornal O Estado de São Paulo afirma que o aumento da renda *per capita*, segundo recente relatório de desenvolvimento Humano publicado pela ONU, não tem incidido na melhora das condições de vida da população brasileira mas, ao contrário, afirma o jornal, aumentou a distância entre a renda e os indicadores sociais.

³ Entendemos ser a juventude uma categoria social importante pelo fato de que através dos tempos tem se mostrado como “ícone” da esperança e da renovação. Muito presente nos anos 1960/1970, nos anos 1980 vive um período de refluxo, retornando com bastante força nos anos 1990/2000 apresentando-se especialmente através de novas formas de organização, resistência e luta.

⁴ Vide as revoltas do final dos anos 1960, a mobilização pelas Diretas Já em 1984 e o impeachment do Presidente da República em 1992, apenas para citar alguns exemplos.

Faz-se necessário, ainda, ressaltar o grande envolvimento da juventude nas eleições que conduziram ao cargo de Presidente da República o líder operário, Luiz Inácio Lula da Silva.

Neste cenário, é possível perceber a presença de uma juventude, que aponta para o surgimento de novas expressões. É uma juventude que tem se apresentado organizada na forma de grupos, os quais são instituídos, constituídos e mantidos por jovens, o que instiga que esses grupos juvenis surjam também como objeto de pesquisa acadêmica. Uma importante questão que se coloca neste sentido é a possibilidade dessa juventude estar protagonizando⁵ a sua condição de sujeitos de direitos. Esta questão torna-se relevante quando olhada a partir de um contexto sócio-econômico-cultural atingido com mais intensidade pelas conseqüências de processo de empobrecimento a que está submetida à população, ou seja, um lugar social onde a dignidade da pessoa humana é diariamente massacrada.

Assim, considero importante analisar essas formas associativas na perspectiva do protagonismo juvenil, o que se dá, de maneira especial, através da construção de saberes e da vivência de processos de resistência cultural. A capacidade de organização e gestão de espaços sociais, a leitura da realidade manifesta através de letras de músicas, poesias, a criatividade artística, a invenção de estilos de vida, a criação de uma linguagem própria parecem ser alguns dos importantes saberes construídos pela juventude. Por outro lado, a capacidade de sonhar e sorrir mesmo num contexto social hostil, o cultivo da solidariedade, a teimosia em driblar as injustiças institucionalizadas, como a violência policial e o desemprego, demonstra a grande capacidade de resistência juvenil.

A intenção desta pesquisa é contribuir para o conhecimento a respeito da juventude, que de forma cada vez mais intensa, tem afirmado o seu espaço próprio na sociedade, o que explicita cada vez mais os seus direitos enquanto categoria social, ao mesmo tempo que confirma a sua condição de protagonista na dinâmica da sociedade.

Assim, pela sua visibilidade como categoria social, em virtude de seu jeito de ser e de suas necessidades, a juventude ganha relevância como sujeito de pesquisa acadêmica. Não são poucos os segmentos sociais que têm se debruçado sobre esta parcela da população, produzindo os mais variados e diferentes resultados e explicações.

Para realizar este estudo são necessários alguns recortes, no sentido de torná-lo eficiente: _ o primeiro recorte é a intenção de compreender um pouco mais sobre a

⁵ Entendo protagonismo juvenil como a capacidade que o jovem tem de inserir-se no contexto da história como ator capaz de iniciativas, autodeterminado e consciente, enfrentando os desafios de transformar a própria condição, entendendo esta não só como condição pessoal, mas como contexto coletivo.

juventude a partir de um lugar social que podemos definir inicialmente como sendo uma comunidade em situação de empobrecimento. A comunidade escolhida neste caso chama-se comunidade Chico Mendes, localizada no Bairro Monte Cristo, em Florianópolis, Capital do Estado de Santa Catarina, no Brasil.

Este estudo foi realizado a partir de uma situação social, que para nós, são as formas associativas juvenis⁶. Entendemos essas formas associativas como lugares sociais privilegiados onde os jovens protagonizam contextos que constituem formas de resistência, onde constroem saberes significativos, afirmando assim a sua condição de sujeitos de direitos.

1.2. Por que viemos

Nos últimos tempos o tema juventude vem ganhando cada vez mais destaque social, o que aumenta a sua relevância como problema de pesquisa acadêmica. Durand (2000) afirma que a importância desse tema está ligada ao fato de que, numa sociedade em transformação, os jovens aparecem como protagonistas importantes dessa transição. Spósito (2000) por sua vez, assinala que se trata de um objeto de pesquisa pouco consolidado, não obstante sua importância política e social. E essa importância política e social advém da capacidade que tem a juventude de colocar-se na cena social, exigindo o reconhecimento não mais como categoria dependente, intermediária, mas como grupo social capaz de contribuir de forma significativa e única para a composição do grande mosaico social.

Foi nesta perspectiva que me propus pesquisar os jovens empobrecidos e suas formas associativas, com o intuito de trazer à cena esse importante fato social.

A preocupação com questões ligadas à juventude vem sendo construída em minha vida a partir de três situações complementares entre si, as quais considero relevante situar, uma vez que a partir desses contextos é que vivencio experiências fundamentais, o que me constitui

pesquisador deste tema:

i - A primeira se dá entre o fim da década de 1970 e início dos anos 1980 quando, como metalúrgico em uma fábrica de automóveis no interior paulista e como participante de

⁶ De acordo com NAKANO (1995) formas associativas juvenis são espaços onde os jovens “ganham existência enquanto grupo, de maneira mais ou menos organizada e estruturada. Aqui eles deixam de ser indivíduos isolados, à medida que estabelecem relações significativas e ganham configuração através daquilo que realizam coletivamente”.

grupos juvenis que organizavam a Pastoral da Juventude da Igreja Católica, estava inserido na efervescência dos movimentos populares deste período ditatorial brasileiro, bem como no momento de expansão das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs e da Teologia da Libertação⁷. Um fato eclesial e social importante dessa época é a III Conferência Episcopal Latinoamericana que, reunida em Puebla, no México, oficializou através de um documento, a opção da Igreja Católica na América Latina pelos pobres e pelos jovens. Deste contexto sócio-religioso reforcei em minha vida dois valores fundamentais: o compromisso com os empobrecidos⁸, os marginalizados, os oprimidos do Continente Latino Americano, ou seja compromisso com minha própria história também, e o respeito pela importância do protagonismo juvenil, entendido como participação na vida social e política, como compromisso com a mudança de nossas vidas ou “inserção lúcida na realidade, na situação histórica (...) crítica dessa mesma situação e ímpeto de transformá-la” (FREIRE, 1987, 54), ou ainda a necessidade e possibilidade de sermos *refazedores permanentes da história*.

ii - A segunda situação se dá como profissional da educação em Entidades ligadas à defesa e promoção dos direitos da criança e do adolescente, quando estes conquistam o status legal de sujeitos de direitos. É desse tempo, ainda, a atuação como professor da Rede Pública de ensino, especialmente como professor de História na Escola de Educação Básica Prof^a América Dutra Machado, no Bairro Monte Cristo, o que me possibilitou uma aproximação com o universo juvenil desta localidade. Os altos índices de evasão e de fracasso escolar me deixavam muito preocupado, ainda mais quando confrontados com a riqueza e dinâmica de vida daqueles jovens. Então comecei a ficar intrigado com a relação que os jovens estabeleciam com o universo escolar, suas regras e seus saberes. Notava uma indiferença, uma falta de significação com relação aos saberes escolares, ao passo que os saberes sociais⁹ construídos nos seus grupos os empolgavam, eram plenos de significados.

iii - A terceira situação, na qual me encontro agora como pesquisador, é o tempo que tenho vivido na Comunidade Chico Mendes, quando tenho observado, cada vez mais atento, a

⁷ Teologia da Libertação é o conjunto de reflexões teológicas e conseqüentes práticas eclesiais e sociais construídas a partir da Pessoa do Deus Encarnado, Jesus Libertador, sobre a realidade sócio-econômica-política e cultural da maioria do povo do Continente Latino Americano, ou seja, dos empobrecidos da história. Entre os teólogos que são referência para se entender a Teologia da Libertação destacamos G. GUTIERREZ e L. BOFF, entre outros, com extensa bibliografia.

⁸ Quapper (2001) adota a categoria empobrecido esclarecendo que *pobre designa um estado*, empobrecido se refere a um processo que contextualiza e historiciza seu caráter de produção social. Então, é neste sentido que neste trabalho adotaremos a categoria empobrecidos.

⁹ Como saberes sociais estou entendendo aqueles saberes construídos no cotidiano dos grupos ou mesmo da sociedade.

presença de agrupamentos juvenis, bem como vários modos através dos quais os jovens buscam superar, resistir às condições de exclusão a que estão submetidos, bem como tenho percebido a riqueza de vivências que fazem com que estes meninos e meninas se tornem cada vez mais visíveis no conjunto da Comunidade Chico Mendes.

Sempre me instigou a vida das pessoas jovens, e de modo especial das que vivem em condições de empobrecimento. As condições de vida das pessoas empobrecidas sempre me incomodaram. Contudo, esse incômodo foi dando lugar à curiosidade quando, observando com mais acuidade o dia-a-dia da Comunidade Chico Mendes comecei a perceber que existem processos que parecem incidir na superação das situações de empobrecimento. São equipes esportivas e musicais, grupos de amigos onde se constroem ações de solidariedade e estratégias de sobrevivência, e que experimentam e refletem politicamente suas existências, tudo isso alimentado por muito sonho, muita dignidade. Sob esta ótica é que fui vendo a comunidade. Comecei a perceber a comunidade, suas ruas e becos, ocupada, não apenas por transeuntes, pessoas isoladas, acomodadas, desocupadas, mas por vários tipos de formas associativas, ou seja, pela presença de vários *agrupamentos coletivos juvenis*, com várias formas de estruturação, conforme definição de Spósito (1994).

Compromisso político e necessidade de compreensão me levaram a estudar e a refletir com mais profundidade as questões ligadas à juventude. Com esse intuito cursei uma Pós-graduação em nível de Especialização na Área da Criança e do Adolescente, ao final da qual escrevi uma monografia com uma descrição densa do dia-a-dia dos jovens da Comunidade Chico Mendes¹⁰. A elaboração deste trabalho me despertou para muitas questões e uma delas é o fato de que nesta comunidade não existem somente histórias pessoais de sofrimento e sonhos. Existem também meninos e meninas, jovens que buscam se inserir socialmente e constituem grupos, freqüentam espaços de convivência criados no dia-a-dia, onde passam a construir e protagonizar histórias coletivas.

Busquei ainda entender os jovens a partir da história dos adultos. Cheguei a pensar que uma intervenção possível seria integrá-los à vida de lutas empreendidas pelas lideranças

¹⁰ Neste trabalho, quando me referir aos jovens da Comunidade Chico Mendes, estarei falando dos meninos e meninas que nasceram nas comunidades de ocupação urbana do Bairro Monte Cristo, ou que para aí vieram ainda bebês. Assim, carregam heranças culturais de seus pais, plenas de significados rurais, ao mesmo tempo em que precisam significar suas presenças na cidade, precisam construir-se sujeitos, cidadãos e cidadãs, numa cidade que não os aceita, não os assimila como tais. São sonhadores, desejosos de construir o novo, o diferente. São tristes, mas cultivam uma alegria, às vezes uma alegria necessária, como estratégia.

comunitárias, especialmente através das Associações de Moradores. No período em que atuei como professor de História do Ensino fundamental, comecei a ficar preocupado com a história e com a memória da comunidade. Neste sentido, em minha atuação profissional buscava formas de articular a história dos pais com o dia-a-dia dos filhos. Chegamos a fazer um trabalho escolar com a pretensão de escrever um livro com a história da comunidade. Com esse intuito, fomos procurar os adultos que pudessem nos contar suas histórias. Estes, orgulhosos, gostavam de contar a história das ocupações, os primeiros tempos, os conflitos com a polícia, a luta por água, por luz, por escola, a criação das Associações de Moradores e outros fatos importantes¹². Por parte dos jovens, apesar de demonstrarem respeito, ocorria um desinteresse, eu percebia que os jovens não se sentiam atraídos por este tipo de organização. Então, precisei me aprofundar em leituras, buscando entender um pouco mais as formas de organização juvenis.

Analisando a participação da juventude na cena política, Sousa (1999, p. 80) aponta para o surgimento de um novo tipo de expressão coletiva, “redescobrimo novos modos de intervenção social que exigiram um novo olhar sobre a expressão política do cidadão comum” o que não permite que se faça uma leitura adequada das ações juvenis a partir dos processos clássicos de mobilização, mesmo porque o momento atual é de refluxo dos movimentos sociais. Corroborar essa idéia a análise de Spósito (1994) segundo a qual “percebe-se que esta forma de organização da ação coletiva tem pouco sensibilizado os setores jovens”.

Essa possibilidade de análise aproxima-se com propriedade da realidade dos jovens da Comunidade Chico Mendes. Estes não são atraídos pelas formas tradicionais de luta e resistência como a Associações de Moradores, Partidos Políticos, Pastorais e outras. Seu cotidiano, contudo, é marcado por muito movimento. Correm, estudam, articulam, conversam, brincam, cantam, namoram, ficam e organizam-se, fugindo, contudo dos padrões clássicos de intervenção na realidade. E a realidade tem apontado, o que merece investigação, que eles estão criando formas de resistir, de se constituírem sujeitos, protagonistas da história. Neste aspecto pode-se suspeitar que o movimento desses jovens em muitos espaços da Comunidade se configura, de acordo com Chauí (1986, p.22)b como “um complexo de experiências,

¹² As Associações de Moradores aqui referidas são, de acordo com seus estatutos, Entidades Cívis sem fins lucrativos regidas por estatuto e legislação próprios, e têm como objetivos principais a representação legal das Comunidades, bem como a defesa e promoção dos seus direitos. Neste sentido estas Associações constituíram-se como espaços de lutas e embates com o poder público. Todo esse processo é descrito por LIMA (1992) e CANELLA (1992).

relações e atividades, cujos limites estão fixados e interiorizados, mas que tem capacidade para contrariar e produzir mudanças sociais”.

Neste trabalho, busco entender as significações que, a partir do cotidiano de suas formas associativas, os jovens constroem nas suas relações com uma realidade marcada pelo empobrecimento, expresso nas condições materiais em que historicamente vem vivendo esta população, sendo total ou parcialmente impedidos de acessar direitos como habitação, lazer, emprego, educação, entre outros.

Esta pesquisa pressupõe, ainda, a capacidade que têm esses jovens de, a partir das suas formas associativas, construir saberes. Essa necessidade adquire importância pelo fato de que o ensino, a educação escolar é direito do cidadão. E a Escola tem na sociedade o status de instituição responsável pela socialização e construção de saberes. Contudo, analisando a situação educacional brasileira, é possível perceber que a Escola vive uma situação de crise, que segundo Spósito (2000, p. 89), se traduz num “enfraquecimento da capacidade de ação socializadora da escola sobre a maioria dos jovens que mantém com ela uma relação de distanciamento”. Todavia, a construção de sujeitos de direitos compreende a existência de uma escola que tenha condições de dialogar com o universo juvenil. E compreender um pouco deste universo é uma das preocupações deste trabalho.

Por tudo isso me propus, com essa pesquisa, investigar a dinâmica das **formas associativas** criadas no dia-a-dia pelos jovens da Comunidade Chico Mendes, no intuito de responder a algumas questões que me instigam, ou seja: _ quem são afinal, esses jovens? Por que e para que constroem essas **formas associativas**? São esses, espaços de **resistência cultural**? Que **saberes** são necessários para a constituição desses espaços? Que **saberes** se constroem nesses espaços? Como, a partir desses espaços, os jovens vêm a escola? Tem a escola algo a aprender com esses espaços? E tendo algo a aprender, o que é e como aprenderá? Nesses espaços, se geram novos sujeitos ou autores sociais? São essas formas associativas uma dos modos de expressão do **protagonismo juvenil**?

Respondendo a essas questões, pretendo com a esta pesquisa entender os significados que podem ter as **formas associativas** criadas por jovens, para os jovens que vivem em situação de empobrecimento, bem como compreender como se constitui o **protagonismo juvenil** na vida desses jovens.

Para esse trabalho de investigação coloca-se então, a necessidade de uma compreensão teórica sobre pontos fundamentais trazidos por esta problemática. Algumas categorias são

fundamentais no desenvolvimento desse trabalho: **juventude, formas associativas, resistência cultural, saberes e protagonismo juvenil.**

Partimos do pressuposto que o processo de empobrecimento não tem impedido a construção do **protagonismo juvenil** que, a partir das idéias de Mellucci (1997, p. 05) pode ser entendido como sendo o “desenvolvimento da capacidade reflexiva do eu de produzir informação, comunicação, sociabilidade, com um aumento progressivo na intervenção no sistema, na sua própria ação e na maneira de percebê-la e representá-la” (1997, 05).

A questão do **protagonismo**, nesta pesquisa está intimamente ligada aos **saberes**, tanto escolares quanto os sociais construídos nas formas associativas. **Saber social** aqui entendido como “saber específico elaborado por um grupo social particular em função de suas atividades e das relações que desenvolvem no plano econômico, social, político e cultural” (DAMASCENO, 1995, 21). Estou entendendo que o jovem participa de vários espaços sociais, além daqueles tradicionais como família ou escola, e outros. São muitos os espaços que contribuem para os processos de sociabilidade e socialização juvenil. Grupos esportivos, musicais, *galeras* e grupos de politização, são exemplos. Com relação ao **saber escolar**, podemos aqui relacioná-lo à prática educativa como uma atividade que, de acordo com Oliveira(1987,p.109), tem por função “instrumentalizar o indivíduo, enquanto ser social, para sua atuação no meio social onde está inserido. Essa instrumentalização se refere à aquisição pelo indivíduo do saber escolar, compreendido como ferramenta cultural necessária para a vida dentro de uma sociedade letrada.”.

Por fim, os processos de **resistência cultural**, podemos entendê-los como sendo a capacidade que têm os jovens, e modo especial os empobrecidos, de interagir com situações sociais adversas, criando e recriando estratégias para viver, sobreviver, reviver e sonhar.

Neste sentido tenho como pressuposto a idéia de que as formas associativas juvenis constituem expressões do protagonismo juvenil, por que aí se vivem processos de resistência cultural e constroem saberes significativos.

Estou entendendo que as respostas a essas perguntas resultarão numa importante contribuição teórica ao recente estudo sobre a juventude, em especial sobre a juventude empobrecida, bem como poderá servir de subsídio para a elaboração, proposição e implementação de políticas públicas que se aproximem de forma mais adequada das

necessidades desta camada da população, contribuindo, assim, para que o jovem empobrecido acesse de forma mais plena o exercício da cidadania.

1.3. Olhemos por aqui

Logo no início deste trabalho, ainda na fase de levantamento bibliográfico, ouvi uma pergunta fundamental: - como fazer para olhar o olhar dos jovens da Comunidade Chico Mendes? Este questionamento trouxe outros, no sentido de encontrar maneiras de me localizar como pesquisador numa realidade da qual estava encharcado por dez anos de convivência cotidiana. Era inconcebível imaginar que pudesse encontrar questões diferentes das que eu já sabia. Aos poucos, porém, vim descobrindo e me convencendo não só da possibilidade, mas da necessidade de re-significar minha presença na comunidade: agora, além de morador sou um morador pesquisador.

A proposta de realização desta pesquisa tem como uma das motivações a percepção de que é necessário decifrar as significações dos grupos juvenis de uma comunidade empobrecida, a comunidade Chico Mendes. Daí a opção por um trabalho de pesquisa qualitativa. Este tipo de abordagem, de acordo com Alves (1991, p.54), “parte do pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças-percepções, sentimentos e valores e seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado”.

Esse desvelamento por sua vez se faz pertinente na medida em que, de alguma forma poderá alterar, melhorar, as condições de vida da população pesquisada, neste caso a população juvenil, pois de acordo com Cardoso (1997, p. 96), “um pesquisador capaz de uma boa interação com as minorias ou grupos populares será sempre um porta voz dos seus anseios e carências (...) sua função é tornar visível aquelas situações que estão escondidas e que só por virem à luz, são elementos de denúncia do *status quo*”.

Então, é preciso usar uma metodologia adequada para a percepção de conhecimentos já existentes. Goldenberg (1999), a partir das idéias de Geertz, fala de uma análise interpretativa que possibilita o aparecimento das vivências culturais como *textos vividos, como teias de significados*. Damasceno (1995, p. 20) por sua vez afirma, com relação aos estudos de saberes sociais, que nesta pesquisa correspondem a teias de significados, que o pesquisador coloque-se numa atitude que “valorize a comunicação entre os pólos investigador e investigado, objetivando captar a compreensão que os próprios atores têm acerca de sua

realidade. Isto significa aprender como eles vivem, como pensam, como trabalham, as lutas que empreendem, desvelando assim sua mentalidade, suas direções perspectivas”.

É necessário, ainda, para esta pesquisa, atenção quanto à presença do observador pesquisador, pois todo o processo, desde a abordagem até a análise dos dados forma um todo processual pleno de interações. Neste sentido é importante a observação de Cicourel (1985,p. 108), segundo a qual “a abordagem e organização do grupo a ser estudado requer que seja avaliada a posição do observador em relação aos sujeitos a serem estudados, os meios de acesso, e como o acesso afetará suas relações com os sujeitos”.

Uma outra consideração importante para este trabalho é a capacidade necessária de estar presente numa atitude de escuta, escuta paciente e crítica. Paulo Freire (1996) observa que é preciso ouvir os ditos e não-ditos, ouvir falas, gestos e silêncios. Reforçando esta necessidade, Martins (1989, p. 38) afirma que “não dá para ter idéia do que efetivamente acontece, se ficarmos no limite de uma entrevista, de uma conversa, eventualmente de uma seqüência de entrevistas, de um trabalho etnográfico até perfeito. Saberemos de coisas interessantes, mas não, provavelmente, o que é substancial”.

As idéias acima apresentadas constituem importante elemento para a elaboração de um caminho metodológico que possibilite uma boa compreensão das formas associativas juvenis, seus processos de resistência cultural e de construção de saberes. Para completar essas reflexões, adotei alguns procedimentos que pudessem favorecer a consecução dos objetivos da pesquisa.

Logo me defini por pesquisar o Projeto Nossa Casa, uma forma associativa constituída por um numero aproximado de 50 jovens. Estes se encontram diariamente para realizar e vivenciar atividades de esporte, lazer, cultura, capacitação política, entre outras, constituindo um contexto social onde acontecem encontros de pares, trocas afetivas, pertencimento, organização de grupo, formação e informação, entre outros.

O meu primeiro movimento como pesquisador foi no sentido do acompanhamento sistemático de todas as atividades realizadas pelos jovens, o que constitui aquilo que PAIS (1996) denomina de *acercamento possível da realidade* a ser investigada. Deste modo procurei estar presente, ora participando, ora observando, o maior número possível de atividades onde havia a participação direta ou indireta dos jovens. Considero importante destacar que durante o ano de 2002 busquei estar presente quase que diariamente

na escola onde estuda a maioria dos jovens da comunidade, participando do recreio, das reuniões de professores, nas entregas de boletins, entre outros momentos.

Esta atividade resultou num conjunto de anotações onde procuro descrever situações e fatos importantes da vida da comunidade, e de modo particular do dia-a-dia dos seus jovens. Este conjunto de anotações é constituído de um diário, atas de reuniões e relatórios, estes dois últimos feitos por mim e, em algumas situações, pelos jovens. Às anotações venho acrescentando fatos e situações que tenho guardado na memória, o que constitui um rico material.

Uma importante atividade e que serviu como importante método de pesquisa, foi o acompanhamento da dinâmica político-pedagógica das atividades do projeto Nossa Casa, das quais participei. Esta participação possibilitou captar elementos da ação político-pedagógica do Projeto Nossa Casa, especialmente elementos como a participação, o diálogo, a autonomia e a co-responsabilidade, os quais perpassam todas as atividades e que caracterizam a essência desta Forma Associativa, o que constituem possibilidades e meios de construção do protagonismo. Os instrumentos aqui utilizados foram relatórios, depoimentos, grupos focais e as sínteses dos encontros.

Entre todas as atividades por mim acompanhadas destaco as seguintes:

a. Encontros de Avaliação e Planejamento. Nestes encontros são levantadas questões consideradas relevantes para o dia-a-dia do grupo e que precisam de discussão, bem como se planejam atividades especiais como passeios, cursos, etc. É também nestes encontros que se realiza a avaliação de líderes do grupo e se elegem os novos líderes. Quando existe necessidade, como no caso dos passeios, são divididas as tarefas para os pequenos grupos ou para as pessoas;

b. Curso de Formação de Lideranças Juvenis. Realizado em etapas que acontecem durante os finais de semana, esse curso tem o objetivo de oferecer aos jovens capacitação através da formação e informação a respeito de temas variados, discutidos e escolhidos de acordo com as necessidades do grupo. Uma das vantagens desse curso é que ele permitiu que um grupo representativo e constante pudesse participar de uma mesma atividade. O próprio grupo resolveu que eram necessários critérios para a participação neste curso. E os critérios apontados foram assiduidade, compromisso com todas as etapas, envolvimento no projeto, entre outros. Em uma dessas etapas, quando me delegaram a função de facilitador do tema,

preparei uma discussão nos moldes dos grupos focais¹³. A atividade que caracterizamos como grupo focal se encaixa naquilo que Waiselfisz (1998, p.164), chama de abordagem compreensiva, que segundo este pesquisador, “procura trabalhar o sentido, o conteúdo da manifestação da vida social, própria da atividade dos sujeitos que interagem, exatamente em função de significações (individuais, sociais, culturais, etc) atribuídas tanto à própria ação quanto à relação com os outros”.

c. Café com Livros. Esta é uma atividade onde os jovens do projeto Nossa Casa vivenciam um momento de encontro com um aspecto da cultura humana, a literatura. Ela ajuda atingir um dos objetivos do projeto que é o alargamento dos horizontes, conhecendo mundos e pessoas, exercitando a imaginação, entre outros benefícios.

d. Encontros de Filosofia. Os objetivos principais desta atividade são: ajudar a problematizar a realidade, aguçar a busca de respostas, desenvolver e organizar a capacidade de raciocinar, entre outros.

e. Dança e Biodança. Com estas atividades se procura ajudar a perceber-se como ser completo, inserido no cosmo, encharcado de história, marcado por alegrias e dores, esperanças e medos; a relaxar, aprender a dançar, etc. De acordo com a descrição da educadora responsável, esta atividade atua na integração afetiva, na renovação orgânica e na reaprendizagem das funções originais da vida. Isso acontece através de vivências induzidas pela dança, canto e situações de encontros e grupos.

f. Kung Fu e Tai Chi Chuan. Aqui os jovens podem, entre outras coisas, descobrir o movimento, exercitar a sintonia com o universo, conhecer a agressividade, etc.

g. Recreação: Tênis de Mesa, Xadrez, Futebol e outras. Os objetivos principais destas atividades são praticar esportes, realizar atividades de grupos, acessar o direito ao lazer, cuidar da saúde.

Com o intuito de buscar entender com acuidade a inserção político-afetiva dos jovens na Comunidade e por conseguinte no Projeto Nossa Casa, bem como conhecer um pouco mais de suas histórias pessoais, bem como o seu dia-a-dia, optei pela realização de um encontro em que um grupo, numericamente significativo, pudesse responder a um questionário.

¹³ Esta atividade, descrita de forma mais detalhada, encontra-se na parte dos Anexos com o título de Encontro do Campeche.

Por fim, elegi um pequeno grupo de quatro jovens, que entendo ser os que têm se destacado atualmente para representar o Projeto Nossa Casa, para que pudessem participar de uma entrevista individual que me fornecesse os elementos necessários para entender melhor os processos de resistência.

2. COMUNIDADE CHICO MENDES:

UM CONTEXTO DE JOVENS PROTAGONISTAS

Florianópolis, capital administrativa do Estado de Santa Catarina caracteriza-se, à primeira vista, pelas suas belezas naturais, especialmente a exuberância de suas praias, sendo por isso um importante pólo turístico do Sul do Brasil. Contudo, não é preciso uma pesquisa aprofundada para perceber a existência de uma população que vive em situação de empobrecimento. Num estudo sobre as áreas carentes do município¹⁴, a Prefeitura local aponta a existência de metade dos habitantes vivendo em situação de empobrecimento. Esses dados são confirmados visualmente pela própria paisagem, pois a principal via de acesso à Ilha de Santa Catarina –Florianópolis, é margeada por várias comunidades empobrecidas. E uma dessas é a Comunidade Chico Mendes.

A Comunidade Chico Mendes¹⁵, lugar de realização desta pesquisa, é descrita pela Prefeitura municipal de Florianópolis, como a área que detém a maior concentração de famílias em situação de pobreza, precariedade de infra-estrutura urbana, incremento de problemas sociais e também com áreas de risco. Isso significa que a comunidade possui casas em barrancos, não tem saneamento adequado, as casas são na maioria construídas com precariedade, não existem áreas adequadas disponíveis para a prática de esportes ou atividades de lazer, entre outras demandas não atendidas.

Uma outra característica apontada pela prefeitura local é o alto nível de organização desta comunidade, o que a insere num contexto de consistente fortalecimento em suas associações, inclusive com ações articuladas em prol das melhorias da região.

¹⁴ Relatório fornecido pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, Habitação e Trabalho. Estes são dados obtidos segundo informações deste relatório, a partir de estudos do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicada (IPEA) e dados do IBGE. O relatório data de maio de 2000.

¹⁵ Os dados relativos à Comunidade Chico Mendes citados neste trabalho são fornecidos pela Prefeitura Municipal, em relatório elaborado pela Secretaria de Saúde e Desenvolvimento Social, para o Projeto de Urbanização e Desenvolvimento Comunitário da Região do Chico Mendes – Projeto Habitar Brasil/Bid.

Em recente estudo sobre a cidade de Florianópolis, Fantin (2000) aponta alguns fatos geradores de grandes mudanças, sendo importante destacar que a implantação da Universidade Federal de Santa Catarina, a Chegada da Eletrosul, a expansão do complexo governamental e o asfaltamento da BR-101 são fatos que marcaram, a partir da década de 1960, grandes transformações na dinâmica da Capital do Estado de Santa Catarina. É uma das mais marcantes dentre essas transformações é, sem dúvida, o desencadeamento de um violento processo de especulação imobiliária que, entre outras conseqüências, fez com que o perímetro urbano, até então predominantemente insular, se expandisse na direção do continente. Com relação ao processo de crescimento da população ela escreve o seguinte:

A cidade não é mais só dos seus. Não é mais só daqueles que aqui nasceram. Ela passa a ser de outros "donos", passa a ser compartilhada por outros moradores; outros que encontram na cidade um lugar para realizar seus sonhos, viver utopias, buscar qualidade de vida rareada nas metrópoles; outros que vieram em busca de um simples pedaço de chão e de um modo de ganhar a vida; outros que passaram a disputar o amor pela cidade (FANTIN, 2000, 36).

A maioria das levas migratórias, originárias basicamente do interior do Estado, são na maioria, marcadas por condições de empobrecimento extremo. São famílias que vão perdendo as condições necessárias para a permanência no campo e que, por isso, foram sendo obrigadas a buscarem um simples *pedaço de chão* ou um *modo de ganhar* a vida na cidade. Tal situação interferiu drasticamente na questão habitacional, que já contava um enorme déficit: _ o texto elaborado pela Igreja Católica para a Campanha da Fraternidade de 1992, cujo tema era a Moradia, apontava em Santa Catarina um déficit habitacional de 247.923 moradias.

As condições de pauperização no campo fazem com que as pessoas almejem a capital como possibilidade de acesso a hospitais, postos de saúde, creches, emprego, transportes coletivos, comércio e serviços oferecidos pelo Estado. Junte-se a isso o fato de que a

conjuntura política e econômica faz com que a cidade de Florianópolis seja "vendida" nos meios de comunicação com a "*ilha da Magia*", cidade que "*vale a pena*" etc ¹⁶.

O modelo de desigualdade econômica vigente no país atinge a todos e de modo mais contundente os empobrecidos. Assim, o sonho de uma vida melhor acompanha uma grande parcela da população, apenas como sonho. Para quem é empobrecido do campo e chega na cidade, esta se lhe apresenta com um mundo estranho, hostil. Sader (1988) já constatou que "o processo que do ponto de vista da sociedade é de integração consiste apenas para o migrante na desagregação dos laços de solidariedade a pessoas e grupos sociais" e Lima (2000), por sua vez assinala as dificuldades das partidas e chegadas, "tudo é estranho, cada um precisa buscar meios para a sua sobrevivência e de sua família. As pessoas moram agora num lugar – a cidade – ao qual não pertencem. Agora é preciso começar tudo de novo. É preciso tentar novas estratégias de sobrevivência" (LIMA, 2000, 19).

E com certeza, um dos problemas mais sérios e urgentes para quem chega à cidade é encontrar onde morar. Segundo um diagnóstico de áreas carentes elaborado pelo Instituto Predial e Urbano de Florianópolis (IPUF), em setembro de 1990 esta cidade já contava com 38 comunidades carentes, e Lima (1992) aponta ainda que no Estado catarinense, num período de 10 anos, entre 1970 e 1980, 100 mil trabalhadores do campo chegaram às cidades, não discriminando cidades pequenas ou grandes.

A chegada desse grande contingente populacional desencadeou na cidade de Florianópolis um processo de lutas por terra e moradias. Assim, na década de 1970 já haviam algumas lutas organizadas e expressivas no sentido de solucionar os problemas habitacionais dos migrantes. Estes, juntamente com moradores de aluguel, agregados e outros, assessorados por pessoas da ala progressista das Igrejas Cristãs ligadas à Teologia da Libertação, sindicalistas, alunos e professores das Universidades (Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade do Estado de Santa Catarina), lideranças comunitárias, bem como alguns políticos preocupados com o problema participaram desses processos organizativos. Inicialmente reduzido à forma de assistência, organizada por uma Entidade denominada

¹⁶ Essas são expressões usadas em jingles publicitários feitos e divulgados com o objetivo de atrair investidores para a cidade, especialmente na área do turismo.

Centro de Apoio e Promoção do Migrante (CAPROM), esse processo logo adquiriu caráter reivindicatório, especialmente através do Movimento dos Sem Teto.

E é num contexto de lutas que surge a comunidade do Monte Cristo. Inicialmente "situada no centro de Florianópolis, atrás da Assembléia Legislativa, esta comunidade foi removida para outra área, graças à ação combativa empreendida pela sua Associação de Moradores" Lima (1992). A Área para onde foi transferida, situa-se na divisa dos municípios de Florianópolis e São José e era utilizada e conhecida pelos moradores próximos como o *Pasto do Gado*. A comunidade do Monte Cristo originou o que hoje se conhece como o Bairro Monte Cristo, composto predominantemente por ocupações urbanas, a partir de várias formas de organização, com predominância de moradores migrantes do interior do Estado, além de outros vindos de outros Estados ou mesmo pessoas que, moradoras da Grande Florianópolis, venderam suas propriedades e acabaram morando nas periferias da cidade.

Dowbor (1998), defendendo a necessidade de articulação entre os espaços global e locais define a noção de comunidade como espaços articulados, que propiciam de forma mais direta a solidariedade e a participação, e que a base de ação reativa é o espaço compartilhado no cotidiano. Os moradores mais antigos, participantes de todo o processo de ocupação têm resistido à idéia de que são moradores de favelas. Eles fazem isso especialmente reagindo à ação da mídia que tem definido favela como sendo o lugar de bandidos, *o lugar das carências e das faltas* (ZALUAR, 1994). Um outro fator que leva as pessoas a não se definirem como moradores de favelas é o fato de que as ocupações aconteceram num mesmo período político-econômico, mas com calendários diferentes para cada grupo, sendo que cada um desses grupos logo se organizou em torno de uma Associação de Moradores. Penso que a instituição que mais define a pertença a uma ou outra comunidade é a Associação de Moradores, afinal, esta é a representante legal dos interesses comunitários.

E o Bairro Monte Cristo, dentro desta perspectiva, conta hoje com 09 Associações de Moradores organizadas, definindo então 09 comunidades: Monte Cristo, Nossa Senhora da Glória, Novo Horizonte, Chico Mendes, Nova Esperança, Santa Terezinha I, Santa Terezinha II, Promorar e Panorama. Sendo que as duas últimas não nasceram através do processo de ocupação, mas foram conjuntos residenciais construídos para abrigar funcionários públicos.

De todas essas comunidades, a mais conhecida é a Chico Mendes, cujo nome foi dado por ocasião da realização da 1ª Romaria dos Sem Teto de Florianópolis. As Romarias caracterizaram-se como momentos fortes no processo de organização, ocupação e resistência deste Movimento. São caminhadas que percorrem locais públicos com faixas e cartazes, cantando e celebrando a luta, festejando as conquistas, gritando palavras de ordem,

proclamando e exigindo o direito à moradia. O lema da 1ª Romaria foi "Terra para morar, e não para especular". Saindo da localidade conhecida como *Pasto do Gado*, essa romaria, querendo articular as lutas locais com aquelas mais amplas, quis homenagear o líder

seringueiro morto fazia pouco tempo, em 1988, batizando então uma das comunidades com o nome de Chico Mendes.

Hoje a comunidade Chico Mendes é bastante (des) conhecida¹⁷, pelo menos na cidade de Florianópolis. É famosa, menos por méritos e mais pela (des) informação que faz dessas comunidades empobrecidas, lugares apenas de perigo, de miséria, etc. A Prefeitura aponta que a Comunidade Chico Mendes é marcada por problemas de segurança relacionados ao narcotráfico, o baixo índice de escolaridade, o desemprego, a falta de perspectiva profissional para jovens, explosão de violência, entre outros problemas. Mas os seus moradores insistem em afirmar a história e a vida dessas comunidades pelos aspectos da resistência, do trabalho, da solidariedade e determinação.

No Bairro Monte Cristo, nas comunidades, portanto, existem: um posto municipal de saúde, uma escola de Ensino Fundamental com capacidade para 2000 mil alunos, 02 creches municipais, um batalhão da Polícia Militar, além de várias Ongs que se ocupam especialmente das crianças e dos adolescentes.

Dados recentes – provenientes de pesquisa, já referida, feita no ano 2000 – fornecidos pela Secretaria Municipal de Saúde e Desenvolvimento Social e que muito interessam para este trabalho indicam que existe a predominância de 45% de moradores não economicamente ativos situados na faixa etária a partir dos 15 anos. Existe ainda, segunda a mesma fonte, um percentual de 28% da população na faixa etária entre 15 e 30 anos. Essa mesma Secretaria afirma que são 1.109 famílias residentes na Comunidade Chico Mendes.

Enfim, Chico Mendes é formada por pessoas empobrecidas, ou como define BOFF (1993), são os *marginalizados*, o *lumpesinato*, os *lascados*. É toda essa massa de gente solta, que sobrevive nas margens do sistema econômico, sem um trabalho definido ou reconhecido: desempregados, subempregados, *marginais de toda a sorte*.

¹⁷ Com raras exceções, é comum que os Meios de Comunicação Social, falem bastante da Comunidade Chico Mendes relacionando-a com questões ligadas à violência, miséria, etc, omitindo contudo o cotidiano das pessoas que aí moram, trabalhadores e trabalhadoras e suas histórias de luta por sobrevivência, bem como de suas crianças e seus jovens sonhadores e desejosos de vida digna.

O empobrecimento dessas pessoas, iniciado no campo, acentua-se na cidade. E nunca é pouco repetir, refiro-me a empobrecimento querendo afirmar o choque das estruturas sociais injustas com os desejos de felicidade e cidadania, presente na vida e nos sonhos de todas as

pessoas. O empobrecimento é imposto, construído historicamente, fruto do enriquecimento e acumulação de todas as formas de bens: seja na agricultura, no comércio, na indústria, nas informações, nos saberes, etc. Mesmo sofrendo todo esse processo histórico de empobrecimento, não quero olhar os empobrecidos como apenas vítimas, pois os tenho percebido como pessoas e grupos capazes de criar estratégias de sobrevivência, ou seja, como sujeitos históricos, autores de processos significativos, constituintes de identidade cidadã.

Neste contexto da comunidade Chico Mendes, é importante situar a Associação dos Amigos do Centro de Atividades Comunitárias Chico Mendes. Esta Associação, uma entidade civil sem fins lucrativos, está presente na Comunidade desde 1994. Tem como princípios gerais: 1 - o resgate da auto-estima; 2 - a humanização das relações; 3 - a construção da cidadania. Atualmente existe um coletivo de aproximadamente vinte pessoas trabalhando nesta Organização Não-Governamental (ONG), além daqueles e daquelas que trabalham através de parcerias institucionalizadas por meio de Projetos de Extensão Universitária¹⁸, especialmente com a Universidade Federal de Santa Catarina. Financeiramente, esta casa se mantém através de convênios com órgãos públicos, contribuições de associados e doações.

Crianças, adolescentes, jovens, mulheres e grupos familiares têm sido o centro das atenções de todas as atividades desenvolvidas pela Casa Chico Mendes, o que acontece através de projetos específicos para cada grupo.

O projeto que mais interessa para essa pesquisa é o que recebe o nome, conforme já dissemos, de *Nossa Casa*, do qual participam aproximadamente cinquenta jovens. Esses jovens foram se aproximando da Casa Chico Mendes e, aos poucos, foram constituindo um espaço que hoje lhes pertence. A história da casa Chico Mendes tem sua origem com a presença de vários setores da sociedade no processo de ocupação urbana acontecido especialmente nos anos 1980 na cidade de Florianópolis. Nesta época, mais especificamente

¹⁸ Atualmente a Universidade Federal de Santa Catarina desenvolve dois Projetos de Extensão junto a casa Chico Mendes: 1- Projeto Guarapuvu – Cidadãs Invisíveis: Arte, Política e Educação, que trabalha com um grupo de mulheres, mães das crianças e adolescentes participantes do Projeto Esperanças, no sentido de construção de cidadãs através da arte, e 2 – Projeto de educação para uma consciência espaço ambiental, trabalha com as crianças e adolescentes participantes de Projeto Esperança.

em 1992, eu estava concluindo o curso de Teologia no ITESC – Instituto de Teologia do Estado de Santa Catarina, ligado à Igreja Católica. Juntamente com mais dois colegas

seguidores da Teologia da Libertação, decidimos residir em uma dessas comunidades, sendo escolhida para isso a Comunidade Chico Mendes. Assim, em 1993 nos mudamos para esta comunidade.

Já havia na Comunidade a atuação de outras pessoas, especialmente aquelas ligadas ao Curso de Serviço Social da supra referida UFSC. Um grupo de voluntários, aposentados, micro-empresários, donas-de-casa, profissionais liberais e outros, tinha o costume de levar cestas de alimentos e outros produtos que eram distribuídos às famílias. Começamos então a discutir maneiras de qualificar melhor o trabalho aí realizado, o que possibilitou a fundação da Associação dos Amigos do Centro de Atividades Comunitárias Chico Mendes, hoje conhecida como Casa Chico Mendes. A Casa Chico Mendes é uma construção consideravelmente grande para os padrões da comunidade...

Num processo de discussão entre pessoas e Entidades que atuavam no bairro, a Casa Chico Mendes fez opção de centrar seus esforços em atividades com as crianças e adolescentes. Neste sentido foram criados os seguintes projetos:

- 1) Projeto Esperança que são atividades sócio-educativas para crianças e adolescentes e que acontecem sempre no horário oposto ao escolar. Este projeto pretende ser um espaço onde as crianças possam vivenciar de forma efetiva os direitos preconizados no Estatuto da Criança e do Adolescente.
- 2) Projeto Tecendo Vida, de apoio e orientação sócio-familiar para grupos de famílias indicados pelas Associações de Moradores como sendo os mais empobrecidos. Encontros de formação e informação e encaminhamentos para rede de atendimento são as principais atividades deste projeto.
- 3) Projeto Nossa Casa. Este Projeto, instituído, constituído e mantido por jovens, tem sido espaço importante no sentido de que suas ações constituem elemento importante na vida dos jovens enquanto cidadãos sujeitos de direitos. Capacitação política, cultura, esportes, saúde, lazer, trocas afetivas, experiência de organização, entre outras, constituem atividades fundamentais deste projeto.

Hoje a Casa ainda mantém um ambulatório médico que, em parceria com a Sociedade Brasileira de Medicina Antroposófica, oferece atendimento gratuito nas áreas de Clínica Geral

e Psiquiatria. Além disso, acontecem outras atividades, inclusive as citadas atividades de extensão da Universidade Federal de Santa Catarina. É nesta casa ainda que se encontram as caixas postais comunitárias, o que possibilita que a população receba os mais diversos tipos de correspondências. Além disso, aos sábados uma das salas é utilizada para a catequese e para a celebração da missa.

A Casa Chico Mendes sempre foi um local de grande afluência diária de pessoas, inclusive jovens. Estes começaram a freqüentar a casa de uma forma modesta, tornando-se paulatinamente uma das presenças mais contínuas e marcantes.

Aos poucos fomos percebendo que já existia um grupo constituído, freqüentador da casa. Com a intenção de proporcionar um ambiente mais adequado ao trabalho com as crianças e adolescentes, bem como dar atenção ao apelo que a juventude nos fazia com sua presença constante e insistente, a solução foi negociar um horário para que estes pudessem estar presentes. O horário encontrado foi a partir das 17:30 horas, quando terminavam as aulas do colégio e alguns vinham à casa para conversar, tomar café, e acabavam permanecendo por mais tempo. Com o passar dos tempos o número de freqüentadores foi crescendo, podendo ser visto como dois segmentos: um de freqüentadores assíduos, fixos e outros visitantes periódicos. Aos poucos fomos percebendo a importância do momento, o que nos levou a ir discutindo maneiras de *ocupar o tempo*¹⁹. A primeira iniciativa por parte dos jovens foi adaptar uma mesa de cozinha para que pudesse servir de mesa de ping-pong. Hoje existe uma mesa de tênis em tamanho oficial, aparelhos de TV, vídeo e som, computadores, além de outros equipamentos que foram aos poucos sendo colocados à disposição. Não demorou muito para que esses jovens passassem a constituir e se comportar como um grupo, era uma *forma associativa juvenil* que se instituía na comunidade Chico Mendes.

2.1. Ser jovem é poder dar opiniões

Aos poucos a Casa Chico Mendes foi se constituindo com um jeito próprio de estar presente na comunidade. Resgatar auto-estima, humanizar relações e construir cidadania são objetivos que foram ganhando força a partir das práticas e das falas. Do mesmo modo,

¹⁹ No início, quando pensamos em ocupar o tempo foi no sentido de enriquecer a presença dos jovens com atividades que pudessem corresponder aos seus desejos e necessidades, especialmente com relação ao lazer.

fomos delineando uma proposta pedagógica de ação, o que torna possível estabelecer uma relação de cumplicidade entre a casa e a comunidade.

Neste sentido é importante apontar o fato de que a Casa Chico Mendes tem feito grande investimento na direção de fazer com que as pessoas se reconheçam não mais como público alvo, para quem as ações chegam prontas, mas como participantes, de quem se espera co-responsabilidade e participação. Fomos aprendendo a conversar mediados por atos de concordância ou recusas, falas e silêncios, cantos e danças, passividades e agressividades, maneiras pelas quais nos dizem claramente que a comunidade é capaz, é inteligente e é criativa. Isso tudo tem sido uma descoberta, tem sido um processo.

Um dado muito concreto que de problema tornou-se solução foi a limitação financeira que não permitiu que a casa contratasse pessoas, educadores e educadoras, para desenvolver ações dirigidas para os jovens. A solução foi apostar na capacidade de organização da juventude, o que foi nos ensinando uma nova forma de relação. Deste modo a presença de adultos foi sendo re-significada, ganhando importância não mais por causa da autoridade atribuída à idade, mas por ser uma possibilidade interessante de diálogo. A auto-estima veio crescendo na medida em que os jovens foram se descobrindo capazes de organizar um espaço tão importante nas suas vidas. Nossa intervenção de educadores adultos foi acontecendo no sentido de propor formas de mediar conflitos e de encontrar soluções coletivas que não passassem necessariamente por gritos, agressões, ou mesmo no sentido de agilizar buscas de perspectivas através de métodos de discussão. Simbolicamente, entregar a chave da casa Chico Mendes para os jovens, assim como recebê-la, foi um dos grandes desafios que, tanto de nossa parte quanto da parte dos jovens, tivemos que enfrentar e que vencemos.

O nome *Nossa Casa* foi nascendo aos poucos, caracterizando os sentimentos dos jovens com relação à Casa Chico Mendes. Acolhimento, responsabilidade e liberdade são dimensões fundamentais que se procura cultivar nesta relação.

Hoje são aproximadamente 50 jovens que fazem parte do Projeto. Aliás, a palavra *projeto* foi adotada por eles, penso que para reforçar o sentimento de pertença. Desses, existe um grupo que é assíduo em todas as atividades, as quais foram sendo criadas de acordo com as possibilidades de seu desenvolvimento, inclusive diante das limitações materiais.

As atividades do Projeto Nossa Casa têm sido planejadas no sentido de contribuir e estimular, o surgimento de um autor social que se constitui sujeito, o que pressupõe acesso a cultura, esportes, lazer, convivência comunitária e capacitação política, entre outras. No

sentido de oportunizar a expressão concreta do protagonismo juvenil, todas as atividades são planejadas de forma coletiva, na perspectiva de emancipação do ser humano, considerando as necessidades e possibilidades da condição juvenil. Dentre as atividades podemos destacar as seguintes:

A - Espaço de Lazer e de encontro: Todos os dias, ao final da tarde, eles começam a chegar para jogar ping-pong, conversar, ouvir música etc; Uma vez por semana é dia de assistir filme, os quais são escolhidos de acordo com as preferências de cada segmento. Existem semanas em que eu ou Israel, outro educador que mora na casa, escolhemos filmes que julgamos importantes. Em 2002, inclusive, realizamos uma *Semana de Filmes Clássicos*²⁰;

B - Curso de filosofia: Israel, estudante de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina, fez o convite, que foi aceito, para que pudessem se encontrar para discutir temas desta área. Atualmente, estão lendo e debatendo alguns dos textos e ou autores Clássicos;

C - Time de futebol. Tem participado de torneios e campeonatos fora da comunidade;

D - Café com livros: São encontros semanais onde cada um vai lendo um livro. Para esta atividade separamos uma caixa com vários livros, muitos deles clássicos da literatura universal e nacional, de onde vamos tirando nossas Leituras. Ao final da sessão uma pessoa previamente escolhida faz uma leitura para os demais. Encerramos com um lanche, geralmente café ou chocolate com bolo;

E - Língua Estrangeira: Este é um curso ministrado por uma pessoa voluntária. Atualmente são 08 (oito) os jovens que freqüentam essas aulas.

F - Informática: A casa tem uma sala com 07 computadores que são usados pelos jovens. Atualmente existe um grupo que participa de um curso de Web Designer. Este curso é uma parceria da Casa Chico Mendes com a Associação Nacional de Trabalhadores em Empresas de Auto-gestão – ANTEAG;

G - Biodança: semanalmente é realizada uma sessão de biodança;

H - Dança: Aulas de dança contemporânea, ministradas também por uma educadora voluntária;

²⁰ Os filmes escolhidos para esta semana foram: Ben Hur, Papillon, O Poderoso Chefão, Amadeus e outros clássicos do circuito comercial.

I - Curso de Capacitação de lideranças Juvenis : Com o auxílio de outras Entidades conseguimos nos estruturar para que este curso acontecesse fora da comunidade, o que fez dessa uma experiência mais interessante. Os jovens valorizam a possibilidade de passar um final de semana em outro ambiente. Para este ano os temas escolhidos foram Cidadania, relações de gênero, A Sociedade vista a partir dos Modos de Produção, Saúde: HIV/AIDs e doenças sexualmente transmissíveis, Ecologia e Meio-Ambiente, entre outros ²¹;

J - São realizados ainda passeios, acampamentos, idas ao cinema, etc.

Podemos afirmar que o Projeto Nossa Casa é instituído por dois segmentos distintos. O primeiro diz respeito àqueles jovens que freqüentam a casa, participam das atividades do projeto, mas o fazem de modo esporádico. Estes gostam de vir para encontrar amigos, conversar, participar de passeios, etc. Já o segundo grupo corresponde ao que poderíamos chamar de núcleo, pois é este grupo que consegue dinamizar o conjunto. Estes são mais assíduos e conseguem agir como elos entre todos os participantes. Neste aspecto é importante destacar que bimestralmente realizamos um encontro de avaliação e planejamento quando, entre outras coisas, fazemos a escolha de uma equipe de liderança. Esta equipe sempre é constituída de uma jovem e um jovem. Esta modalidade foi sendo implantada por reivindicação das meninas que se achavam prejudicadas. Esta equipe é encarregada de organizar questões do dia-a-dia (horários, limpeza, recepção de novos e demais assuntos relativos a infra-estrutura.), bem como encaminhar as decisões relativas aos cursos, passeios, andamento quotidiano, etc.

As pessoas que têm vivido estas experiências são jovens, moradores das comunidades de ocupação do Bairro Monte Cristo, das quais falaremos em detalhes mais adiante.

3 OLHARES SOBRE A JUVENTUDE

Um dos grandes desafios para a compreensão da juventude enquanto categoria social é, sem dúvida, encontrar aporte teórico adequado para tal. Afinal são muitos os modos e possibilidades de abordá-la. Neste capítulo enfrentamos o desafio de uma aproximação conceitual da juventude como categoria social para, em seguida, abordá-la a partir de sua capacidade de vivenciar processos onde se apresentam como os protagonistas. Para isso buscamos entender a juventude a partir das formas associativas por ela instituídas. Até aqui já vimos anunciando que entendemos as formas associativas como lugares privilegiados onde os jovens protagonizam contextos de construção de saberes e de resistência cultural.

3.1 Uma olhada Geral

A juventude, pensada de forma simplificada, caracteriza-se por ser uma condição que exerce encanto e perplexidade. Crianças querem alcançá-la mais rapidamente, enquanto adultos nela querem permanecer por mais tempo. Uma aproximação conceitual mais aprofundada da juventude enquanto categoria social, contudo, requer mais que generosidade, exige esforço, atenção e também escolhas. Pais (1996) aponta uma certa atitude vacilante da sociologia com relação ao que ele chama de *representações correntes* da juventude. Segundo este autor as correntes sociológicas acham ser possível observar duas tendências básicas:

i - uma primeira tendência toma a juventude a partir das fases da vida, tomando a faixa etária como critério principal na definição desta fase. Para esse autor, a partir do critério etário, a juventude é representada da seguinte maneira:

Um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada *fase da vida*, prevalecendo a busca dos aspectos mais uniformes e homogêneos que caracterizam essa fase da vida – aspectos que fariam parte de uma *cultura juvenil*, específica, portanto, de uma geração definida em termos etários (PAIS, 1996, p. 23);

ii - a outra tendência é aquela que considera a juventude na sua diversidade, nas inúmeras possibilidades de culturas juvenis. Ainda é Pais que, com relação a esta tendência, afirma o seguinte:

A juventude é tomada como um conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis em função de diferentes presenças de classe, diferentes situações econômicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais, etc. Isto é, nesta tendência, a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por jovens em diferentes situações sociais (PAIS, 1983, p. 23).

Com o propósito de realizar uma abordagem sociológica da juventude, Bourdieu (1983, p. 112) inicia chamando atenção para idade como critério definidor da condição juvenil, como sendo um critério arbitrário, manipulado e manipulável em função de interesses e costumes. Este autor afirma que “as classificações por idade (mas também por sexo, ou, é claro, por classe) acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter, em relação à qual cada um deve se manter em seu lugar”.

Uma contribuição importante ao pensamento de Bourdieu com relação a esta questão é de Margulis, que afirma que estes critérios formam um conjunto carregado de ambigüidades. Este pesquisador afirma que:

Infancia, juventud o vejez son categorías imprecisas, con límites borrosos, lo que remite, en parte, al debilitamiento de viejos rituales de pasaje relacionados con lugares prescritos en las instituciones tradicionales y, sobre todo, en los planos económico, social y cultural (MARGULIS, 1996, p. 13).

Considerando a fragilidade do critério etário, Bourdieu, propõe um outro conceito, o de moratória social, entendido como sendo um tempo em que, com permissão da sociedade, um grupo etário possa viver de tal modo, adotar certos comportamentos e práticas sociais, que permitem defini-lo como Juventude. Para se adotar o conceito de moratória social, contudo, é necessário considerar outros critérios como a classe social, por exemplo. Da classe à qual se pertence depende o modo como se vive o tempo de juventude. Esse *modus vivendi* não se dá da mesma maneira para os pobres, como para os setores médios e altos. De acordo com as análises de Margulis, idade, classe e moratória social não são conceitos que formam um todo suficiente para se compreender a juventude. Segundo este autor:

El tema se complica cuando “juventud” no refiere solo a un estado, una condición social o una etapa de la vida, sino además significa un producto. La juventud aparece entonces como valor simbólico asociado con rasgos apreciados – sobre todo por la estética dominante –, lo que permite comercializar sus atributos (o sus signos exteriores), multiplicando la variedad de mercancías – bienes e servicios – que impactam directa o indirectamente sobre los discursos sociales que la aludem y la identificam (MARGULIS, 1996, P. 15).

Contudo, as incompletudes ou mesmo as possíveis manipulações de tais critérios, não significam que os mesmos possam ser ignorados na construção conceitual da juventude como categoria sociológica, pois, do contrário, correríamos o risco de transformar a sociedade numa massa homogênea, donde tiraríamos conceitos de forma um tanto aleatória, de acordo com cada necessidade, em cada momento. Como um alerta a esse erro, Margulis (1996, p. 15) afirma então que “(...) La juventud depende de una moratoria, un espacio de posibilidades abierto a ciertos sectores sociales y limitado a determinados periodos históricos”.

É neste espaço de possibilidades que a juventude permite, através de suas construções histórico-culturais, sua compreensão como categoria social capaz de

interferir de maneira particular na conformação do tecido social. Muitos pesquisadores não têm hesitado em reconhecer na juventude, nos seus aparentes absurdos, uma possibilidade concreta de renovação, de transformação social. Groppo, por exemplo, afirma que:

acompanhar as metamorfoses dos significados e vivências sociais da juventude é um recurso iluminador para o entendimento das metamorfoses da própria modernidade em diversos aspectos, como a arte-cultura, o lazer, o mercado de consumo, as relações cotidianas, a política não institucional etc (GROPPO, 2000, p. 12).

A juventude aparece então como signo, sinal, que se relaciona com os outros sinais sociais. Mas é preciso considerar que este sinal tem consistência própria, ou seja, não é algo que apenas aponta para outrem, ou a partir de outrem.. A juventude é sinal por que assim se faz. Margulis, por sua vez, aponta que a juventude é sinal, mas não só sinal. A juventude, segundo este autor, não pode prescindir de uma base material vinculada com a idade. A isso ele chama de *facticidade: un modo particular de estar en el mundo*. Então, isso nos remete para o fato de que precisamos olhar para a juventude no contexto das gerações. Afinal, a sociedade não é composta somente por crianças, adultos e idosos. Existe outra geração chamada juventude. Segundo as investigações do autor, junto à idade e à classe, o eixo geracional ganha importância por trazer:

La circunstancia cultural que emana de ser socializado con códigos diferentes, de incorporar nuevos modos de percibir y de apreciar, de se competente en nuevos hábitos y destrezas, elementos que distancian a los recién llegados del mundo de las generaciones más antiguas (MARGULIS, 1996, p. 19).

Quapper (2001), por sua vez, analisa várias formas de se perceber a juventude, afirmando a existência de um leque de possibilidades para tal empreitada, de acordo com interesses e situações. Das versões analisadas por este autor, consideramos importante aquelas que consideram a juventude como a geração do futuro, bem como aquela que afirma ser a juventude um momento da vida em que se deve provar as coisas. Julgamos importante assinalar essas duas versões pelo fato de fazerem parte do senso comum, e que permeiam inclusive os pensamentos daqueles e daquelas que elaboram políticas para a juventude. Com relação à primeira versão, este autor afirma ser, “Una versión (...) que plantea a la juventud como la generación futura, es decir,

como aquellos e aquellas que más adelante asumirám los papeles adultos que la sociedad necesita para continuar su reproducción sin fin”. (QUAPPER, 2001, p. 63).

De acordo com este modo de perceber a juventude é preciso relativizar, ou mesmo negar a importância do momento presente, pois a juventude seria apenas um tempo em que, como na fábula da cigarra, acontecessem muitas coisas que só ganhariam significado num outro momento, ou seja, a juventude seria como que um propedêutico da vida. Da mesma maneira, esta visão nega a possibilidade de autodeterminação, de protagonismo, pois o futuro do jovem é propriedade presente dos adultos.

A segunda versão apresentada por este autor é aquela que coloca o jovem numa encruzilhada constante, pois:

La juventud es el momento de la vida en que se puede probar. Desde ahí surge un discurso permisivo “la edad de la irresponsabilidad” y también un discurso represivo que intenta mantener a las y los jóvenes dentro de los márgenes impuestos” (QUAPPER, 2001, P. 63).

A principal crítica que este autor faz com relação a estas duas versões, e que consideramos importante para este trabalho, é o fato de as mesmas serem adultocêntricas, negando à juventude a possibilidade de se definir a partir de suas próprias manifestações, suas construções culturais, não conseguindo refletir de modo claro a complexidade do tecido social do qual pretende dar conta.

Uma outra idéia importante desse autor é aquela que chama a atenção para o fato de que as idéias não são elementos puros, soltos, ou seja, elas refletem situações, opções, são frutos de contextos. Neste sentido, este autor afirma que:

Cuando en nuestras sociedades se habla de la juventud, se hace referencia a vários sentidos simultáneamente. La necesaria contextualización de los discursos y acciones al respecto, y el reconocimiento de la posición de quién habla, nos emitirán una mejor comprensión de estos discursos (QUAPPER, 2001,p.59).

Vários estudiosos têm buscado na história, nas culturas, o aparecimento da condição juvenil. Feixa por exemplo, aponta basicamente quatro categorias que poderiam corresponder ao que hoje podemos ou pretendemos entender como juventude. Para este autor, são os *Púberes* nas Sociedades Primitivas; os *Efebos* na sociedade

antiga; os *Moços* no Antigo Regime e os *Muchachos* na Sociedade Industrial. Fica então para a era da Sociedade Pós-Industrial o aparecimento da *Juventude*. De acordo com este autor, “la Segunda mitad del siglo há presenciado la irrupción de la juventud, ya no como sujeto pasivo, sino como actor protagonista en la escena pública”. (FEIXA, 1998, p. 18).

O fim do século XIX e início do XX é sinalizado como sendo o tempo privilegiado do aparecimento da juventude enquanto grupo que se faz perceber de forma ostensiva na sociedade, especialmente, na americana e na européia. Acontecimentos históricos como as duas Grandes Guerras Mundiais, as Guerras da Coréia e do Vietnã, a Revolução Socialista da União Soviética, as independências dos países africanos, a criação do Estado da Palestina, as Ditaduras latino-americanas, a quebra da Bolsa de Valores de Nova York, a Revolução Cultural das décadas de 1950 e 1960, entre outros, são fatos que marcam profundamente a humanidade, deixando marcas que ainda hoje se fazem sentir de maneira muito intensa. Especialmente as guerras, causadas por adultos e guerreada por jovens trazem sérios questionamentos sobre o sentido de viver, sobre a capacidade da geração adulta para gerir os destinos do mundo.

De acordo com os estudos feitos por Abramo:

A visibilidade da juventude e sua tematização como problema constroem-se, nesse período, através ou por causa do surgimento de um *comportamento anormal* por parte de grupos de jovens delinquentes, ou excêntricos, ou contestadores, implicando todos, embora de formas diferentes, em um contraste com os padrões vigentes (ABRAMO, 1994, p. 08).

Esta mesma autora acena ainda para o aparecimento, nas primeiras décadas do século XX, de manifestações da juventude que paulatinamente vai *sendo percebida como um sujeito social específico, com experiências, questões e formulações particulares*. É importante ressaltar, ainda, que Abramo afirma que a delinqüência, a rebeldia e revolta, são situações que permitem que se vá paralelamente estruturando um modo de pensar a juventude sem excluir o que, em contraposição, se chamaria de juventude normal, como sendo portadora, *em potência, de possibilidades de descontinuidade e ruptura das regras sociais*.

Sousa (1999) ressalta a *dificuldade em trabalhar um conceito único de juventude*, pois é preciso atentar para o fato de que existem diversas formas sociais de conflito e

solidariedade, possibilitando assim a compreensão de diversas juventudes. Já Spósito (1994), aprofundando essa temática, sugere que a “caracterização do jovem deve ser traçada sob o ponto de vista relacional, ou seja, a partir de uma forma própria de relação que ele mantém com o mundo adulto e, conseqüentemente, de sua busca de distância do universo infantil”.

Margulis (1996, p. 11) aponta a necessidade de superação de um conceito que se concentre apenas em condições relativas, como a idade:

Juventud es un concepto esquivo, construcción histórica y social y no mera condición de edad. Cada época y cada sector social postula formas de ser joven. Hay muchos modos de experimentar la juventud, y variadas oportunidades de presentear e representar la persona en las múltiples tribus que emergen en la estallante sociedad urbana.

Num esforço de conceituação da juventude como categoria social, Abramo (1994) aponta o que ela chama de noções básicas e amplamente generalizadas, caracterizadoras dessa condição. A partir dessas noções pode-se dizer que a juventude é situação de passagem, portanto, cronologicamente indefinida. Essa indefinição se refere ao fato de que não se é mais criança, mas também não se é adulto, o que possibilita relativizar também a questão dos direitos e deveres. É tempo também de construção de uma identidade mais independente. Por fim, é um período de agitação, tensão, rupturas abruptas e profundas, convivendo com o cerceamento das possibilidades de participação e decisão. Isso tudo, ainda segundo Abramo, traz consigo a possibilidade de rupturas do processo de integração do jovem à ordem, da transmissão da herança cultural ou mesmo da ordem social.

Sousa (1999) busca sintetizar alguns pontos conceituadores da condição juvenil. O sentido marginal e limítrofe de seus papéis sociais; o espelhamento da imagem de sua sociedade; uma construção social num emaranhado de relações sociais específicas e ligadas à contextos históricos distintos; um momento de entrada na vida pública, quando novos valores se colocarão diante dele e posições diversas serão assumidas; são enfim:

“um recurso do qual a sociedade dispõe e do qual se utiliza para modificar-se; uma fase crucial para a formação e para a transformação do indivíduo, quer na maturação de seu corpo e de seu espírito, no que diz respeito às escolhas que o inserirão, definitivamente, na institucionalidade da vida social” (SOUSA, 1999, p.23).

Precisamos, contudo, estar atentos para o fato de que mesmo que teoricamente tenhamos idéias um pouco mais claras, a realidade é sempre conflituosa, aberta a novas possibilidades ou mesmo passível de impossibilidades.

Mellucci (1997) afirma que mais que condição biológica, hoje a juventude é uma condição cultural. Seguindo esta linha de pensamento, Peralva (1997), baseando-se especialmente nas idéias de Phillippe Áriès, reflete sobre a construção da idéia de jovem como modelo cultural. Segundo esta autora:

Não por acaso, parte considerável da sociologia da juventude constituir-se-á então como uma sociologia do desvio: jovem é aquilo ou aquele que se integra mal, que resiste à ação socializadora, que se desvia em relação a um certo padrão normativo. (PERALVA, 1997, p. 18).

Neste trabalho, quando ensejamos uma busca conceitual da juventude como categoria, julgamos importante trazer à tona a contribuição do Estatuto da Criança e do Adolescente²², que busca romper com o pensamento vigente segundo o qual as pessoas com idade inferior a dezoito anos, especialmente os pobres, são vistos como desviados em relação aos padrões normativos, sendo, por isso, chamados de menores. Aqui é importante ressaltar a construção, no nosso país, das idéias de criança, adolescente e jovem. Convivemos, ainda diariamente, com a mentalidade segundo a qual os jovens e adolescentes pobres são sinônimos de menor. Quando nos apropriamos do Estatuto da Criança e do Adolescente para conceituar a juventude, o fazemos por causa da noção trazida por essa Lei, a noção de Sujeitos de Direito. Este novo *status* legal substitui a figura do menor que historicamente foi sendo construída no Brasil especialmente com

²² O Estatuto da Criança e do Adolescente é a lei que regulamenta o artigo 227 da Constituição Federal trazendo um novo reordenamento jurídico para questões da Criança e do Adolescente. De acordo com Sandrini, 1995, este estatuto foi tecido no âmago das lutas populares pela redemocratização do país, tendo como ponto fundamental a concepção de criança e adolescente como Sujeitos de Direito, em substituição à visão assistencialista-repressora da lei anterior – Código de Menores de 1979.

relação aos pobres, num sentido de desqualificação, com conseqüentes práticas sociais, sendo a mais comum aquela do controle, assistência e tutela por parte do Estado.

Neste sentido, Telles já assinala em seus trabalhos que:

É por isso que no lugar onde deveria existir o cidadão que exerce seus direitos enquanto poder de ação e representação, existe o “pobre” – figura desenhada em negativo: fraco, carente, desprotegido – que só encontra lugar na tutela estatal ou na proteção caridosa da filantropia privada (TELLES, 1992, 5).

Outra contribuição muito importante para esta reflexão é de RIZZINI, que procura fazer um resgate histórico da situação da criança e do adolescente no Brasil. Segundo seus estudos, até o início do século XX

Não se costumava fazer distinção entre a fase da infância e da adolescência. No início do século XX, ao contrário, aparecem menções ao púbere, ao rapaz e à rapariga, normalmente em associação ao problema da criminalidade. O termo delinqüência juvenil, que anos mais tarde será muito freqüente, tem no início do século, suas primeiras referências. Além disso, nota-se que o uso corrente do termo menor dotado de uma conotação diferente da anterior: (...). ser menor era carecer de assistência, era sinônimo de pobreza, baixa moralidade e periculosidade (RIZZINI, 1997, p. 222).

A aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente, e, portanto, o reconhecimento por parte da sociedade de que esta parcela da população tem o status de sujeito de direito tem um caráter importante pelo fato de ser fruto de mobilização da sociedade, especialmente da Pastoral do Menor e do Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua. Portanto, não foi concessão, mas uma conquista²³. Isso confere ao jovem o reconhecimento de sua capacidade de construir ações importantes capazes de colocá-lo no mesmo patamar dos demais protagonistas sociais. Ele é capaz de se definir positivamente diante da sociedade, ele é, portanto, *autor social*. Passeti alerta para o fato de que a condição de sujeito de direitos é essência da lei, não permitindo portanto outros entendimentos. Segundo este autor:

²³ Sobre este momento da história dos jovens no Brasil ver Graciani (1997).

É importante lembrar que toda e qualquer interpretação das disposições do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA - deve se ater ao fato de que ela é uma lei que visa garantir a “proteção integral à criança e ao adolescente”(art. 1º), implicando que sejam absolutamente respeitados seus direitos à vida, à alimentação, à saúde, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, à liberdade e à convivência familiar (art. 4º). (PASSETI, 1999, p. 115).

Enfim, estou propondo, ou melhor, estou reforçando algumas teses formuladas de que a conceituação de juventude considere o fato da existência de uma juventude que se faz, que se constrói cotidianamente como sujeito de direitos.

3.2 Saberes sociais e resistência cultural: expressões do protagonismo

Os adultos, e mesmo a sociedade em geral, não têm necessidade de olhar para o jovem com atitudes apenas baseadas na proteção, na desconfiança. É possível percebê-lo como um *outro dialogante y constructor de alternativas*. Com seus jeitos de viver, de se organizar, de pensar “el joven és protagonista de la nueva representación y de la reorganización social”.(GUZMÁN: MEJIA, 1997, p. 60).

A construção de saberes significativos e a criação de estratégias de sobrevivência, de resistência cultural, permitem que as formas associativas juvenis sejam entendidas como espaço de construção e de expressão do protagonismo juvenil. Nesta perspectiva, estudando as formas de inserção política da juventude Gusmán e Mejia afirma que:

Allí construye como una coraza, una forma de agrupameinto que le permite afirmar-se y hacer resistencia; de manera non institucional reorganiza estratégias para sobrevivir en la vida cotidiana y establece formulaciones metodológicas para el vivir, consensos que le permiten reconstruir una nueva subjetidad. (GUZMÁN; MEJIA, 1996, p. 67).

O jovem que não encontra significado nas formas tradicionais de luta por melhores condições de existência, cria as suas próprias maneiras de interferir na sociedade no sentido de garantir sobrevivência, lazer, pertencimento, acolhimento e reconhecimento. Enfim, ele é autor social de processos vivos de superação da exclusão

social. Estas formas não podem ser ignoradas pela sociedade. De acordo com o pensamento de Sandoval:

Para su desarrollo integral y armónico la sociedad necesita de la participación de los jóvenes: sin embargo, éstos se hacen visibles al conjunto de la sociedad través de diferentes manifestaciones que no guardan relación con las expectativas que se tienen de ellos (SANDOVAL, 2000, p. 147).

3.3. A juventude e suas práticas de resistência

Numa observação, ainda que pouco atenta, é possível perceber que os meios de comunicação social têm reservado grande espaço à juventude. São muitos os programas, filmes, propagandas e notícias a respeito ou dirigidos a esta parcela da população. Porém, é necessário observar com um pouco mais de acuidade para ver que os jovens são geralmente tratados, ora como consumidores, ora como problema social. Ainda não aprendemos a considerar a juventude a partir das suas próprias possibilidades.

Em estudos aos quais vimos nos referindo, chamamos atenção para o dia-a-dia dos jovens e adolescentes, seu cotidiano onde se vivem ricos processos de resistência, e para o fato de que existe entre eles “uma vontade de viver melhor (...), um orgulho em ser honesto e uma prontidão para mudar suas vidas” (LIMA, 2000).

Todavia, essa resistência e essa vontade de mudar, não são canalizadas naquilo que conhecemos como formas clássicas de ações coletivas e de movimentos sociais. Os jovens são capazes de criar meios, as formas associativas, por exemplo, para fazer acontecer em suas vidas aquilo que Freire chama de vocação humana:

Vocação negada, mas também afirmada na própria negação. Vocação negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores, mas afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada (FREIRE, 1987, p. 30).

Coerente com a visão de ação coletiva proposta por Mellucci não se pode pensar numa cidadania para depois, numa humanidade como promessa, ou como meta apenas.

Ao analisar paradigmas classicamente usados para a compreensão da condição juvenil, Sandoval (2000, p.148) chama a atenção para duas vertentes clássica e largamente utilizadas: i - em primeiro lugar ele aponta a perspectiva do jovem *rebelle, revolucionário, estudiante universitario y politizado*, construída a partir da década de 1960. Ele proclama que nem todos os jovens são assim, ou seja, “simplesmente estamos afirmando que no todos los jóvenes estaban en essa perspectiva, que había muchos otros (anónimos) que no se pronunciaban al respecto o simplemente seguían la moda del momento”; ii - outro paradigma importante é aquele do jovem consumidor apenas, alienado dos conflitos e problemas. Segundo este autor:

Este paradigma está determinado desde uma matriz productivo-consumista, privilegiando acciones individuales/individualistas, en constante interacción com el mercado, relegando a segundo plano acciones de tipo coletivas, em constante interacción com el grupo de pares congregados en torno a un ideal común (SANDOVAL, 2000, p. 148).

Neste trabalho, valorizamos o pressuposto de que a participação da juventude é necessária para que haja uma sociedade dialogante, dinâmica. Assim, para além das idéias cristalizadas do jovem revolucionário, contraposto ao jovem reacionário, consideramos a idéia do jovem protagonista, autor social. Com isto, não estamos afirmando que o jovem é o responsável por todas as transformações, como se fossem os *salvadores del mundo*, do mesmo modo que não negamos o fato de ser a juventude autora também de contradições.

Para isso nos apoiamos nos estudos de Sousa que faz alusão às mudanças ocorridas com relação à presença juvenil na cena política. Segundo esta autora,

os meados desta década foram marcados por um novo tipo de expressão coletiva, que introduzia outros fatores, organizados sobre outras referências, não ligadas às esferas e aos canais clássicos de representação social (partidos, governos, esferas institucionais, etc), redescobrimo novos modos de intervenção social que exigiriam um novo olhar sobre a expressão política do cidadão comum (SOUSA, 1999, p. 80).

E os cidadãos comuns, quaisquer que sejam as suas práticas políticas, nascem e vivem, de acordo com Heller (1998) inseridos em sua quotidianidade, pois “a vida cotidiana não está *fora* da história, mas no *centro* do acontecer histórico”.

Estamos entendendo que o quotidiano dos jovens em situação de empobrecimento está carregado de práticas transformadoras, as quais precisam ser consideradas. Analisando as ações coletivas contemporâneas, Mellucci ((2001, p. 82) afirma que para muitos grupos não interessa tanto a conquista do controle do aparelho de Estado quanto “uma vontade de controle imediato das condições de existência e das reivindicações de um espaço que indicam independência do sistema”. Uma outra idéia deste mesmo autor, corresponde àquela de Heller de que o quotidiano está grávido de práticas com forte significação política, se analisada sob outros parâmetros:

Ele afirma, por exemplo, que “os movimentos nas sociedades complexas são redes submersas de grupos, de pontos de encontro, de circuitos de solidariedade que diferem profundamente da imagem do ator coletivo politicamente organizado (...) a agregação tem caráter cultural e se situa no terreno da produção simbólica na vida quotidiana (MELLUCCI, 2001, p. 97).

Isso permite que possamos atentar para o quotidiano dos jovens, seus comportamentos e práticas, para percebermos ações de resistência. De acordo com Guzmán e Mejia é necessário perceber os novos lugares de socialização, reorganizadores da subjetividade e reconstrutores da integração coletiva. Estes autores oferecem um importante conceito para interpretar os elementos da cultura juvenil, o que eles chamam de impugnação silenciosa, que pode ser entendida, numa primeira aproximação, como uma maneira de interação juvenil com o mundo dos adultos, com a cultura estabelecida. Estes autores entendem que,

La impugnación silenciosa forma parte de códigos muy profundos que no se resuelven con la irrupción del mundo adulto en ese terreno. Sólo la construcción del protagonismo juvenil con manifestaciones plenas de su inconformismo y con la representación clara y propia de sus problemas e dudas, permite que la impugnación silenciosa encuentre unos cauces de identidad, unas formas distintas de organización que se sitúen sobre el tejido social de modo que se pueda recomponer y que permita la expresión de lo silenciado (Guzmán; MEJIA, 1997, p. 215).

Também consideramos importante para entender o comportamento juvenil, mais especificamente o comportamento de jovens em situação de empobrecimento, a análise feita por Chauí (1986), mostrando que é necessária uma grande atenção para separar aquilo que pode caracterizar conformismo daquilo que manifesta atitude de resistência. Segundo esta autora, além de atos deliberados de resistência, existem nos meios populares, práticas cuja lógica as transforma em atos de resistência. Esta autora afirma que existem, na cultura popular, expressão dos dominados, “as formas pelas quais a cultura dominante é aceita, interiorizada, reproduzida e transformada, tanto quanto as formas pelas quais é recusada, negada e afastada, implícita ou explicitamente pelos dominados”. (CHAÚÍ, 1986, p. 24)

Existem com certeza, muitas práticas que poderiam ser entendidas como práticas de resistência. Entendo que as duas são importantes: a instituição de formas associativas e, nestas, a construção de saberes. Entendemos que estas duas estão intimamente ligadas ao cotidiano dos jovens em situação de empobrecimento, pois, como afirma Spósito (2000, p. 83), é “a partir do sofrimento do indivíduo dilacerado e da relação entre sujeitos que o desejo de ser sujeito pode se transformar em capacidade de ser um ator social”.

3.4 A construção de saberes

A sociedade brasileira tem presenciado, especialmente nos últimos anos, através de propagandas governamentais, grandes investimentos em campanhas, incentivos, conselhos e outras formas de fazer com que todos, especialmente crianças, adolescentes e jovens, estejam na escola.

Por outro lado, existe, ainda, um discurso cristalizado a favor da escolarização, confirmando ou reafirmando a escola como instituição social responsável pela

construção dos saberes sistematizados, bem como capacitada para a socialização humana, como confirma o pensamento de Peralva (1995, p.48), segundo o qual:

A escola, além do seu papel específico de lidar com a cultura, com os conhecimentos socialmente produzidos e com habilidades mínimas de uma sociedade letrada, tem também a função de criar redes significativas de socialização e de sociabilidade, necessárias à construção de suas identidades individuais e coletivas.

É importante compreender, então, que tipo de cultura se produz a partir da ação da escola, uma cultura baseada numa concepção de mundo letrado. Deste modo, a escola, de acordo com as análises de Oliveira,

Desenvolve uma prática educativa como uma atividade que tem por função instrumentalizar o indivíduo para sua atuação no meio social onde está inserido. Essa instrumentalização se refere à aquisição pelo indivíduo do saber escolar, compreendido como ferramenta cultural necessária para a vida dentro de uma sociedade letrada (OLIVEIRA, 1987, p. 109).

O saber escolar, contudo, deve ser visto a partir de uma compreensão mais ampla de saber . Neste sentido corrobora a análise de Charlot (2001, p. 63) segundo a qual:

O saber é construído em uma história coletiva que é a da mente humana e das atividades do homem e está submetido à processos coletivos de validação, capitalização e transmissão. Como tal é o produto de relações epistemológicas entre os homens (...) assim sendo, as relações de saber são, mais amplamente, relações sociais.

É importante destacar desse enunciado a questão do saber como relações, pois são essas que contribuirão para maior ou menor significação do saber, “um saber só tem sentido e valor por referência às relações que supõe e produz com o mundo, consigo, com os outros” (doc. cit.), continua Charlot.

A partir dessas premissas podemos analisar as relações construídas entre juventudes empobrecidas e saberes escolares. Aqui é importante o pensamento de Marques (1995) quando afirma que:

É preciso observar que o jovem rejeita aquilo que o conhecimento pode lhe oferecer muito mais pela não compreensão das razões pelas quais deve aprender o que lhe é apresentado, pela distância entre conteúdos formais e a realidade cotidiana, do que pela sua função inculcadora, como que querem alguns educadores” (MARQUES, 1995, p. 155).

Pesquisando em vários países a relação que os jovens estabelecem com o saber, Charlot (2001) traz importantes contribuições no sentido de possibilitar uma reflexão sobre a experiência escolar, especialmente a partir das respostas que os jovens dão quando perguntados sobre o que aprenderam e o que gostariam de aprender.

Eles adquiriram aprendizagens de base (andar, falar, cuidados pessoais, esportes, e outros). Eles aprenderam e querem aprender a se comunicar com os outros, a ser bem educados, a se comportar como é preciso, a distinguir o que é bom e o que é mau e a não adotar comportamentos que lhe pareçam perigosos para a sua integridade; eles aprenderam e querem aprender a “respeitar e a serem respeitados” (CHARLOT, op. cit., p. 146).

Os jovens falam pouco, relativizam os conteúdos escolares, ao mesmo tempo em que falam da importância de aprender conteúdos para uma profissão no futuro, não vendo significados importantes naquilo que se ensina na escola. Isso corrobora com a análise seguinte que aponta para o:

Enfraquecimento da capacidade de ação socializadora da escola sobre a maioria dos jovens, que mantêm com ela uma relação de distanciamento construído no interior da condição de aluno (...). Para aqueles que não estruturaram uma experiência positiva com a instituição escolar, o seu processo de subjetivação ocorre fora ou contra a escola (SPOSITO, 2000, p.90).

Damasceno (1995, p. 62) cita três orientações básicas de como as camadas populares percebem a escola: 1) escola enquanto instrumento para a normatização da vida social, como atividade equivalente ao trabalho; 2) escola como meio para melhorar as condições de vida; 3) escola como instrumento de socialização de saberes importantes para a construção de cidadania e da própria identidade social. Para esta pesquisa ressalto a terceira perspectiva que aponta para o fato de que:

A escola concebida como instância que socializa o saber produzido pela sociedade, porém, o saber trabalhado pela escola não pode desconhecer o saber gerado na prática social do grupo; este saber social deve necessariamente ser urdido na prática pedagógica realizada pela escola. (DAMASCENO, op. cit. p. 36).

Este recorte se faz importante pelo fato de que esta pesquisa considera os saberes sociais construídos nos grupos como elemento de relevo na construção de sujeitos sociais, protagonistas da história.

Sousa e Durand (2002) fazem uma importante reflexão sobre as experiências educativas da juventude, sustentando um diagnóstico segundo o qual a escola como *instância socializadora* tem pautado suas ações a partir de um *modelo cultural* em crise, o que a tem caracterizado como meio de conter, controlar, vigiar *energias desordenadas*, disciplinando-as. E elas continuam, apontando para a necessidade de que a sociedade veja no jovem uma possibilidade real de rompimento desta situação e geração de novas perspectivas. Para isso, se faz necessário considerar a importância das experiências que a juventude vem protagonizando, apresentando-se como possibilidade real de construção do novo. Segundo essas autoras:

Ao gestarem novas experiências na sua vida cotidiana, expressam negação institucional e criam formas de contraposição à ordem. A maleabilidade, a capacidade de mudança, a adaptação das expressões escolhidas como forma de recusas às instituições são atravessadas por experiências tênues de auto-gestão e outras formas associativas que originam a lógica da sociabilidade juvenil (SOUZA; DURAND, 2002, P. 175).

Por fim, elas conclamam para que a instituição escolar abra os olhos para as experiências extra-muro, mas que não o faça, porém, como acontecimento episódico, especial, mas que este abrir de olhos seja cotidiano, seja paradigma do projeto político pedagógico escolar.

Coloca-se aqui a questão da articulação entre vida escolar e aquela das formas associativas. Os dois espaços são construtores de saberes que, juntos, podem tornar-se significativos na construção de identidades protagonistas. Charlot (2001, p.17), por exemplo, fala da perplexidade diante de jovens que “com poucos recursos para tarefas escolares que envolvem a linguagem, revelam-se bem falantes nas interações grupais ou na produção de textos de Rap”.

Consideramos importante neste aspecto a reflexão de Mellucci (2001) a respeito do que ele chama de *leitura dos novos movimentos sociais* que, no sentido de mudança social, pode ajudar a entender as formas associativas juvenis com todos os seus significados como algo de novidade, como uma janela através da qual se pode vislumbrar novos horizontes para os desgastes sociais. A respeito disso, o autor afirma que:

Os jovens podem, portanto, tornarem-se atores de conflitos por que falam a língua do possível; fundam-se nas incompletudes que lhes define para chamar a atenção da sociedade inteira para sua própria existência ao invés de submetê-la; fazem exigência de decidir por eles próprios, mas com isto mesmo reivindicam para todos este direito (MELLUCCI, 2001, p. 102).

A desagregação causada pela dinâmica excludente da cidade, a exclusão, fruto da implantação de políticas neoliberais e, por outro lado, os sonhos de felicidade, a necessidade de cidadania, fazem com que os jovens busquem formas de localização pessoal no contexto em que vivem. Isso acontece através das críticas, da análise, da negação de algumas situações. As análises de Spósito (2000, p. 77) confirmam estas idéias, especialmente quando afirmam que

Seriam os jovens, assim, apenas a expressão radical de uma sociedade que esgotou as modalidades públicas da construção de sujeitos e atores, voltando-se sobre si mesma, em um momento de exacerbação da esfera íntima e de interesses de natureza individualista.

Disso, pode-se deduzir que as formas associativas juvenis expressam a senilidade do tecido social, ao mesmo tempo que afirmam a possibilidade de revitalização. E a construção de saberes é campo privilegiado de onde se pode inferir uma dialogicidade necessária. As experiências juvenis apontam novos resultados possíveis, ao mesmo tempo em que trazem caminhos metodologicamente diferentes.

É aprender a vida, ou como reflete o dizer que se segue: “aprender pela vida, sozinho, é observar e refletir. Estabelecer relações entre coisas que vimos ou eventos que vivem” (CHARLOT, 2001, p. 188). É esse aprender pela vida, sozinho, que traz a necessidade de uma reflexão sobre a vida escolar dos jovens. E a educação escolar é aqui analisada do ponto de vista das políticas para *inclusão excludente* (MARTINS, 1997).

3.5 As formas associativas: lugar privilegiado de resistência e de construção de saberes

Existem lugares ou situações onde se vive experiências importantes para que o indivíduo se construa como pessoa através de relações ricas de significados. Essas situações ou lugares, para esta pesquisa são as formas associativas juvenis, que, de acordo com Durand (2000), são grupos instituídos e constituídos por jovens para responderem as suas necessidades de pertença e identificação, entre outras. Nakano (1995), por sua vez, aponta as formas associativas como lugar onde o jovem se torna protagonista, pois aí ele ganha existência, estabelece relações significativas, numa forma de organização mais ou menos estruturada..

Todos nós temos necessidade de encontrar formas de inserção na comunidade humana, mesmo que isso aconteça pela oposição sistemática à mesma. Somos seres relacionais, não importando a qualidade da relação. É a partir desta perspectiva que entendo que os jovens têm buscado, de múltiplos modos, constituir-se como pessoa a partir dos grupos, pois estes são espaços privilegiados de individuação, sociabilidade e construção de cidadania.. Um estudo sobre socialização e sociabilidade juvenis afirma que:

Nossa identidade se fundamenta sobretudo em uma relação social que se forma pelo reconhecimento recíproco em uma relação social entre nós e os outros. Ela ocorre numa tensão irresolúvel entre a definição que temos de nós mesmos e o reconhecimento dos outros. A identidade comporta uma diferença entre a auto-identificação e a identificação dada pelo exterior (DURAND, 1999, p. 40).

Arce (1999, p. 75) chama atenção para o fato de que a cultura dominante tem procurado negar que o jovem das periferias urbanas seja capaz de expressões importantes. De acordo com este autor, “as perspectivas dominantes estabeleceram que nas zonas e bairros populares havia delinquentes, desocupados ou trabalhadores, mas não movimentos juvenis”.

Contrariando tendências e práticas que valorizam com maior ou menor intensidade o individualismo, os jovens têm buscado cada vez mais os seus pares, formando grupos os quais se constituem chaves de leitura fundamentais para a compreensão do fenômeno juvenil. Na mesma direção desta idéia, Guzmán e Mejía (1997, p. 212) afirmam que: “si el encuentro de pares se ha convertido en el lugar básico donde los jóvenes resuelven su identidad, las comunicaciones educativas se perfilan como actividades que reconstruyen en buena forma el horizonte en el cual ellos se mueven”.

Neste sentido, entendo que o processo de resolver identidades pressupõe a aceitação da experiência por vezes conflituosa de pertencimento à comunidade humana, o que para este trabalho, acontece de forma privilegiada através da mediação de grupos, as formas associativas, onde o jovem se faz protagonista da sua condição. Então, podemos entender as formas associativas juvenis como estratégia que contribui para o que Dagnino (1994) chama de emergência de uma nova noção de cidadania. De acordo com esta autora, a nova noção de cidadania a que se refere é aquela que:

(...) organiza estratégias de construção democrática, de transformação social que afirma um nexo constitutivo entre as decisões da cultura e da política, incorporando características da sociedade contemporânea, como o papel das subjetividades, a emergência de sujeitos sociais de novo tipo (DAGNINO, 1994, p. 104).

Por fim, essa mesma autora apresenta a cidadania como estratégia dos cidadãos, dos excluídos, uma *ciudadania de baixo para cima*.

A participação política da juventude tem sido analisada normalmente com categorias que cumpriram seu papel, em momento recente da nossa história, mas que não têm dado mais conta de ajudar a entender a inserção juvenil na realidade, através de novas expressões políticas.

Abramo (1994) aponta o aparecimento, no fim dos anos 1980, de grupos juvenis articulados em torno de estilos espetaculares que se fazem notar por causa da música, da roupa e de adereços, da postura e do comportamento no lazer. São eles os punks, os roqueiros, carecas, darks, rastafáris, rappers e outros. Segundo esta autora, esses grupos constituem um fenômeno característico do universo juvenil da última década.

Estes personagens parecem contrastar com a imagem de uma juventude politizada, contestadora da sociedade dos anos 1960. E essa autora chama ainda a atenção para estudos cujo foco de interesse foi sempre o de buscar caracterizar a juventude considerando somente o binômio alienação/revolução, em detrimento de interesse por outras dimensões. Deste modo, o modelo comportamental, revolucionário, contestador dos jovens dos anos 1960 passou a determinar a cristalização de uma “essência da condição juvenil como portadora de utopias e de projetos de transformação” (ABRAMO, 1994, p. 13).

As formas associativas juvenis constituem importante canal de expressão através do qual a juventude pode se fazer presente na cena política, com ações que não se caracterizam de modo idêntico ao daquela juventude que saía às ruas, fazia passeatas, gritava palavras de ordem. Arce fala da existência de um novo sujeito social. Seus estudos afirmam que:

Durante as décadas de 1970 e 1980, apareceu um novo ator social juvenil: o jovem das favelas, das zonas e dos bairros populares. Eles haviam estado aí por muito tempo, mas agora conseguiam maiores âmbitos de expressão, construía novas formas de recriação e de resistência cultural (...) a resposta social dominante tratou de reduzi-los à imagem ameaçadora de delinqüência e crime, mas suas redes sócio-culturais resultaram mais fortes do que o imaginado (ARCE, 1999, p. 79.).

Souza (1999, p.80) contudo, analisando a presença juvenil na cena política propõe a busca de novos olhares. Diz ela que:

Nossos tempos são marcados por um novo tipo de expressão coletiva que introduz outros fatores, organizados sobre outras referências, não ligadas às esferas e aos canais clássicos de representação social, redescobrimo novos modos de intervenção social que exige um novo olhar sobre a expressão política do cidadão comum.

Esse novo olhar permite uma percepção que ultrapassa a idéia do jovem contestador, característica da juventude dos anos 1960 em que o Estado, o Exército, o Capitalismo eram os inimigos declarados, paupáveis. Aqui nos referimos especialmente às manifestações da juventude contra as guerras, contra o Imperialismo econômico-

cultural americano, contra as ditaduras militares na América Latina, entre outros acontecimentos que fizeram com que a juventude se manifestasse de forma ostensiva.

Carrano (2000), por sua vez, aponta que o contínuo movimento da realidade torna ultrapassadas as categorias ou idealizações políticas significadoras dos movimentos sociais da juventude. Spósito (1994) ressalta que os conflitos e ações coletivas das décadas de 1960 e 1970 têm como objetivo a implantação ou aquisição de bens, equipamentos ou condições com valor reconhecidamente coletivo. Contudo, aponta que atualmente “percebe-se que esta forma de constituição da ação coletiva tem pouco sensibilizado os setores jovens” (ibid. p.163). É importante notar que é esse mesmo refluxo que tem atingido os sindicatos e os partidos políticos pelo fato de faltar uma renovação geracional.

Então, se não é mais tão forte o movimento estudantil; se existe uma parcela de jovens que não estão encontrando significados que justifiquem a sua participação em partidos, sindicatos ou outras formas clássicas de organização, onde estão atuando politicamente?

Durand (2000, p. 47) estudando processos de sociabilidade e socialização de jovens na atualidade diz, com relação ao segundo, que:

As constantes mutações e a movimentação própria das transformações sociais no espaço em que essa juventude vive e convive traduzem instabilidade e rupturas de processos. A sociedade presencia processos novos de construção de indivíduos que vão ao encontro das novas relações e aprendizados, constituindo múltiplas redes relacionais que, ao mesmo tempo em que lhes possibilitam uma gama de opções, os limitam à escolha de papéis e códigos sociais. Esse instigante jogo pode liberar a criatividade, permitindo o afloramento das múltiplas identidades desses indivíduos.

Compreender, decifrar essas múltiplas redes relacionais é fundamental para entender a maneira pela qual os jovens têm significado sua presença no mundo. Para a compreensão dessas redes relacionais busquei idéias de Alberto Mellucci (1999), que analisa as práticas que orientam a ação do jovem como pontas de iceberg de processos sociais mais amplos e sistêmicos. Mas, ainda, segundo Melluci, a especificidade dessas

práticas está no fato de que essa fase da vida é entrada, início de situações que acompanharão o indivíduo por toda a vida.

É neste sentido que se abre a possibilidade de entender as ações juvenis, mais especificamente as suas formas associativas, para decifrar como os jovens compreendem, vivenciam os processos sociais nos quais estão inseridos. Aqui é importante o pensamento de Spósito (2000) segundo o qual:

Qualquer aproximação generalizante, para afirmar que todas as práticas envolvidas nesses fenômenos coletivos juvenis seriam expressões ou da anomia social, ou sinais do potencial contestador e rebelde do jovem na esfera pública, cria mais dificuldades do que auxilia na compreensão de realidades e conjunturas sociais complexas.

4 TEMOS UM NOME: PROJETO NOSSA CASA

“Não, a mágica não era de ver longe. O maravilhoso não estava escondido nas funduras do céu. A mágica era ver diferente aquilo que os olhos haviam visto sempre, sem ver”.
Rubem Alves

Este capítulo apresenta e analisa dados de pesquisa realizada com jovens participantes do **Projeto Nossa Casa**. O propósito desta análise é fazer uma aproximação entre a construção teórica realizada no capítulo anterior e as falas e experiências de vida desses jovens com o objetivo de conhecê-los como jovens que inseridos na dinâmica de suas *formas associativas*, criam, constroem e vivenciam *processos de resistência* e de *construção de saberes* que os legitimam como sujeitos de direitos, *protagonistas* de sua própria história.

O **Projeto Nossa Casa** foi analisado como forma associativa, lugar social que se caracteriza por sua capacidade de responder, de maneira peculiar, às mais diversas necessidades e direitos inerentes à pessoa jovem, direitos esses que muitas vezes vêm sendo negligenciados pela sociedade.

Conforme apontamos anteriormente, fizeram parte dessa investigação 50 jovens moradores da Comunidade Chico Mendes e participantes do Projeto Nossa Casa. Dentre os jovens pesquisados a maioria se declarou estudante, sendo que alguns pararam de estudar entre a 5ª e 6ª série do Ensino Fundamental. Três jovens afirmaram estar trabalhando com Carteira de Trabalho assinada, enquanto a maioria declarou ocupar-se de atividades conhecidas como “bicos”, “biscates”, ou outras que podemos considerar informais. A maioria afirmou ter nascido em outras cidades, especialmente do interior do Estado de Santa Catarina. O mais novo tem 13 anos de idade e o mais velho está com 25 anos de idade. A maioria é do sexo masculino.

Os dados foram organizados do seguinte modo: _ 1 - O conjunto de anotações que fiz durante a pesquisa enquanto acompanhei as atividades realizadas pelos jovens. 2 -Foram

selecionadas também as falas e depoimentos considerados relevantes; 3 - As respostas ao questionário respondido por 25 jovens considerados representativos pelo fato de serem os mais assíduos nas atividades do Projeto Nossa Casa; 4 – As quatro entrevistas pessoais realizadas com jovens que exercem papéis relevantes na dinâmica do dia-a-dia do Projeto Nossa Casa; 5 - E ainda relatórios e atas de reuniões e encontros acontecidos na Escola de Educação Básica Professora América Dutra Machado, onde estuda a maioria dos sujeitos pesquisados. Estes últimos dados foram considerados importantes por constituírem fontes de informações sobre a juventude e seus processos de construção de saberes.

4.1 Somos jovens

Analisando os programas de assistência social, bem como políticas públicas dirigidas às populações empobrecidas podemos deduzir a prevalência de uma mentalidade que nega a juventude como categoria social portadora de direitos e necessidades específicas, visto que, entre outros aspectos, tais políticas e programas são essencialmente direcionadas às famílias ou às crianças. Todavia os jovens da Comunidade Chico Mendes têm construído uma consciência da sua condição juvenil. E é a partir dessa consciência que eles se definem. Eles são capazes de contar a história de suas famílias, marcadas por muitos sonhos, muitas partidas e sofrimentos. Quando me refiro a partidas estou apontando para um fato social importante, e que aparece nos depoimentos que contam a história de pessoas que não conseguem criar raízes pelo fato de sempre necessitarem correr atrás de melhores condições de vida, conforme os fatos relatados pelos jovens e apresentados de forma mais detalhada no relatório do Curso de Formação de Lideranças Juvenis (Anexo II).

É relevante e instigante nestes depoimentos o fato de que os jovens conseguem descrever a dureza de suas condições de vida, ao mesmo tempo em que se definem como pessoas que sonham, resistem e se definem como jovens:

Somos pessoas, jovens, migrantes, favelados, trabalhadores, pobres, lascados, excluídos, sofredores. Somos ainda, cidadãos, vencedores, fortes, amigos, comunidade, sonhadores. (Resultado de trabalho de grupo).

Esta fala coletiva, resultado de um trabalho em grupo, dá a dimensão da clareza com que os jovens fazem uma leitura de sua juventude como construção histórica e social (MARGULIS, 1996), do mesmo modo que enfrentam o desafio de viver a juventude nessas condições. Nos seus depoimentos podemos perceber que esses jovens fazem uma leitura diversificada de sua condição, apontando para elementos ou critérios já utilizados por estudiosos da condição juvenil, negando-os ou reafirmando-os. Deste modo podemos interpretar as falas sob a perspectiva de alguns critérios definidores da juventude: construção social, moratória social, fase da vida, entre outros.

Eles conseguem exprimir as dores do empobrecimento, mas no entanto afirmam e reafirmam uma disposição para a mudança, apontando ainda o sonho e o desejo, expressando a história como movimento a ser gerado por todos os seres humanos.

Pra mim né, o futuro aqui, cada um tem o seu sonho, né!
Uns é arrumar um emprego, uns é ir pra outro lugar. Mas eu acho que tem que pensar positivo, estudar bastante, pra mim é mais ou menos assim. (Tinho, 18 anos).

É relevante o fato de que os jovens não apontaram para a idade ou para as questões geracionais, critério de definição de sua condição, confirmando o que apontam Margulis (1996) e Bourdieu (1983). Todavia, apareceram falas que se referem a aspectos mais uniformes e homogêneos caracterizadores desta fase da vida, como demonstra Pais (1996).

Ser jovem é uma parte da vida. (Oriedison, 22 anos)

É uma etapa da vida onde pode ser decidido o futuro.
(Ricardo, 19 anos)

Algumas das falas, no entanto, nos permitem ainda situar a juventude que participa do Projeto Nossa Casa a partir do conceito de *moratória social*, que pode ser entendido,

repetindo, como sendo o tempo em que, com permissão da sociedade, uma determinada categoria social pode adotar certos comportamentos e práticas, que permitem defini-la como juventude.

Ser livre sem ter que lidar com os adultos. (Antônio, 15 anos)

É poder se divertir sem algumas preocupações. (Kleiton, 15 anos)

É liberdade. (Cristiam, 17 anos).

(...) ser jovem é ser livre, poder fazer tudo o que quiser. É não ter vergonha de ser feliz. (Cristiam Amaral, 17 anos).

Outros apontam ainda para as limitações ou possibilidades que a situação de empobrecimento impõe à situação de moratória social. Essas limitações dizem respeito às dificuldades materiais a que estão submetidos os jovens que vivem em situação de empobrecimento. A juventude vista como o tempo de se fazer coisas próprias de jovem, por que a sociedade precisa e por isso consente, e ainda por que parte dela assim raciocina. Há um diferencial no caso das pessoas que vivem em situação de empobrecimento, pois se vê que devem se adaptar à questão das condições materiais antes de optar por isso ou aquilo. Neste sentido eles se pronunciam da seguinte maneira:

„, É se divertir sem alguns lugares apropriados. (Kleiton, 14 anos)

Vida Sofrida. Muito poucas oportunidades (Cristiam Moraes).

Ser jovem para mim é o jovem aproveitar a juventude. Isso nem todos fazem. Escolhem o outro lado em vez de estudar. (Orimar, 16 anos)

Um outro fator importante para a compreensão dos jovens do Projeto Nossa Casa, e que Margulis (1996) já tem apontado é a facticidade, ou seja, o modo como o jovem significa sua presença no mundo, considerando as condições materiais de existência. Neste sentido, podemos perceber nas falas destes jovens uma consciência clara dos papéis da família, da comunidade, ou seja, das condições históricas:

Ser jovem é viver a vida, não deixar ela ser sofrida (...)
(Jaqueline 14 anos)

Significa dor de cabeça para os pais e ao mesmo tempo faz
seu pais felizes. (Juliana, 16 anos)

Outras respostas apontam ainda para o caráter de transitoriedade, de indefinição e de passagem da condição juvenil:

Não ser criança e nem adulto. Uma fase da vida muito
gostosa de se viver. (Denis, 14 anos)

Jovem significa amadurecimento para o futuro. (Karen, 14
anos)

Assim, é possível afirmar que os jovens da Comunidade Chico Mendes analisam a sua condição juvenil desconsiderando a questão *etária*, mas valorizando a juventude como *fase da vida*. Outrossim, a grande maioria reivindica para si a *moratória social*, considerando ainda a situação de *transitoriedade* bem como os elementos componentes da *facticidade*.

Por fim, embora sem muitos pronunciamentos por parte dos jovens, a observação da sua participação ativa nas atividades do Projeto Nossa Casa, a preocupação com questões que dizem respeito à solução de problemas relativos à juventude e a capacidade de analisar a realidade em que estão inseridos, é possível afirmar que os jovens pesquisados têm consciência e afirmam a sua condição de sujeitos de direitos. Esta constatação pode ser sintetizada na fala seguinte:

Ser jovem significa ter seus direitos e poder dar opiniões, ter estudo e um trabalho, ter valor no meio social. (Anderson, 20 anos)

4.2 Construimos estratégias de resistência

Tem que ir atrás! Pensa que vai chegar na tua mão assim, de vereda? (Deca, 20 anos)

Os dados da pesquisa permitiram uma aproximação criteriosa dos jovens da comunidade Chico Mendes, o que possibilitou o desvelamento de um mundo de ações, pensamento, falas e vivências do dia-a-dia que traduzem um robusto processo de resistência cultural, ao mesmo tempo em que os apontam como sujeitos com uma nova maneira de ler a realidade das Comunidades empobrecidas, como se refere Guzmán e Mejia, citados anteriormente.

Nós não somos só favelados ou pessoas fudidas, mas sim, somos pessoas digamos, em parte vencedoras. Primeiro por que muitos de nós não estarmos nas drogas e outro por muitos ter o que comer, onde morar, no que trabalha e sobreviver sobre essas circunstâncias tão precárias em que vivemos ou que nos obrigam a viver. Para nós do nosso grupo, o nosso pensamento é esse: não importa o que os outros pensem ou falem sobre nosso respeito. Nos não ligamos e seguimos em frente com a cabeça erguida. É nós! (Curso de Formação de Lideranças Juvenis – Anexo II).

O enunciado acima refere-se a questões relativas ao dia-a-dia de todos os seres humanos, sujeitos de direitos. Fala de saúde, trabalho, alimentação, moradia, prazer, entre outros, ao mesmo tempo em que aponta para a precariedade de condições da vida dos

jovens empobrecidos, sem contudo, colocá-los numa situação de vítimas. Pelo contrário, aponta para o fato de que mesmo na precariedade existe um sentimento de dignidade muito forte por parte desses jovens. Eles não se apresentam como derrotados, mas colocam-se numa situação social marcada pela injustiça e pelo preconceito. Eles afirmam a sua vocação humana, denunciam que a mesma lhes é negada (FREIRE, 1994), ao mesmo tempo em que proclamam que são vencedores, são fortes (SPÓSITO, 2000). Eles não apontam grandes gestos, mas seus gestos comuns reafirmam a importância do cotidiano. Eles valorizam a consciência de sua condição de sujeitos de direitos, mesmo que esses direitos estejam lascados.

Deste modo, a *quotidianidade insere-se na história* (HELLER, 1989) da juventude como lugar de resistência. O cotidiano é onde o jovem em situação de empobrecimento tece *redes relacionais*, as *agregações de caráter cultural* (MELLUCCI, 2001), que dão um sentido único à vida desta população. A análise dos resultados sob essa ótica chama a atenção para o fato de que viver significa resistir. E resistir é cultivar-se pessoa, é responder diariamente à vocação humana (FREIRE, 1994) de ser cidadão, sujeito de direitos. Quando aludimos à condição de sujeitos de direitos, é importante salientar, estamos falando de algo inerente à pessoa, mais que aquilo que é outorgado pela lei e ou pelo Estado.

Outra perspectiva que os dados da pesquisa nos permitem inferir é a relação existente entre os processos de resistência vivenciados pelos filhos e a história de vida dos pais, ou seja, a história de vida das pessoas da Comunidade Chico Mendes. A maioria falou que seus pais vieram para Florianópolis em busca de melhores condições de vida, ao mesmo tempo em que todos os que trabalham ajudam em casa com uma parte do dinheiro que ganham, como forma de ajudar a vida a ser melhor.

Esses jovens, quando recontam a história de suas famílias, nela se situando, ressaltam sempre o sentido da busca por melhores condições de existência. As atuais condições de vida não permitem dizer que suas vidas sejam tão boas, mas não negam a história de partidas, de sonhos e de resistência. Ao descreverem a comunidade onde moram, esses jovens nunca deixam de destacar a vontade de viver melhor, a autodeterminação e a esperança, ao mesmo tempo em que não omitem os conflitos existentes em suas vidas. Eles são claros quando se traduzem:

Bem, tudo o que escrevemos, é todo o conceito que nossos pais, nossos avós e nós mesmos que moramos na favela Chico Mendes criamos. Não só porque é uma favela, mas é pelas pessoas lá fora. Eles têm preconceito e medo das pessoas seja ela trabalhadora ou não. Tudo isso por causa dos maus elementos, “que muitos deles estão nessa vida roubando, fumando, etc. por que as pessoas lá fora não dão emprego para elas. Uns levam a vida com a ajuda de outras e outras caem nessa vida sem esperança de um futuro melhor”. (Depoimento colhido durante o Curso de Formação de Lideranças Juvenis – Anexo II).

Um dos aspectos de grande relevância a respeito de suas vidas, e que os jovens apontaram na pesquisa, diz respeito ao trabalho que, formal ou informal, constitui importante estratégia de sobrevivência. Poucos são aqueles que trabalham com carteira assinada, enquanto que a maioria aponta a realização de bicos, biscates, trabalhos temporários, o que não garante a renda necessária para as necessidades do jovem. Trabalhar na construção civil, vender jornais, pintar paredes ou muros, cortar ou plantar grama, ficar de chapa ²⁵, limpar casas, catar papelão e vender refrigerantes ou balas são as ocupações mais comuns. Deste modo, esses jovens vivem uma situação de precariedade material, não podendo usufruir muitos benefícios produzidos pela sociedade e que precisam ser comprados. Por outro lado, eles estão sempre ligados às oportunidades que aparecem, mesmo que estas exijam grande dose de sacrifício, para adquirir condições de sobreviver. Esta situação de precariedade eles apontam quando falam o seguinte, quando questionados sobre a relação entre juventude e empobrecimento:

²⁵ Chapa é a pessoa que fica nos postos de gasolina ou à beira das estradas esperando que cheguem os caminhões de carga para se oferecerem como ajudantes que informam o caminho para os desconhecidos e, principalmente, ajudam a descarregar ou carregar o caminhão, recebendo pagamento por isso.

Sem ter oportunidade na vida (Valderi, 17 anos)

Vida sofrida, sem oportunidade (Cristiam, 17 anos)

É ter que viver e não ter o que você gosta. Ver outros jovens todos arrumados, e você com roupas velhas, tênis velho (Luiz Cláudio, 21 anos).

(...) é difícil! Se você quer comprar uma bota “Nauru”, não tem condições! Então tem que trabalhar, trabalhar, guardar dinheiro para poder comprar. É difícil! (Rafael, 17 anos).

Uma outra questão ligada à resistência é o modo como são tratados os moradores dos bairros pobres. Alguns estudos apontam, e as falas dos jovens confirmam, o fato de que existe uma diferenciação entre o tratamento que é dado ao jovem morador de comunidades empobrecidas e aos de outros lugares:

Ser jovem é ser humilhado, por que muitas vezes os jovens passa por situações desagradáveis, como indo para o paredão (...) (Cleber, 16 anos).

É ser desprezado por outras comunidades mais ricas (Denis)
(...) somos discriminados aonde vamos. Apanhamos da polícia e sofremos porque nossos pais não conseguem um emprego para nos sustentar, daí os jovens caem na droga tentando achar um meio para ajudar suas famílias, daí ele começa a roubar as pessoas (Rodrigo, 15 anos).

A vigilância policial aparece como uma situação instalada nas comunidades empobrecidas, gerando indignação na vida dos jovens. Existe um certo sentimento de impotência com relação a esta forma de presença do Estado. O relato de uma cena da qual participei confirma este dado:

Estou conversando com o Élcio e outro rapaz que também é ex-presidiário, e traz seu exame de sangue confirmando a sua contaminação pelo HIV. O Ricardo vem mais cedo da aula. No momento de sua chegada, alguns aquecem as sobras do almoço enquanto outros tomam café. Com bastante ansiedade Ricardo vai narrando a suas experiências desta noite: “a polícia me pegou e ficou dizendo que eu estava carregado. Eles demoraram até se convencerem de que na minha pasta só tinha caderno e caneta. Eles ficaram um tempão com a arma na minha cabeça”. Proponho tomarmos um chá, pois percebo que o Ricardo está muito nervoso. Ficamos conversando, enquanto os outros vão saindo. Ele fala que gosta muito daqui, que é importante que todos participem, fala ainda de sua família, lembra de outras experiências com a Polícia, entre outras coisas. Ele diz que está muito triste e com raiva por ser tratado desta maneira. “Justo eu que nunca fiz nada”, conclui. Florianópolis, março de 2002.

Os jovens se apresentam como sonhadores de uma sociedade mais feliz, falam dos desejos de uma existência material plena de dignidade, mas convivem com situações que negam os sonhos e desejos. Então é preciso conciliar o conflito posto pela realidade da vida e a realidade dos sonhos, o que o jovem faz, tornando-se então, como aponta Spósito (2000), um ator social. A tristeza e indignação tornam-se como que um amálgama, ajudando a estreitar relações afetivas ao mesmo tempo em que impulsionam para que o jovem que vive em condições de empobrecimento crie, a partir das formas associativa principalmente, a consciência de que pode tomar conta de sua existência. É na existência *lascada*, mas também nos desejos de felicidade que eles descobrem maneiras de interferir e mudar a história.

Neste sentido, ressalto que os dados apontam que a truculência policial tem feito com que a juventude crie formas de absorver esta ação através, por exemplo, da criação de códigos e gestos, constituindo uma rede de informações sobre a presença ou ausência de

policiais. Cabe apontar que esta rede é de uso comum, inclusive por aqueles que vivem ligados ao mundo das drogas. Essa mesma linha de comportamento é adotada para participar de pequenas benesses oferecidas pela rede pública de atendimento às populações carentes, constituindo aquilo que Chauí (1986) aponta como criação de uma *cultura popular*, expressão dos dominados. Um exemplo desse comportamento é a comunicação que se estabelece em determinados lugares e situações, através do uso de uma linguagem onde as palavras são ditas ao contrário, invertendo-se as sílabas. Por exemplo, ao invés de dizer “A polícia prendeu Pedro”, diz-se “cialipo deupren drope”, com isto driblando qualquer ouvido desatento e ameaçador. Muitos falaram do tratamento que, especialmente, por parte da ação policial, torna todos os jovens culpados, ou ao menos suspeitos de pertencer ao mundo da perdição.

(...) somos discriminados onde vamos. Apanhamos da polícia sempre (...) (Rodrigo, 15 anos)

Os jovens da Comunidade Chico Mendes têm que conviver na Marginalidade e alguns desses jovens se tornam marginais (Cleber, 16 anos)

Essas falas tornam relevante ainda um outro aspecto que apontou a pesquisa, quando os jovens ressaltam a importância de resistir às facilidades e evitar as durezas do mundo das drogas.

A vida dos jovens aqui não é aquela coisa boa, é que aqui tem que saber lidar porque se o cara tiver a mente fraca o cara cai pro lado ruim, então o jovem aqui tem que crescer sabendo por qual caminho ele vai seguir, por que se for pela cabeça dos outros ele só vai entrar na vida do crime, essa vida de drogado, e vai morrer cedo. (Rafael, 17 anos).

Ah! Por que aqui eu tenho muitos amigos que ainda não chegaram a ponto de *entrar na droga*. Isso aqui no projeto tem um monte. Por isso que aqui eu acho que é o melhor lugar de ficar. (Valter, 18 anos)

Os dados apontam, ainda, o sentido de perdição, que para os jovens do Projeto Nossa Casa é o mundo do consumo e tráfico de drogas, o mundo da violência, enfim, um mundo com poucas e limitadas perspectivas. Apesar de uma existência até cordial entre os jovens da comunidade, prevalece uma parcela destes que não quer para si o mundo da perdição. Então, é preciso criar formas de resistência, pois de acordo com as falas:

Ser jovem é nascer e crescer em meio da marginalidade e crescer sem virar marginal. (Oriedison, 22 anos).

Por outro lado ainda, não entrar para o universo das drogas, que também oferece muitas facilidades, implica encontrar modos de sobreviver. Alguns apontam o mundo das drogas como meio de sobrevivência, ao mesmo tempo em que ressaltam a necessidade de não entrar para este mundo *macabro*. Um dos entrevistados fala dos muitos jovens que deixam o trabalho para *vender* drogas, mas a maioria dos depoimentos foi no sentido de buscar outras maneiras. Além disso, a observação permitiu perceber um grande cuidado que um tem para com o outro no sentido de não entrar para o *mundo da perdição*. Essa preocupação é bastante presente nas falas, especialmente naquelas que vêm no Projeto Nossa Casa uma possibilidade de vida sem drogas.

E aqui eu vi que é um lugar que eu vi que poderia sair da rua, que era mais perigoso pra mim ficar na rua. (Tinho, 18 anos)

Aqui eu aprendi que não é só entrando nessa vida ruim aí que a pessoa se torna um homem, respeitado. Não é com drogas que o cara vai ser respeitado, mas com educação, com a dignidade e o respeito. (Rafael, 17 anos)

E um caminho de sobrevivência apontado pela pesquisa é a resistência através da solidariedade. A solidariedade tem manifestado-se na vida dos jovens do Projeto Nossa Casa através de muitas maneiras. Algumas vezes, durante a realização da pesquisa, presenciei cenas em que alguém estava sendo aconselhado pelos demais a “sair dessa vida”, a procurar ajuda, manifestando a solidariedade através do cuidado. Esse fato ganha relevância por ser o mundo do tráfico muito perigoso, não admitindo ingerências.

A solidariedade se revela também através do uso comunitário dos bens. Pude observar que uma das grandes facilidades dos jovens é repartir. Além dos empréstimos de roupas, sapatos e outros objetos, fatos corriqueiros, existe um grande movimento para que todos estejam incluídos, fato comprovado durante atividades do Projeto Nossa Casa que exigiam algum investimento por parte dos jovens. Descrevo um fato que ilustra muito bem o modo como a solidariedade tem sido presença constante para se vencer a falta de acesso às oportunidades:

Logo pela manhã recebo a visita de um dos jovens, o Gugu. Ele reclama de dores nos braços enquanto minha preocupação é o fato de ele não ter ido à aula. Assim, desvalorizei suas dores. À tarde aparece outro jovem, Leonardo, com a perna quebrada e engessada. Conversando, descubro que o motivo das dores do Gugu é porque, na véspera ele e outro jovem acompanharam o Leonardo até o hospital para engessar a perna e o trouxeram até em casa nos braços.

Outro fato que confirma a importância da solidariedade como estratégia de resistência é aquele, durante o Curso de Formação de Lideranças (Anexo II), quando os

jovens a apontam como meio para se concretizar a comunidade sonhada. Como gesto de solidariedade, eles escolheram arrecadar e entregar uma cesta de alimentos para uma família necessitada. Deste modo, a solidariedade, tanto a vivida quanto a pronunciada, aparecem como estratégia de construção da sociedade sonhada. Eles falam de mudança de vida, companheirismo, solidariedade e paz.

Podemos afirmar então que os jovens da Comunidade Chico Mendes vão descobrindo novas formas de se inserir naquilo que entendemos como sendo as formas clássicas de organização de populações em situação de empobrecimento. Eles se inserem sendo diferentes. A luta por moradia, saneamento, entre outras, parece que os jovens deixam para os adultos, enquanto que no seu cotidiano vão tecendo novas práticas, na perspectiva daquilo que Mellucci (2001) aponta como desejo de controle imediato das condições de existência.

Sonhamos com uma área de esporte e lazer; um transporte melhor e mais confortável; uma escola de qualidade; um emprego digno para todos. Todos terão que ter casa decente e sem pagar aluguel.(Encontro de Formação de Lideranças – Anexo III).

4.3 Construimos saberes

Os dados desta pesquisa permitem afirmar que existe um desencontro no comportamento dos jovens com relação aos saberes construídos nas escolas e aqueles construídos nas formas associativas. Outrossim, confirmam as formas associativas juvenis como contextos privilegiados onde os jovens protagonizam a construção de saberes sociais significativos, os quais podem re-significar os saberes escolares.

4.3.1 Saberes escolares, nem tanto...

Analisando o Relatório de Planejamento da Organização Escolar²⁶ da Escola de Educação Básica América Dutra Machado, a Escola da Comunidade Chico Mendes, aponta para o fato de que em 1999, existiu equivalência entre o percentual de alunos aprovados e o de alunos reprovados, transferidos ou evadidos. Do mesmo modo, esta escola encerrou o ano de 2001 com mais da metade dos alunos reprovados²⁷. Esses dados, aliados a outros fatores que compõem o relatório acima citado, apontam para o fato de que a Escola não está conseguindo cumprir o seu papel de instituição social responsável pela socialização dos saberes construídos, o que comprova as afirmações de Spósito (2000) relativas ao Sistema Educacional. Por outro lado, faz-se necessário ressaltar a idéia de Damasceno (1995), segundo a qual entre os significados da escola para os empobrecidos estão os de meio de melhorar as condições de vida e lugar de aprender saberes básicos para a cidadania e para a construção de identidade. Contudo, uma aproximação criteriosa da vida escolar da juventude permite afirmar que aprender o que a Escola ensina está carecendo de significação. O que tem acontecido, atestam as pesquisas, é a sujeição aos rituais escolares para se conseguir apenas passar de ano. Algumas falas dos jovens da comunidade Chico Mendes atestam estas idéias:

Não adianta, pois, no fim é o professor quem passa. (Paulo, 16 anos).

Por que eu vou ficar me matando de estudar, se tem um monte de jeito de passar de ano? (Anderson, 17 anos).

Ah! Os professores só ficam falando as coisas que não têm nada a ver! (Juliana, 15 anos).

Não foi intenção dessa pesquisa realizar uma análise mais aprofundada da Escola, mas o que se observou nos depoimentos, conforme explicitamos adiante, permite afirmar que o dia-a-dia da escola está padecendo de falta de sentido para a vida do jovem, o que nos

²⁶ Este relatório, também denominado de Projeto Político Pedagógico, foi realizado com a participação de representantes de toda a comunidade escolar e encontra-se à disposição na Secretaria da escola.

²⁷ Dados apontados pela direção da Escola de Educação Básica América Dutra Machado.

leva a concluir que a escola está cumprindo um papel de instituição que nega a importância do presente, quando permite que o “final do ano” prevaleça como sendo o tempo mais importante. Alguns depoimentos atestam ainda que a experiência escolar dos jovens da Comunidade Chico Mendes está plena de tristezas e desapontamentos.

(...) quando um professor não deixa as pessoas falarem na sala e algum aluno fala, ele se acha com o direito de mandar na sala, tipo um abuso de poder sobre as pessoas. Na primeira série, por exemplo, a professora levava uma antena de televisão para intimidar os alunos. (Andersom, 19 anos).

Uma vez eu respondi uma coisa errada e a professora disse que isso só poderia ser coisa de lageano burro. Eu não fui mais na aula. (Daniel 20 anos).

Na minha casa não tinha ferro de passar. Então eu fui para a escola com a camisa amarrotada e a professora disse que aquele não era jeito de aluno. Daí eu comecei a bagunçar nas aulas. Alexandre, 23 anos.

Com estes modos de agir a Escola tem falhado sistematicamente na sua função de possibilitar aos alunos a aquisição de saberes que por sua vez são necessários para a construção de outros. Todavia não se trata de afirmar que a escolarização é desnecessária, mas apontar para outras possibilidades de construção de saberes com os quais pode estabelecer diálogos. Trata-se, portanto, de apontar, assim como o faz Mellucci (2001), a importância do presente, bem como salientar a relação intrínseca que existe entre construção de saberes e relações sociais, como aponta Charlot (2001).

Por fim, julgamos importante destacar o saber de Souza e Durand (2002), que conclui que a escola tem pautado suas ações muito mais no sentido de vigiar e ordenar energias descontroladas, refletindo um modelo de sociedade em crise, do que se esforçando para ser um espaço democrático, criativo e cidadão. A escola ainda não se descobriu como espaço de possibilidades imensas no que se refere à construção de saberes. Neste sentido, as observações que tenho feito do dia-a-dia da Escola América Dutra Machado me permitem dizer que os espaços menos organizados na perspectiva escolar, como o recreio, por

exemplo, têm demonstrado muitas formas de saberes não considerados: as brincadeiras, as danças, os jogos, as linguagens, entre outras.

4.3.2. Saberes sociais, muitos

Uma das as informações trazidas pelas pesquisas é a existência de um grande desnível entre as idades dos jovens e as séries que estão freqüentando. É possível inferir, ainda, o descrédito manifesto pela escola quanto à capacidade dos jovens. Sinal disso é a seguinte fala de uma professora da escola local:

Não adianta insistir, eles são assim mesmo!

Contudo, os jovens da Comunidade Chico Mendes têm demonstrado uma grande capacidade de enfrentar desafios, resolver problemas e construir saberes. E as formas associativas juvenis se apresentam como contextos privilegiados para a construção desses saberes, como temos insistido desde o início deste trabalho.

Ao instituir, constituir e manter o Projeto Nossa Casa, os jovens têm demonstrado grande capacidade de construir saberes que se revelam importantes no processo de construção de cidadania e de manifestação de autores sociais, confirmando o pensamento de Damasceno (1995). A própria dinâmica do Projeto Nossa Casa, em que todos precisam marcar uma presença atuante, através da valorização de muitas possibilidades de participação, tem criado uma gama de relações que favorecem a construção de saberes sociais, na mesma perspectiva de Charlot (2001).

Um dos saberes importantes que esta pesquisa revelou é a organização de grupo. As atas e relatórios informam sobre as preocupações dos jovens com muitas questões necessárias para o bom funcionamento do grupo, o que constitui um importante aprendizado, como atestam as informações contidas no Anexo III que trata de uma Reunião de Avaliação e Planejamento do Projeto Nossa Casa. Ali, podemos encontrar evidências de aprendizados no sentido de decifrar, analisar e resolver problemas.

O protagonismo é o grande aprendizado das formas associativas juvenis, pois estas podem se constituir como lugares que exigem decisão, inserção, troca de idéias, participação e autonomia.

A gente se organiza através de líderes. Assim, todo mundo escolhe, todo mundo escolhe um líder. Eles não são os donos, mas eles tomam conta, assim, para que todo mundo respeite um ao outro, cuide das coisas, assim, pra não estragar. (Cristina, 13 anos).

(...) Assim a gente aprende a conviver mais em amigos, em comunidade. A gente aprende a ser mais amigo, aprende a ser mais comunitário. (Cristina, 13 anos)

Outro dado relevante neste aspecto é o processo de aprender a ler a realidade. Os jovens do Projeto Nossa Casa têm se apropriado dessa modalidade de saber através de atividades que dizem respeito à organização do dia-a-dia, mas também em atividades em que se procura fazer uma análise da realidade. Isso nós pudemos perceber durante a realização do Curso de Formação de Lideranças, quando os jovens aprendem a reler suas histórias, analisar seu presente e vislumbrar o futuro, ou mesmo aprender saberes importantes para o seu dia-a-dia, como saúde, meio ambiente, entre outros. Através de linguagens variadas, histórias, escrita, desenho, pintura e colagens, os jovens são desafiados a ler o mundo, a lerem-se no mundo.

Através do exercício de funções significativas para o grupo, os jovens vão se apropriando de instrumentos importantes para a vida. O simples fato de fazer a ata de uma reunião revela-se ocasião privilegiada de aprender e de se desafiar. Exemplificaremos com a anotação literal das presenças na seguinte Ata de reunião:

“Nomes de quem compareceu: Ariana, Anderson André, Caíque, Cleonir, Cláudio, Cristian, Denis, Deivid, Jaqueline, João Ângelo, Jefferson A, Jéferson da Jú, Junior, José, Diogo, Renem, Geovany, Tónico, Rafael, Marileni, Tiago (10 para as set) chegou atrasado, Rodrigo, Matheus, Karina, Karem Evelize, Ronaldo (Moreno Alto) e Ronaldo (Moreno baixo)”. Foi falado sobre como era no ano passado. Fizemos um grupo para falar do que mudou até hoje. Mudança de líderes, foi escolhido os novos que são o Rodrigo e a Karina. Alimento para o passeio no rio Grande do sul (organizar para que cada um traga um alimento). Levar alimento de casa também para o acampamento da lagoinha do leste. Organizar um grupo para? Esqueci!... desculpa...! ops? O uso dos computadores, usar e desligar os computadores corretamente, só usar os computadores se for sua vez. Vamos ficar um tempo sem usar os computadores disse o donizeti. Fazer um documentário aqui com o grupo nossa casa e com a comunidade, fazer um grupo para colaborar com o filme e ajudar no figurino, eu acho que é isto. Fazer no final do ano uma festa!... com amigo secreto. Ass. Ariana.

Além desses exemplos, podemos citar, através dos relatos, os saberes que são construídos através das atividades do Projeto Nossa Casa como o Café com Livros, os Encontros de filosofia, entre outros.

Encontro do café com livros.

Hoje começamos as 20:00 horas. Combinamos de evitar saídas e entradas durante o tempo de leitura. Três meninas – Nida, Tânia e Raquel saíram um pouco antes, pois já era tarde para elas. Jefersom chegou na metade pois estava na aula. Conseguimos nos concentrar mais, apesar de haver um pouco de barulho do lado de fora. Éramos 16 leitores/leitoras. Ao final conversamos um pouco sobre a experiência de cada um, que livro estava lendo, etc.: Rodrigo (Tocaia Grande). *É bom, é um bom passatempo*; Robson (Ensaio sobre a cegueira). *É legal para relaxar, melhorar na Leitura*; Cristiam (Adeus Meninos). *É bom, já passei situações iguais às do livro*; Gugu (A Hora da Estrela). *É diferente, a gente não está acostumado*; André (Poema Pedagógico) *Legal, ajuda no desempenho da leitura na escola*; Repolho (Memórias Póstumas de Brás Cubas) *legall*; Rafael (Vidas Secas) *É bom, faz refletir mais*; Alonço (Harry Potter) *É ótimo*; Cláudio (Harry Potter) *Legal, a leitura ajuda a relaxar*. Jéferson (O lobo Solitário) *O Livro é baita! Quando for ler na aula...: Boco (A Megera Domada) Boa! Exercita a cabeça, a mente... Breno (Dom casmurro) é a primeira vez; Dodô (Livro de Deus): Esqueci de anotar minha fala neste dia.*

Por fim, é possível afirmar, a partir dos dados levantados, que a despeito de dificuldades com o manejo da cultura letrada, os jovens participantes do Projeto Nossa Casa têm demonstrado uma capacidade de escrever a leitura que fazem da realidade através de letras de RAP²⁸, confirmando as análises de Charlot (2001). Nessas letras eles fazem

²⁸ RAP: iniciais das palavras inglesas Rhithm and Poetry, é uma manifestação político cultural que junto com o grafite e a dança formam o movimento HIP HOP. De acordo com SPÓSITO (2000) o RAP é uma

uma leitura de seu cotidiano, considerando questões fundamentais como o empobrecimento, a violência e o sonho:

(...) quem pouco ou nada tem dá a metade a alguém. Quem muito mais tem, não quer perder um vintém. Trabalhando ou roubando desde pequeno, mal alimentado. Tem uns que nunca trabalham e que só andam de carrão importado. Pais e mães que se apavoram ao ver que em pouco tempo não vão ter o que comer. Assim planejam os dominadores, dá pra perceber. Em cima de nosso miséria querem enriquecer.
Análise Social – Grupo Apocalipse ²⁹

4.4 Somos Protagonistas

Estudando formas associativas juvenis, Nakano (1995) as descreve como lugar onde os indivíduos ganham visibilidade por aquilo que realizam enquanto grupo. No caso dessa pesquisa, essa nova visibilidade permite, por outro lado, uma chave de leitura para se entender os jovens da Comunidade Chico Mendes. Aqui é necessário ressaltar o esforço deliberado dos adultos da Casa Chico Mendes em não assumir para si o que é protagonismo juvenil, por entender a importância pedagógica e política da necessidade de afirmar a existência de uma categoria, a juvenil, que interage, enriquece e afirma as demais. Confirmando, portanto, o pensamento de Guzmán e Mejía (1996), segundo o qual “*el joven és protagonista de la nueva representación y de la reorganización social*”. Neste sentido, é necessário destacar a importância do processo de organização (Encontro de Avaliação e Planejamento - anexo III) que, num exercício de auto-gestão, resolução de conflitos e

manifestação cultural que expressa certa limiaridade, como se produtores de letras e público estivessem, de modo constante, no limiar entre dois mundos, o da legalidade das instituições legitimadas pelas forças sociais (trabalho, a escola, entre outras), que não apresentam alternativas eficazes de inclusão, e o do crime.

²⁹ O grupo Apocalipse, autor desta letra, era formado por vários jovens participantes do Projeto Nossa Casa, está parado por questões relativas a trabalho e casamento.

organização, num processo pedagógico que inclui até mesmo as preocupações elementares como horários, espaço físico, lideranças, relações de gênero, entre outras, vai constituindo a presença da juventude na Casa e na Comunidade Chico Mendes. E, é nesta direção que podemos ler fatos corriqueiros da vida do Projeto Nossa Casa:

No dia 22/03/2002 o Buco, Doio, Jorge, Paulo, André, Jéferson e Negão pintam a casa onde seria instalado o consultório Comunitário da casa Chico Mendes. Mais que mão-de-obra, esta ação constitui-se como maneira de inserção da juventude nas conquistas comunitárias. Do mesmo modo, assim como eles pintaram a casa, eles vão marcando presença significativa na vida da comunidade. No início de março de 2002 acontece um grande encontro entre todas as pessoas envolvidas nas atividades da Comunidade Chico Mendes, quando os jovens se encarregaram de acolher e encaminhar as pessoas, destacando-se deste modo como um grupo definido.

É nesta mesma perspectiva que podemos entender outras situações, como aquela que transparece na fala de uma professora da Escola Local a qual diz o seguinte:

Nós conseguimos distinguir quem são os jovens que participam da Casa Chico Mendes. Eles participam bastante, são mais críticos e responsáveis.

A partir dos dados obtidos podemos afirmar que a Comunidade Chico Mendes, para onde chegam pessoas de vários lugares, tem-se tornado palco de muitos encontros e desencontros. Vindas de Lages, Laguna, Bom Retiro, Chapecó, entre outras localidades do interior de Santa Catarina e de outros Estados, chegaram as famílias, os adultos, os jovens e crianças. E essas crianças acessaram a condição de juventude construindo uma história enquanto pessoas, mas também coletivamente. E nessa história é importante demarcar as formas associativas juvenis onde, de maneira especial, as pessoas vão construindo suas identidades (DURAND, 1999), o que acontece nos times de futebol que se organizam e se reorganizam quotidianamente, passando pelos grupos que buscam trabalho e lazer, até as

formas associativas mais estruturadas, como os grupos de capoeira, os de dança, os musicais e tantos outros. E, neste contexto, destacamos o Projeto Nossa Casa onde percebemos que os jovens protagonizam a instituição, a constituição de um processo organizativo, onde acontecem encontros de pares, o que permite uma boa compreensão dos jovens empobrecidos (ARCE, 1999).

Constata-se que uma das peculiaridades do Projeto Nossa Casa é a sua constituição, marcada pela necessidade do encontro de pares, pela satisfação de determinadas necessidades e pela espontaneidade. Conforme relatos, os seus participantes foram chegando, um através do outro, num processo de constituição que culminou com um grupo mais ou menos estruturado, uma forma associativa conhecida como Projeto Nossa Casa.

Eu comecei a participar através dos meus colegas, e eu não conhecia e então comecei a participar. (Matheus, 15 anos).

Eu comecei a frequentar essa casa foi a convite de meus amigos para assistir Dragon Ball Z, somente isso. Mas depois fui me interessando nas atividades, fui fazendo novos amigos e gostei de participar mais. No primeiro acampamento eu vi que tinha companheirismo no grupo. (Alonço, 18 anos).

De acordo com os depoimentos tudo começou como busca de um lugar para encontro de pares, tornando-se, aos poucos, um lugar social importante para que os jovens da Comunidade Chico Mendes desencadeassem práticas e vivências que influenciam de forma significativa os seus processos de construção como pessoas, pois estes lugares se caracterizam pela capacidade de reconstrução dos horizontes no qual os jovens se movimentam (GUZMÁN; MEJIA, 1996).

O processo de organização do Projeto Nossa Casa foi possibilitando a elaboração de objetivos que transparecem nas atividades realizadas. Desta forma um dos objetivos que aparecem nos dados diz respeito ao alargamento dos horizontes, o que tem qualificado as práticas num movimento constante de ir e vir, ou seja, o presente qualifica o futuro e o futuro altera o presente. O jovem que sofre certas limitações pela condição de empobrecimento começa a romper as limitações porque passa a protagonizar práticas e

vivências ricas de significados. Sob essa ótica podemos interpretar algumas falas desses jovens, pronunciadas durante o Curso de Formação de Lideranças Juvenis – Anexo II:

Queremos: sonhar, expandir horizontes, cidadania, felicidade. Sonhamos com uma sociedade melhor, ou seja, igualdade para todos, sem preconceito de cor, raça ou credo, onde todos possam viver com as mesmas condições de vida. Nós sonhamos com uma sociedade sem desigualdade, sem falta de moradia, sem corrupção, sem violência, sem desemprego, com mais oportunidades, sem este sistema onde poucos têm muito e muitos têm pouco, com mais saneamento básico, mais segurança, com mais empregos para que as pessoas não precisem roubar para se sustentar, ou que as crianças deveriam estar na escola e não no lixão catando alguma coisa para brincar, se alimentar com mais alimentação, mais abrigos para as pessoas carentes.

Podemos deduzir, ainda, que a necessidade de superação do empobrecimento, aliada aos sonhos e desejos constitui um modo próprio dos jovens da Comunidade Chico Mendes se inserirem na realidade. Eles não são como a juventude contestadora dos anos 1960 (ABRAMO, 1994), mas também não constituem o oposto, não são alienados (SANDOVAL, 2000). Eles fazem parte de uma juventude que vem construindo novas formas de inserção comunitária na história, descobrindo, criando e recriando modos de fazê-lo, sendo que principalmente nos últimos anos da última década, começaram a ganhar visibilidade.

A análise do Projeto Nossa Casa permitiu constatar o surgimento dos jovens da Comunidade Chico Mendes como um novo sujeito social, na perspectiva dos estudos de Arce (1999). E é como sujeito social que os jovens participantes do Projeto Nossa Casa têm protagonizado essa história, desde a instituição, a constituição até a manutenção de uma forma associativa juvenil.

Este novo sujeito social constrói um jeito próprio de inserção na história (FREIRE, 1994) não assimilando as formas clássicas de organização (SPÓSITO, 1994). É, portanto,

nas formas associativas que acontecem a reflexão acerca das perspectivas e interesses do jovem, do mesmo modo que é, a partir daí, que se busca maneiras de superação de dificuldades, ou mesmo satisfação de necessidades, o que é confirmado nos depoimentos dos jovens:

Aqui eu aprendi muitas atividades, conheci muitos amigos, por que antes eu ficava na rua. É aqui que eu vi que é um lugar que eu vi que poderia sair da rua. Valter, 18 anos.

Aqui tem tudo que nós precisamos. Tem lazer, tem cultura, tudo o que o jovem precisa para não estar na perdição. (Karina, 13 anos).

De uma forma geral, as ações e depoimentos dos jovens mostram que, no Projeto Nossa Casa, eles têm a possibilidade de vivenciar processos de socialização e sociabilidade marcados pelo afeto, pelo reconhecimento e valorização, podem acessar condições importantes de formação e informação, ao mesmo tempo em que criam e vivenciam *práticas organizativas* baseadas na responsabilidade e emancipação do sujeito, constituindo um lugar de estar para ser.

Enfim, esse novo autor social, o jovem em situação de empobrecimento, através de seus modos de ser, pensar, sentir e querer tem chamado a atenção da sociedade para sua existência como ser humano como todos os demais, mas como categoria social diferente de todas. Nas formas associativas por ele instituídas demonstra a sua inserção na história da humanidade, protagonizando processos e contextos que certamente a enriquecem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bem, tudo o que vimos e escrevemos, é todo o conceito que nossos pais, nossos avós e nós mesmos que moramos na favela Chico Mendes criamos. Nós não somos só favelados ou pessoas fudidas, mas sim somos pessoas, digamos em parte vencedoras. Somos pessoas jovens, migrantes, faveladas, trabalhadoras, pobres, lascadas, excluídas, sofredoras. Somos ainda : cidadãos, vencedores, fortes, amigos, comunidade, sonhadores. (Texto montado a partir das falas contidas no anexo II)

A conclusão desta pesquisa permite afirmar que os jovens da Comunidade Chico Mendes são protagonistas de contextos que os fazem ser percebidos como autores sociais. Estes contextos são marcados por ações, falas e pensamentos que traduzem ricos processos de construção de saberes e de resistência cultural. Estas conclusões ganham relevância social e acadêmica pelo fato de tais processos estarem contextualizados numa situação de empobrecimento.

A caracterização da Comunidade Chico Mendes como uma comunidade empobrecida, e que desde o início de sua formação tem sido muito aguerrida no sentido de garantir, através de vários modos de organização e reivindicação, melhores condições de vida para seus habitantes, foi importante para esta pesquisa por ter permitido olhar para a sua população a partir dos sonhos de uma vida melhor, sonhos tão presentes em seus moradores. Do mesmo modo, permitiu que a juventude se destacasse neste contexto como uma categoria social portadora de modos de ser e agir peculiares, enriquecedores do tecido social desta Comunidade.

A sociedade, de modo geral, tem olhado para as populações em situação de empobrecimento a partir de modelos culturais que fazem brotar sentimentos de medo, compaixão, culpa e desprezo. Isso tem se refletido nas políticas públicas que desprezam a

possibilidade de enxergar pessoas, sujeitos. Deste modo, essas políticas as tratam apenas como portadores de necessidades básicas de alimentação, remédios, vestuários e outras, o que as fazem depositários de ações, público alvo.

Do mesmo modo esses modelos culturais têm impedido o afloramento de diversas categorias sociais com necessidades e direitos específicos. Esta pesquisa chamou a atenção, de modo especial, para a existência de uma categoria social, a juventude, que além de necessidades e direitos específicos é portadora de um jeito próprio de dialogar com as demais categorias, com a sociedade.

E é a partir desse jeito próprio que podemos entender o surgimento de uma juventude organizada na forma de grupos com várias formas de estruturação, como os que esta pesquisa designou formas associativas e que de acordo com Nakano, são contextos organizados de tal forma que permite à juventude ganhar visibilidade social a partir de ações realizadas conjuntamente. Neste sentido, a juventude da Comunidade Chico Mendes apareceu nesta pesquisa, organizada em uma forma associativa, cujas ações e vivências permitem percebê-la como capaz de construir saberes significativos e criar processos de resistência cultural.

Uma obviedade confirmada pela pesquisa é de que a condição juvenil independe de lugar social. Todas as falas permitem entender que os jovens da comunidade Chico Mendes entendem e valorizam a sua condição. Todos falam de liberdade, preocupação com o futuro, com os conflitos que são postos pelo mundo dos adultos, entre outras características. Eles se sabem uma categoria social entre as demais.

Uma das características juvenis mais apontadas é a necessidade da busca de estar com seus pares. E a partir dessa necessidade os jovens se agrupam, instituindo formas associativas que respondam as suas necessidades de encontro, de agrupamento e pertença, minimizando, assim, a dor da juventude. Na comunidade Chico Mendes, entre as várias formas associativas juvenis existe o Projeto Nossa Casa, o qual tem se caracterizado por responder às necessidades de acesso a direitos básicos como lazer, cultura, esportes, entre outros, e que ganha relevância por causa de sua dinâmica marcada pela coresponsabilidade, valorização da pessoa, autonomia e busca de emancipação do sujeito e respeito radical pela condição juvenil. Essa dinâmica tem contribuído não só para

incentivar, mas para revelar o protagonismo juvenil. E o processo de revelação desse protagonismo exige que a cultura, o esporte e o lazer, bem como o agrupamento e pertença ganhem uma conotação política peculiar, no sentido de que a compreensão da existência humana seja permeada e iluminada por leituras sociais que permitam ao jovem lucidez para inserir-se na história como autor social. Essa leitura social pressupõe que o jovem compreenda a sua história pessoal inserida na história da condição humana.

Num contexto social marcado pelo empobrecimento os jovens teimam em não serem vistos como vítimas ou coitados. Ao contrário, eles resistem como cidadãos sujeitos de direitos. É como cidadãos sujeitos de direitos negados que eles querem ser reconhecidos, é deste modo que eles querem estabelecer diálogo com a sociedade. Todas as falas foram no sentido de dizer que os jovens estão em situação de empobrecimento, mas que esta situação está com o prazo de validade vencida, pois os sonhos de felicidade, o desejo de viver com dignidade e a necessidade de superar essa cidadania pacata batem à porta com insistência querendo ocupar os seus lugares. Eles estão dizendo que a sociedade só será humana quando todos, sem exceção, se humanizarem. Enquanto isso, é preciso resistir. E a resistência cultural dessa juventude tem acontecido a partir de diversas maneiras, das quais essa pesquisa possibilitou destacar o trabalho, a importância de não ceder aos apelos de facilidades oferecidas pelo mundo do tráfico, a re-significação do papel das instituições e a solidariedade.

A sobrevivência que é garantida pelo trabalho formal e informal. Trabalhar, para os jovens da comunidade Chico Mendes, significa garantir a condição de dignidade humana, pois, ao mesmo tempo que garante acesso mínimo aos bens e serviços, reafirma a condição de sujeitos da própria existência.

O Estado tem tratado a juventude a partir de uma concepção de público alvo para o qual as políticas devem ser pensadas a partir de fora. Neste sentido, destacamos a ação da polícia militar que vê na juventude em situação de empobrecimento pessoas cuja existência é uma ameaça, um risco para a sociedade. Desta forma, a truculência é mecanismo de geração de medo e fator de ordenamento. Os jovens, por sua vez, conscientes da sua condição de sujeitos de direitos, mas muitas vezes impotentes para um enfrentamento direto, precisam reunir forças e criar estratégias de convivência com a presença policial.

Então, mais que esperteza, mais que malandragem, os códigos de comunicação, as redes de comunicação significam estratégias de sobrevivência.

Praticamente todas as falas aludiram à convivência diária e muito próxima ao mundo do consumo e tráfico de drogas e tudo o que isso significa. Alguns apontaram que este é um mundo tentador, no sentido de resolver os problemas financeiros de maneira mais rápida e eficaz. Por outro lado, todas as falas foram no sentido de resistir a esse mundo e encontrar maneiras de resolver os problemas e se fazer respeitado. Neste sentido, o pertencimento a uma forma associativa que fala em *alargamento dos horizontes, em construção da cidadania, em resgate da auto-estima e humanização das relações*, favorece a criação de relações de cuidado para que nenhuma das pessoas do grupo caia neste *mundo macabro*.

Uma outra estratégia que garante a sobrevivência e, ao mesmo tempo, constrói humanização são as práticas de solidariedade que se manifestam através da partilha, da interajuda e do cuidado mútuo. Esta solidariedade é diferenciada da cumplicidade característica que existe entre os jovens envolvidos com o *mundo macabro*.

No projeto Nossa Casa as relações são fortemente baseadas na co-responsabilidade, na emancipação do sujeito e na transformação da sociedade, o que faz com que os jovens não se vejam apenas como indivíduos isolados, mas como pessoas capazes e envolvidas em ações qualitativamente mais ricas.

O Projeto Nossa Casa, com suas práticas e vivências, aponta para a possibilidade real de construção do Novo. E o Novo, neste caso, ganha relevância por apresentar-se como realização daquilo que está nos desejos e nos sonhos, ao mesmo tempo em que aumenta a tensão entre estes sonhos e desejos e aquilo que não se quer, aquilo que tem causado tantas feridas na existência.

E isso tudo significa aprendizados, são processos de construção de saberes significativos. Esses saberes construídos nas formas associativas juvenis, a exemplo do que acontece no Projeto Nossa Casa, apontam para novas possibilidades de socialização e de sociabilidade do jovem, revelando os pontos roídos do tecido social e de suas instituições, ao mesmo tempo instigando para a descoberta de novos caminhos para estas.

O projeto Nossa Casa tem se caracterizado como espaço onde jovens em situação de empobrecimento protagonizam a construção de vários saberes os quais inclusive têm

interagido com os saberes escolares, re-significando-os. Na base deste processo está a perspectiva de alargamento dos horizontes colocado pelo projeto Nossa Casa.

Assim, pela sua capacidade de instituir, constituir e manter a dinâmica de uma forma associativa que favoreça a sua condição de sujeito de direitos; pela riqueza de seus **processos de resistência cultural**, num contexto marcado pelo empobrecimento e ainda, por todos os **saberes sociais significativos** que constroem através das vivências proporcionadas por esta forma associativa, podemos afirmar que os jovens da Comunidade Chico Mendes são capazes de se inserirem de modo muito lúcido e crítico na história, podemos dizer que esses jovens são **protagonistas na História**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis: Punks e Darks no espetáculo Urbano*. São Paulo: Edit. Página Aberta, 1994.
- ALVES, Alda Judith. O Planejamento de Pesquisas Quantitativas em Educação. *Cadernos de pesquisa*. São Paulo n.º 77, p. 53 –61, 1991.
- ALVES, Rubem. *A Toupeira que Sonhava*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.
- ARANTES, Esther Maria Magalhães. Rosto de Criança no Brasil, in PILOTTI, Francisco e RIZZINI, Irene: *A arte de Governar Crianças*. Rio de Janeiro: Santa Ursula, 1995.
- ARCE, José Manuel Valenzuela. *Vida de Barro Duro: Cultura Popular Juvenil e Grafite*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999.
- BOFF, Clodovis. Comunidades Eclesiais de Base e Culturas, in TEIXEIRA, Faustino L.C. *CEBs, Cidadania e Modernidade: Uma Análise Crítica*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.
- BORDA, Orlando Fals. et al. Causa Popular, Ciência Popular: Uma metodologia do Conhecimento científico através da ação. in BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Repensando a Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- CARDOSO, Ruth. Aventuras de Antropólogos em Campo ou Como escapar das armadilhas do Método. In CARDOSO, Ruth. Et al. *A Aventura antropológica, Teoria e Pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1986.

- CANELLA, Francisco. *A UFECO e o Movimentos dos Sem-Teto: Práticas Instituintes nos Espaços Políticos da Cidade*. Dissertação (Mestrado Sociologia Política) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1992.
- CARRANO, Paulo Cezar Rodrigues. *Ludi-cidade: Tra(n)çados Urbanos e Lazer no Município de Angra dos Reis*. (Texto apresentado para Exame de Qualificação ao Curso de Doutorado em Educação Brasileira. UFF). Niterói, 1997.
- CARRANO, Paulo Cezar Rodrigues. Juventude: As Identidades são múltiplas. *Movimento*, Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro: n. 1, p. 11 – 23, maio de 2000.
- CELAM: *Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina: Conclusões da IIIª Conferência geral do episcopado Latino americano*. São Paulo: Paulinas, 1979.
- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CHARLOT, Bernard *Os Jovens e o Saber: Elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2000
- _____. (Org.) *Os Jovens e o Saber. Perspectivas Mundiais*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CICOUREL, Aaron. A Teoria e Método em Pesquisa de Campo. In GUIMARÃES, Alba Zaluar, *Desvendando Mascaras Sociais*. Livraria Francisco Alves. Rio de Janeiro: 1975.
- DAGNINO, Evelina (org.). *Anos 90: Política e Sociedade no Brasil*, São Paulo: Brasiliense. 1994
- DAMASCENO, Maria Nobre. O Saber Social e a Construção da Identidade. *Contexto e Educação*, Universidade de Ijuí, Ijuí: v. 1, n. 1, p. 19 – 39, 1986.

DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL – PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. *Projeto Social – Programa Habitar Brasil/BID*. Florianópolis, 2000.

DURAND, Olga Celestina das Silva, *Jovens da Ilha de Santa Catarina: Sociabilidade e Socialização*, 2000. Tese de doutorado em Educação, Universidade de São Paulo - USP. São Paulo: 2000

DURAND, Olga Celestina. *Jovens de Santa Catarina e a Construção de Sua Sociabilidade em praias Litorâneas*. Relatório para Exame de Qualificação (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo – USP. São Paulo: 1999

DURHAM, Eunice R. *A Pesquisa Antropológica com Populações urbanas: Problemas e perspectivas*. in CARDOSO, Ruth. *A Aventura Antropológica, Teoria e Pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

DOWBOR, Ladislau. *A Reprodução Social: Propostas Para Uma Gestão Descentralizada*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CONSELHO MUNICIPAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. *Estatuto Da Criança e do Adolescente*. Florianópolis: 1995.

ESCOLA BÁSICA AMÉRICA DUTRA MACHADO, *Relatório de Planejamento Escolar*. Florianópolis: 1999.

FANTIN, Márcia, *Cidade Dividida*, Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FEIXA, Carlos de , *Jóvenes, bandas y tribus*. Barcelona:. Editora. Ariel, 1998.

FREIRE, Paulo, *Pedagogia do Oprimido*. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____, *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

- GOHN, Maria da Glória. *História dos Movimentos e Lutas Sociais: A Construção da Cidadania dos Brasileiros*. São Paulo: Loyola, 1995.
- GOLDENBERG, Miriam. *A arte de Pesquisar: Como Fazer Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- GOMES, Jerusa Vieira. *Jovens Urbanos Pobres: Anotações sobre escolaridade e emprego*. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo : n. 5. p. 53 – 62, ANPED, 1997.
- GRACIANI, Maria Stela S.: *Pedagogia Social de Rua*. São Paulo: Cortez, 1997.
- GROPPO, Luiz Antonio, *Juventude. Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.
- GUZMÁN, Diego Péres. MEJÍA, Marco Raúl. *De Calles, Parches, Galladas y Escuelas: Transformaciones em los Processos de Socialización de Los Jóvenes de Hoy*. Santa Fé de Bogotá.: CINEP, 1996.
- HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989.
- LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean – Claude (org), *História dos Jovens da Antiguidade à Era Moderna*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.
- LIMA, Donizeti José de. ... *Isto Aqui é Um Pouquinho do Brasil*. Monografia (Pós-Graduação) - Curso de Metodologias de Atendimento da Criança e do Adolescente em Situação de Risco, Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2000.
- LIMA, Eliete Maria de, CUNHA, Gisele. *Homens e Mulheres Construindo o Caminho Para a Libertação*. Florianópolis: 1992 (TCC) - curso de Serviço Social, Univesidade Federal de Santa Catarina. 1992

- MARGULIS, Mario. *La juventud es más que una palabra*: Ensayos sobre a cultura y juventud. Buenos Aires: Editorial Biblos, 1996.
- MARQUES, Maria Ornélia da Silveira. *Os Jovens na escola Noturna*: Uma nova Presença, 1995, Universidade de São Paulo - USP. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: 1995.
- MARTINS, Jose de Sousa. *Exclusão Social e a Nova Desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997
- MARTINS, José .de Souza. *A Chegada do Estranho*. São Paulo: HUCITEC.1989.
- MELLUCCI, Alberto. *A Invenção do presente*: Movimentos sociais nas sociedades Complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____. Juventude. Tempo e Movimentos Sociais. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo: n.5, p. 5 – 14. ANPED, 1997.
- NAKANO. Marilena, *Jovens: Vida Associativa e Subjetividade*. Um Estudo dos Jovens do Jardim Oratório.1995, Dissertação (Mestrado em Educação).Universidade de São Paulo - USP, São Paulo:. 1995
- OLIVEIRA, Betty (org.). *A Socialização do Saber Escolar*.São Paulo: Cortez, 1987.
- PAIS, J. Machado. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1996.
- PASSETTI, Edson (org.). *Violentados*: Crianças, Adolescentes e Justiça. São Paulo: Imaginário, 1999.
- PERALVA, Angelina. O Jovem como Modelo Cultural, *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n.5, AMPED, 1997.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS: Projeto: *Urbanização, Habitação e Desenvolvimento Comunitário da Região Chico Mendes*, Vol II, 2000
- QUAPPER, Klaudio Duarte: *Juventud o Juventudes?* Acerca de como mirar y remirar a las juventudes de nuestro continente, in BURAK, Solum Donas: *Adolescencia y*

Juventud en América Latina, Cartago: LUR Libro Universitario Regional, Cartago: 2001.

RIZZINI, Irene. *O século Perdido: Raízes Históricas das Políticas Públicas para a Infância no Brasil*, Rio de Janeiro: Edit Universitária Santa Ursula, AMAIS, 1997.

SADER, Eder. *Quando Novos Personagens Entram em Cena: Experiências e Lutas dos Trabalhadores da Grande São Paulo 1960-1980*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANDOVAL, Mario. La relación entre los Cambios Culturales de Fines de Siglo y la Participación Social y Política de los jóvenes. in BALARDINI, Sergio (Compil.) *La Participación Social y Política de los jóvenes en el Nuevo Siglo*. Buenos Aires: CLACSO : Conselho Latino Americano de Ciências Sociais, 2000.

SANDRINI, Paulo Roberto. *Para Além do Estatuto. Uma Reflexão sobre a institucionalização da participação popular*. Coleção Laboratório. Educação Tramas e Temas, Florianópolis: NUP-CED-UFSC- 1995.

SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. *A Reinvenções da Utopia: A Militância Política dos Jovens nos anos 90*. São Paulo: Hacker editores, 1999

SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. DURAND, Olga Celestina: Experiências Educativas da Juventude entre a Escola e os Grupos Culturais. *Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação, UFSC – CED, Florianópolis, Volume 20, n. especial, p. 163-181, Jul/Dez de 2002*.

SPÓSITO, Marília Pontes. *Algumas Hipóteses Sobre as Relações Entre Movimentos Sociais, Juventude e Educação*. in *Revista Brasileira de Educação*. n.º 13. ANPED, 2000.

SPÓSITO, Marília Pontes. A Sociabilidade Juvenil e a Rua. Novos conflitos e Ação Coletiva na Cidade. *Tempo Social*, Revista de sociologia da USP. São Paulo. 1994.

SPÓSITO, Maria Pontes. (Coord) *Estado do Conhecimento Juventude*, Universidade de São Paulo – USP. São Paulo: 2000.

SPÓSITO, Marília Pontes. Estudos sobre Juventude e Educação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 5, p. 37 – 52. ANPED, 1997.

TELLES, Vera da Silva. *Cidadania Inexistente: Incivilidade e Pobreza*. Um Estudo Sobre Trabalho e Família na Grande São Paulo. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade de São Paulo – USP – São Paulo, 1992.

WASELFISZ, Julio Jacobo (Coord. Técnico) *Juventude Violência e Cidadania*, Os jovens de Brasília, São Paulo: Cortez Editora, 1998.

ZALUAR, Alba_ *Condomínio do Diabo*. Rio de Janeiro: Reva:n. Ed. UFRJ, 1994.

ANEXOS

ANEXO I - Questionários.

Domingo 04 de agosto de 2002

Durante os quinze dias anteriores fomos conversando sobre a realização das entrevistas. Marcamos um domingo a partir das 09:00 horas, para que pudéssemos fazer a atividade com calma. Encerraríamos com um almoço.

No dia marcado, todos foram chegando de tal modo que pudemos começar com certa pontualidade.

Falei um pouco sobre o projeto de pesquisa e expliquei o questionário.

Cada um/cada uma foi pegando suas folhas enquanto fui preparando o almoço: Risoto de frango.

TABULAÇÃO DAS RESPOSTAS:

01 - De onde vieram?

01 de Laguna; 10 de Lages; 02 de Bom Retiro; 01 de Pato Branco(Pr); 05 de Florianópolis, 01 de Urubici; 03 de Alfredo Wagner; 02 de São José e 01 de Itapema

02 - Por que vieram?

A maioria afirma ter vindo para a comunidade em busca de melhores condições de vida, ao mesmo tempo em que fala da deterioração dessas condições nos locais de origem.

- *Questão financeira (Oriedson)*

- *Uma vez meu pai estava passando pela Comunidade, viu uma casa que estava à venda e resolveu comprar por que nós morávamos de aluguel. (Juliana^a)*

- *Por que meu Pai veio trabalhar, aí resolveu morar aqui. (Karem)*

- *Por que minha mãe trabalhava aqui e então alugou uma casa na comunidade e a gente viemos morar aqui.(Denis)*

- *Por falta de emprego e por necessidade econômica. (Kleiton)*

- *Por que na cidade onde eu morava antes estava muito difícil de emprego. (Ricardo).*

- *Por que lá era ruim de emprego. A vida em Bom Retiro era muito difícil porque as pessoas tinham que trabalhar na roça. (Cleber)*

- *Meu pai veio morar aqui por falta de emprego em lages. (Cristiam)*

- *Forças maiores. Melhores expectativas de emprego, qualidade de vida. (Cristiam Amaral)*

- *Por que lá onde eu morava não tinha emprego para meus pais. (Kenedy).*

03 - Você trabalha? Se trabalha quanto ganha?

- Rafael trabalha como office boy na Eletrosul, recebe ½ salário mínimo;
- Karina vende cerveja/refri/espetinho em estádios, ganha 05 reais por jogo;
- Kristiam trabalha no McDonalds;
- Anderson trabalha na casa Chico Mendes e ganha 100 reais
- Jéferson trabalha no Centro da cidade serviços gerais, ganha 200,00 reais por mês
- Antonio trabalha na Casam, ganha 360,00 por mês;
- Oriedison Faz “vários” trabalhos e ganha 40,00 por semana.....

04 - Se você faz bicos, explique.

- Na Construção;
- Descarregar caminhões (Valderi)
- Servente (Cleber)
- Construção (Ricardo)
- Pintor (Anderson)
- Diário catarinense, servente, pintor, plantando grama (Jéferson)
- Lanchonete, fábrica de cosméticos (Juliana)
- Loja de móveis, bar, construção civil (Oriedison)
- Limpeza (Orimar)
- Servente (André)
- Catador de Papelão (Antônio)
- Servente, vendedor de Jornal (Valter)
- Servente (Cleber)
- Vendedora de cerveja/refri/salgadinho (Karina)

05 - O que é ser jovem?

- *Ser Jovem para mim é ter oportunidade de se sentir mais valorizado na questão do estudo, saúde, etc. Jovem significa que temos mais oportunidade. (Valter)*

- *Ser livre sem ter que lidar com os adultos (Antonio)*

- A juventude é o tempo que nós começamos a nos preparar para as barreiras que a vida nos traz. As pessoas ficam divididas em dois mundos, o mundo dos jovens e o dos adultos, quando ganhamos mais responsabilidades (André)

- Ser jovem para mim é o jovem aproveitar a juventude. Isso nem todos fazem. Escolhem o outro lado em vez de estudar. (Orimar)

- Uma parte da vida (Oriedson)

- Ser jovem significa se divertir, estudar para ter um futuro melhor (Rodrigo)

- Ter sabedoria e ser jovem é aproveitar tudo o que tem na vida de bom (Juliana)

- O caminho que nunca vai parar porque depois de nós sairmos do Projeto Nossa Casa vai vir outros no nosso lugar e ser jovem é ser alegre, é viver, ficar feliz (Antônio)

- Jovem significa o amadurecimento para futuro (Karen)

- Não ser criança e nem adulto. Uma fase da vida muito gostosa de viver. (Denis)

- É poder se divertir sem algumas preocupações (Kleiton)

- Ser jovem significa ter seus direitos e poder dar opiniões, ter estudo e um trabalho, ter valor no meio social (Anderson)

- É uma etapa da vida onde pode ser decidido o futuro (Ricardo)

- Ser jovem é muito interessante (Cleber)

- Liberdade (Cristian Moraes)

- Aprender a viver a vida (Valderi)

- É um estado de espírito muito marcante na vida. Ser jovem é ser livre poder fazer tudo o que quiser. É não ter a vergonha de ser feliz (Cristiam Amaral)

- Ser alegre (Kenedy)

- É uma coisa muito boa, mas as vezes é ruim. Pôr que você tem que largar as coisas que gosta de fazer para trabalhar (João Ângelo)

- Significa parte da vida, problemas, significa ser difícil, ser comprometido, etc (Karina)

- Ser jovem é viver a vida, não deixar ela ser sofrida. Ser jovem é ser feliz, é respeitar para ser respeitado. (Jaqueline)

- Significa dor de cabeça para os pais e ao mesmo tempo faz seus pais felizes (Juliana C.C)

- Problemas, complicações mais é um mundo novo aonde aprendemos novas coisas e também temos que tomar cuidado com drogas, bebidas e principalmente com doenças e violência (Fabíola)

- *É curtir tudo o que tem direito, mas tudo que é bom, sem drogas, roubos e sem tirar a vida de ninguém (Rafael)*

06 - O que é ser jovem pobre

- *É ser mais um jovem pobre em questão financeira (Kenedy)*

- *Só é pobre quem quer. Não precisa de ter dinheiro para ser rico. Eu sou rico de saúde, tenho vários amigos que posso confiar. Às vezes a falta de dinheiro prejudica um pouco, mais nem tudo é um céu azul. (Cristiam Amaral)*

- *É ser sem oportunidade de se dar bem na vida (Valderi)*

- *Vida sofrida. Muito poucas oportunidades (Cristian Amaral)*

- *Ser jovem é ser humilhado, por que muitas vezes os jovens passam por situações desagradáveis, como indo para o paredão, fumando maconha, roubando, matando e até vendendo pedra. (Cleber)*

- *É crescer numa comunidade pobre, mas ser um bom cidadão (Ricardo)*

- *Ser jovem pobre significa ser excluído do meio social e não ter nenhuma oportunidade .É na maioria das vezes não ter seus direitos. (Anderson)*

- *É se divertir sem alguns lugares apropriados (Kleyton)*

- *É muito difícil, por que é muita desigualdade entre jovens ricos ou classe média e jovens pobres, nós. Mas eu não ligo muito por que eles são eles e nós somos nós. Eles às vezes não podem nem sair na rua por causa do dinheiro “medo”, mas nós não temos medo... (Jéferson)*

- *É ser desprezado por outras comunidades mas ricas (Denis)*

- *Significa um pouco de sofrimento para uma vida madura (Karem)*

- *É ter que viver e não ter o que você gosta. Ver os outros jovens todo arrumado e você com roupas velhas tênis velho. (Luiz Cláudio)*

- *Uma coisa ruim por que nós jovens pobres somos humilhados (Juliana)*

- *Significa a pessoa não ter boas condições de vida na comunidade onde mora (Rodrigo)*

- *É nascer e crescer em meio da marginalidade e crescer sem virar marginal (Oriedison)*

- *Ser jovem pobre é muito pior. Somos esquecidos, só lembram em época de eleição e nem assim fazem o que merecemos (Orimar)*

- *É Não ter tudo o que queremos. Mas o mais importante é termos o amor de nossos pais e amigos por que vivemos numa comunidade pobre onde todos tem que ser unidos (André)*

- *Significa que somos iguais aos ricos só que com rendas diferentes e um pouco de dificuldades em relações sociais (Antônio)*

- *O jovem pobre ele passa por várias dificuldades na vida, por que ele não ganha nada da mãe, nem do pai, e se sente muito angustiado por que ele não tem quase nada e passa a fazer coisas que não deve (Valter)*

06 – Quais os principais problemas dos jovens da comunidade Chico Mendes?

- *A violência, a droga e a falta de emprego (Juliana)*

- *Os principais problemas são que nós somos discriminados aonde nós vamos. Apanhamos da polícia sempre e sofremos porque nossos pais não conseguem um emprego para nos sustentar, daí os jovens caem na droga tentando achar um meio para ajudar suas famílias daí ele começa a roubar as pessoas (Rodrigo)*

- *Desemprego, envolvimento com drogas, assaltos e homicídios. (Oriedson)*

- *Os principais problemas do jovem daqui é a pobreza, fome e drogas e falta de oportunidade de estudos e serviços. Com esses problemas o único caminho que o jovem acha é roubar e fazer coisas que não deve, mais isso não é com todos os jovens que acontece, isso é a minoria (Valter)*

- *Falta de lazer, um espaço maior pros jovens, oportunidades (Luiz Cláudio)*

- *A violência e os problemas de casa (Karen)*

- *O preconceito a pobreza e muito outros (Denis)*

- *As drogas, o preconceito tanto fora dela como dentro também existe. O desemprego a segurança. Etc... (Jefferson)*

- *São as drogas e a falta d emprego há muitas pessoas que tem uma família para sustentar e não tem emprego e nem uma boa escola (Anderson)*

- *Muitas drogas, Violência e analfabetismo.(Ricardo)*

- *Os jovens da Comunidade Chico Mendes têm que conviver na marginalidade e alguns desses jovens se tornam marginais (Cleber)*

- *As drogas e o estudo (Cristiam M.)*

- *Falta de Educação, discriminação, etc... (Valderi)*

- *Falta de emprego e escolaridade, é preciso apoio de políticos para ajudar nossa comunidade (Cristian R. Amaral)*

- Eu acho que o trabalho e o racismo das pessoas são os principais problemas dos jovens da Chico Mendes (Kenedy)

- As drogas (João Angelo)

- È não ter chance de mostrar o que é realmente Chico Mendes e não ter um espaço para nos divertirmos (Karina)

- Violência, desnutrição, drogas, miséria e pobreza (Jaqueline)

- A discriminação e a falta de oportunidade (Juliana)

- Drogas, doenças e principalmente violência (Fabíola)

- Muitas drogas, violência, roubos, etc (Rafael)

ANEXO II - ENCONTRO NO CAMPECHE

Iº Encontro

Tema: Juventude e Cidadania

Assessoria: Donizeti José de Lima

Depois de uma semana de muita expectativa, no sábado pela manhã veio o ônibus que nos levou até a Sede Social dos Trabalhadores na Justiça de Santa Catarina – SINTRAJUSC. Lá, após o café da manhã, nos reunimos para combinar regras de convivência e iniciar o que chamamos de CURSO SOBRE JUVENTUDE E CIDADANIA.

1º Momento: A Toupeira que queria ver o cometa.

Fizemos uma motivação inicial a partir de uma história escrita por Rubem Alves - A Toupeira que Queria Ver o Cometa - que conta a história de um animal acostumado a viver em túneis, e que por isso vai ficando cego. Um dia a Passagem do Cometa Halley desperta na toupeira o Desejo de ver. E o desejo é tão grande que os seus olhos começam a se abrir, possibilitando a visão de muitas coisas, inclusive coisas que os que enxergam não vêem, pois sua visão é banal, comum.... A Toupeira percebe que pode ver coisas novas e que para isso é preciso alimentar o desejo, cultivar o sonho, olhar com muita atenção.

2º Momento: Como cheguei até aqui?

A idéia desse era resgatar um pouco da história familiar de cada um. Para isso pedimos durante a semana para cada um trazer uma foto da família. Na roda, ao redor de um mapa da América latina, construído com pedras que cada um catou no pátio, começamos a falar e ouvir histórias de cada um.

Jéfferson. Trouxe uma foto da mãe e contou que sua família veio de Campos Novos, mas que já morou em Lages e São Paulo. Seus Pais já morreram e ele mora com seus irmãos e a prima.

Tonico: Nasceu em Lages e veio para cá com 01 ano de idade. Sua família participou da ocupação. Passou pela FUCABEM (Fundação Catarinense do Bem estar do Menos).

Juliana: Veio do interior, pois lá estava ruim de serviço. De Urubici veio para o bairro Ipiranga (Município e São José), na casa de uma tia, até que se mudou para a Comunidade Chico Mendes.

Cláudio: Família veio de Xanxerê. Trouxe uma medalha de artilheiro para dizer de sua paixão por futebol.

Julian. Veio de Curitiba. Aqui morou na casa da avó, mas teve que se mudar pois esta vendeu a casa.

Tinho. A mãe veio com a prima de Alfredo Wagner. Morava no Bairro do Estreito.

Gugu: A mãe fugiu de casa, Morava em Alfredo Wagner, empregou-se num shopping do Município de São José. Foi gerado no elevador.

Cristiam. Morava na Nova Brasília, Município de Imbituba.

Ricardo: Nasceu em Pato Branco, Pr. Veio por causa de Emprego. Mudou-se duas vezes para Alfredo Wagner.

Caíque: sabe que nasceu de um parto dolorido e que veio para a comunidade com sete anos.

Denis: Nasceu em Lages. Aqui em Florianópolis morou no Morro da Caixa e Córrego grande e Rio vermelho. Voltou para Lages, Veio para o Rio vermelho, foi para Lages e agora mora na Chico Mendes.

Kleyton: De Lages veio para a Chico Mendes.

Leonardo: Veio de Chapecó

Thiago: Sua mãe veio do Piauí para São José. Participou ativamente da ocupação.

Adevaldo: Veio de Lages para a Chico Mendes, voltou para Lages e veio para a Chico Mendes.

Cristiam: Pai é Lageano.

Jorge: Veio de Lages para Navegantes e daí para Florianópolis.

Antônio: Veio de Anita Garibaldi, Morou em Lages.

Bira: Nasceu em Chapecó, Morou no Rio Grande do Sul.

Mateus: É a mesma história do Juliam.

Doio: É a mesma história do Jefersom.

Buco: Mora no Monte Cristo há duas décadas. Sua família é de Florianópolis.

Digão: Veio do Paraná. Passou pela Chico Mendes, Serraria e Pasto do gado. Foi para o Rio de Janeiro, veio para Curitiba, voltou para o Rio e veio para a Chico Mendes.

3º Momento: Visualizar a nossa realidade, nossa vida atual.

Os Jovens foram divididos em grupos e cada grupo tinha um nome e sobrenome: Grupo 01: Chico Mendes Vida Digna ; Grupo 02: Zumbi Sonho, grupo 03: Margarida Alves Justiça; Grupo 04 Galdino Verdade e Grupo 05 Carlos Giuliani Esperança luta.

Propus que cada grupo conversasse e apresentasse a comunidade Chico Mendes para os demais. Cada um deveria usar uma técnica para apresentação.

Apresentações dos grupos:

Grupo Margarida Alves Justiça. Apresentação escrita.

Bem, tudo o que vimos e escrevemos, é todo o conceito que nossos pais, nossos avós e nos mesmos que moramos na favela Chico Mendes criamos. Não só por que é uma favela, mas é pela as pessoas lá fora. Elas tem preconceito e medo das pessoas seja ela trabalhadora ou não. Tudo isso por causa de maus elementos, “que muitos deles estão nessa vida roubando, fumando, etc. porque as pessoas lá fora não dão emprego para elas. Uns levam a vida com a ajuda de outras e outra caem nessa vida sem esperança de um futuro melhor”

Nós não somos só favelados ou pessoas fudidas, mas sim somos pessoas, digamos, em parte vencedoras. Primeiro por muitos de nós não estarmos nas drogas e outro por muitos ter o que comer, onde morar, no que trabalhar e sobreviver sobre essas circunstâncias tão precárias em que vivemos, ou que nos obrigam a viver. Para nós do nosso grupo o nosso pensamento é esse: **NÃO IMPORTA O QUE OS OUTROS PENSEM OU FALEM SOBRE NOSSO RESPEITO. NÓS NÃO LIGAMOS E SEGUIMOS EM FRENTE SEMPRE COM A CABEÇA ERGUIDA. É NÓIS.**

Grupo Zumbi Sonhos. colagem e escrita.

Fizeram uma carta com várias figuras de pessoas trabalhando, sendo que apareceu na maioria das figuras tinham crianças trabalhadoras. Escreveram o seguinte:

- Seja no mangue, no lixo, seja na roça, o trabalho infantil é terrível, é condenável:
- Muitas crianças deixam de estudar para trabalhar.
- Muitas dessas crianças trabalham 10 horas por dia e não tem folga no domingo.

Grupo Chico Mendes vida Digna: Colagem

Este grupo também fez colagens, e para cada gravura escolhido eles escolheram nomes que foram os seguintes: Pobreza, morte, fudido, violência, lascado, excluídos,

favelados, jovens, trabalha,migrantes,dores, lascado, mortes, trabalhador/trabalhadora, sofredor, jovens, poluição, pobreza, excluído, jovens.

Grupo Índio Galdino Verdade: Pintura

Fizeram pintura com tinta guache . Pintaram um aglomerado de casinhas cercado por algumas cenas: Um batida policial; Um jovem conhecido da comunidade e que cata resíduos sólidos no latão de lixo; jovens fumando pedra; jovens e crianças roubando alumínio de uma casa; uma delegacia.

Grupo Carlo Giuliani Esperança e Luta: Desenho

Este grupo fez um desenho onde aparecia a cidade: Os prédios do centro um pouco distantes, os morros ocupados por casinhas e a nossa comunidade onde apareciam bem destacadas: a escola, A casa Chico Mendes, pessoas trabalhando, crianças brincando e uma casa com uma família composta de pai, mãe e filho.

4º Momento: Quem somos, afinal?

Após um momento de cochicho o grupo foi convidado a dizer algumas das características que melhor o definem, as quais fomos anotando em grandes folhas de papéis que permaneceram coladas na parede até o final do encontro.

Somos pessoas, jovens, migrantes, faveladas, trabalhadoras, pobres, lascadas, excluídas, sofredoras.

Somos ainda: cidadãos, vencedores, fortes, amigos, comunidade, sonhadores.

Moramos na comunidade Chico Mendes (Nossa Senhora da Glória, Monte cristo, Novo Horizonte, Promorar)

5º Momento: Nossos sonhos

Se somos sonhadores, como é, afinal, o mundo que sonhamos?

Os grupos responderam o seguinte (as respostas foram dadas por escrito):

- Sonhamos com uma sociedade melhor, ou seja, igualdade para todos, sem preconceito de cor, raça ou credo, onde todos possam viver com as mesmas condições de vida.

- Nós sonhamos com uma sociedade sem desigualdade, sem falta de moradia, sem corrupção, sem violência, sem desemprego, com mais oportunidades, sem este sistema onde poucos têm muito e muitos têm pouco, com mais saneamento básico, mais segurança, com mais empregos para que as pessoas não precisem roubar para se sustentar, ou que as crianças deveriam estar na escola e não no lixão catando alguma coisa para brincar, se alimentar com mais alimentação, mais abrigos para as pessoas mais carentes.

- A sociedade que nós sonhamos é que existisse igualdade entre ricos e pobres, negros e brancos. Também sonhamos com ensino de qualidade, saúde, trabalho, segurança, etc.

Sonhamos que na Sociedade não existissem drogas e nem violência, porque todos da sociedade sofrem com isso.

Sonhamos com um bom saneamento básico, por que na sociedade são vários esgotos, lixos, etc.

Sonhamos que um dia os políticos não venham na favela só no dia da eleição e sim os dias que o povo esteja em dificuldades financeiras, e simplesmente fazer propostas enganosas que não irão cumprir com suas promessas e deixam a favela do mesmo jeito que eles a viram pela primeira vez.

A sociedade que sonhamos em ter é que os poderosos tenham mais consciência do que estão fazendo e deixar de fazer o errado e fazer as coisas que a favela ou a população precisa em razão da fome, desemprego, cidadania, discriminação, diferenças entre ricos e pobres, brancos e negros, oportunismo, lazer e sonhamos não só com uma sociedade melhor e sim com um mundo melhor .

- Sonhamos com uma área de esporte e lazer; um transporte melhor e mais confortável; uma escola de qualidade; um emprego digno para todos; Todos terão que ter casa decente e sem pagar aluguel.

- poderia mudar o jeito que a classe econômica trata os pobres. Poderia também mudar a desigualdade social e o preconceito contra os pobres e negros. Eles deveriam por a mão na consciência e ver que nós e eles podemos mudar a situação do Brasil.

6º momento: Como realizar nossos sonhos?

Todos voltaram para os grupos para pensar meios de fazer com que nossos sonhos sejam trazidos para mais perto da nossa realidade. Eles trouxeram as seguintes respostas:

- Através do voto;
- Através da união, da organização;
- Participação em grupos, como o projeto nossa casa;
- Mudança de vida: companheirismo, solidariedade, paz...
- Estudar bastante
- Lutar sempre.

ANEXO III - REUNIÃO DE AVALIAÇÃO E PLANEJAMENTO

“O coletivo é um organismo social vivo e, por isso mesmo, possui órgão, atribuições, responsabilidades, correlações e interdependência entre as partes. Sem tudo isso não coletivo, há uma simples multidão, uma concentração de indivíduos”. Makarenko

Reunião de Avaliação e Planejamento Jovens / Adolescentes

Encontram-nos ao fim da tarde do dia 01 de novembro de 2001. o propósito deste encontro era avaliar/ planejar. Preparei e propus que o nosso encontro pudesse acontecer em três momentos, através o método **Pratica-Teoria-Pratica**.

Um quarto momento seria uma pequena confraternização.

Dividimo-nos em três grupos:

Grupo 1 – Che Guevara

Grupo 2 – Zumbi

Grupo 3 – Chico Mendes

1º Momento: Os grupos conversaram e trouxeram o seguinte resultado.

- Nesses últimos meses percebemos que a muita dificuldade para organizar a bagunça. Há muitas pessoas que não levam a sério o que os líderes pedem, como:

- Não gritar, Falar Alto;
- Não sentar nas mesas;
- Não ficar correndo;
- Não aumentar o volume da TV/
- Não entrar na cozinha;
- A limpeza também tem que ser organizada, por que muitos sujam e poços limpam ou sempre as mesmas pessoas;
- Na televisão tem que ter uma pessoa responsável para ligar e desligar no horário certo, sem que outras pessoas fiquem mexendo nos controles;
- O lado bom e que todos se dão bem, somos todos amigos
- (camaradas).

- Nas quartas-feiras há também momento de leitura que nós chamamos de café com livros. No “Café co Livros” há muita bagunça, pessoas que chegam fora do horário e que ficam entrando e saindo da sala. Esse entra e-sai atrapalha a concentração de quem está lendo ou tentando ler, principalmente do *Donizeti*. No Café, Deus o livre! É muita gente pensando em si próprio. Eles pensam que a comida vai sair correndo. Isto tem que mudar
- O espaço já é uma coisa positiva;
- O Ping-Pong;
- O vídeo que nos ensina;
- O curso de informática;
- É ótimo, mas há algumas senas que não tem:
 - Tem muita bagunça no dia-a-dia;
 - O café com livros, também está nos ajudando muito na leitura;
 - Há necessidades de outras atividades além do Ping-Pong.
 - Ex .Xadrez, etc;
 - Todos participam do futebol, mas tem dia que faltam jogadores;
 - Vídeo: fazer uma lista de Filmes
 - Café com Livros: tem dia que ta bom, mas tem dia que é muito entra-e-sai, e tem gente que chega tarde;

2º Momento: Refletir sobre as nossas práticas.

Neste momento eu Partilhei com o grupo algumas reflexões que tenho feito a partir do nosso modo de ser, das falas que tenho ouvido, da nossa organização, etc.

Vejamos:

Vivemos em uma cidade que pensa Chico Mendes apenas como Favela; lugar de violência; carências, faltas, etc. Para nós, contudo Chico Mendes é comunidade. Somos do Monte Cristo, Promorar, Novo Horizonte, Nossa Senhora da Glória e Chico Mendes, tem sido muito Importante para nossas vidas.

Nós queremos: sonhar expandir Horizontes, cidadania Justiça, felicidade.

Esse grupo tem nos ajudado a vivenciar isso tudo, mesmo na provisoriedade, em meio a contradições. Estamos nos certificando que o muno que nós queremos é possível

com a ação coletiva. Não podemos viver no individualismo se quisermos mudar as nossas histórias.

Às vezes nos sentimos desanimados. Somos explorados, excluídos...

Esses grupos nos fortalecem. Aqui fazemos experiências de liberdade, responsabilidade, carinho, valorização dos nossos potenciais. Aqui as coisas só acontecem na medida que nos as fazemos. Nossos interesses contam muito. Nossa participação é fundamental.

3º Momento: Discutir e apontar novas perspectivas, renovar nossas práticas.

Chegar no horário certo que é as 17:30:

Educação na hora das refeições; da reunião, etc;

Falar baixo;

Respeitar regras;

Escutar e dar mais atenção à equipe de coordenação;

Mudar o horário do café com livros;

Tem que ter uma escala para vídeo, e tem que ter dia certo;

Não mexer nos trabalhos que os outros grupos fazem;

Tem que parar com a correria no corredor;

Lugar de bicicleta é na garagem;

Maneirar na hora da reunião;

Tem que ter outros esportes: basquete, vôlei, etc;

Montar um time de futebol feminino;

Não ficar ao redor da mesa de Ping-pong;

Fazer listas de filmes;

Começar as 18:00 hs

Ligar a tv na hora certa; deixar no volume certo;

Muita conversa no café com livros;

Chegar na hora certa;

Não ligar Tv na hora do Ping-Pong;

Realizar novos passeios;

Ter mais respeito uns com os outros;

Obs: Funções da equipe de coordenação

- Proporcionar ambiente agradável;
- lembrar a pontualidade;
- Cuidar dos materiais;
- Liderar a limpeza;
- Atender quem chega;
- Acolher novos/novas pessoas que chegam.

ANEXO IV - ENTREVISTAS PESSOAIS

Entrevista I.

Valter. Apelido: Tinho.

Idade: 18 anos

Dodô (D): Tinho, Há quanto tempo você mora nesta comunidade?

Tinho (T): Aqui na comunidade eu estou morando faz dois anos.

D - Você mora com quem?

T – Eu moro com meus primos.

D – Quanto tempo faz que você participa do Nossa Casa?

T - Do projeto....., acho que já estou há um ano. Desde quando comecei faz um ano.

D – O que você tem feito aqui?

T – Aqui eu aprendi muitas atividades. Conheci mais amigos, por que antes eu ficava na rua. E aqui eu vi que é um lugar que eu vi que poderia sair da rua, que era mais perigoso pra mim ficar na rua. Daí eu resolvi entrar no projeto.

D – O que significa ter amigos?

T – Ter amigos assim reunidos é uma forma de não estar envolvido com pessoas que levam a gente para o mau caminho, das drogas...

D – O que você fazia na rua?

T – Na rua eu tava começando a andar com gente que não devia. Daí o Gugu, meu primo, me falou que aqui era legal. Daí eu comecei a vir. Ainda jantei com o Dodô e o Israel a primeira vez. Eu tava meio envergonhado, mas eu vi que aqui era melhor.

D – O que você faz além de participar aqui?

T – Por enquanto eu to fazendo capoeira. Por que eu acho que a capoeira é uma esporte que distrai a gente.

D – Você está estudando?

T – To, eu passei para o primeiro do Segundo. E vou continuar.

D – E em quais atividades você tem participado mais?

T – Eu achava mais legal os curso por que a gente aprende muita coisa, tem muita gente reunida. Pra mim todas as atividades são legais.

D – Você pode falar um pouquinho dos cursos?

T – Os cursos... acho que foi uns três que eu fui, se eu não me engano. Um foi aquele de direitos entre homem e mulher, direitos iguais. Teve outro que falou de AIDs, doenças. E teve um que a gente falou sobre a nossa comunidade. Esse eu não lembro muito o nome.

D – Você lembra o que vocês falaram sobre a Comunidade?

T – A gente falou sobre o que poderia mudar. Se a gente podia ajudar outros que estão necessitados. Daí a gente resolveu no curso que a gente ia começar a ajudar as pessoas.

D – Fala um pouco então sobre a nossa comunidade.

T - Pra mim, aqui eu acho um lugar muito legal, mas agora que os cara tão começando essas coisas de droga. Aí é muito difícil ter gente na rua como antes. Agora é muito difícil por que o cara sai na rua, aí a polícia pára o cara. Também os caras uns se atirando nos ouros. Ficou muito ruim.

D –A polícia já te parou?

T – Já me parou um monte de vez.

D – E o que é que a polícia faz?

T - Ah, eles fazem um monte de coisas que não devem com o cara. Eles batem no cara. Manda o cara tirar tudo que tem no bolso pra fora, revistam... Eles fazem um monte. Batem, como já bateram em mim uma vez.

D – Mas você também falou que a comunidade é legal. E por que é que é legal?

T – Ah, por que aqui eu tenho muitos amigos que ainda não chegaram ao ponto de entrar na droga. Isso aqui no projeto tem um monte. Por isso que aqui eu acho que é o melhor lugar de ficar.

D – Você tem muitas preocupações com o futuro?

T – Com meu futuro eu tenho.

D – E que tipo de preocupação?

T – Ah! Eu acho assim que, primeiro eu tenho que ter um estudo bom pra depois eu arranjar um emprego, seguir na capoeira ou até arrumar um lugar pra trabalhar, assim como o donizeti num projeto que eu acho muito legal, assim, trabalhar com jovens, assim.

D – Você tem sonhos?

T – Tenho.

D – Que sonhos?

T – Um sonho é ser professor de capoeira, trabalhar com muitas criança, jovem. E ir pra Bahia.

D – Você Trabalha?

T – Por enquanto eu não estou trabalhando. Eu tava ajudando o marido de minha irmã e eu vou ver se continuo ainda apor que eu quero arrumar um emprego melhor.

D – O que você estava fazendo com o marido de tua irmã?

T – Eu tava ajudando ele bota piso, rejuntando e rebocar uma parede.

D – E ele vai te pagar?

T – Ele vai.

D – E o que você vai fazer com o dinheiro?

T – Com o dinheiro eu vou ver se eu ajudo a mãe um pouco também, que ela ta precisando. E o resto eu vou ver. Eu não posso gastar com besteira, eu quero ver se eu compro comida, alguma coisa, roupa.

D – Você está casado, né? Há quanto tempo você está casado?

T - Já faz uns sete meses.

D – E você está gostando da vida de casado?

T – Por enquanto eu acho que ta um pouco difícil,né, por que na hora que o cara se junta, a vida do cara pára um pouco assim, ela não....., ela não é como antes. O cara se sente assim, assim sair pra rua, vir pra cá pro projeto, a gente fica totalmente diferente. O cara tem que ser assim mais....., arrumar um emprego. O cara tem que já ser adulto já de uma forma assim rápida, assim.

D –Mas o que é ser adulto?

T – Ser adulto pra mim é ser aquele que cuida de tudo em casa, ter que trabalhar mais. Não é só isso, tem muitas outras coisas.

D – E o que é ser jovem?

T – Jovem é aquele que tem mais um tempo pra brincar, assim, pra conversar com os colegas, pra sair, se divertir, fazer brincadeira...

D – E você me falou que vocês pensaram em ajudar a comunidade. Você acha que o jovem pode ajudar a comunidade?

T – Eu acho que depende de cada um, acho que cada um pode (.....) . Eu acho que o jovem tem condições de ajudar.

D – Mas por que é que a comunidade precisa de ajuda?

T – Por que hoje em dia tem gente que não consegue emprego, ou que não pode trabalhar, ou que é muito difícil, a maioria das pessoas daqui são tudo discriminado lá

fora. Daí, quando a pessoa vai arranjar um emprego, ele, assim, ele já fica para trás se ele diz que é da Chico Mendes. Por que eles acham que todos aqui são bandidos, ladrão, essas coisas, mas nem todos são, tem muita pessoa boa.

D – E o que é ser uma pessoa boa?

T – Pessoa boa é aquela que ajuda, ajudar para ser ajudado. Assim todos gostam dela.

D – Você já foi procurar trabalho?

T – Já fui umas duas vezes.

D – E o que aconteceu?

T – Eles só pediram pra gente deixar a ficha lá e deu.

D – Voltando um pouco pro projeto nossa casa, o que tem a ver o s amigos, o futuro...

T – Pra mim né, o futuro aqui, cada um tem o seu sonho, né! Uns é arrumar um emprego, uns é ir pra outro lugar. Mas eu acho que tem que pensar positivo, estudar bastante, pra mim é mais ou menos isso.

Entrevista II

Rafael Luís da Silva: Apelido Doio, 17 anos.

D – Quem é você?

R – Meu nome é Rafael, Tenho 17 anos. Eu sou baixo, tenho 1,80 m. Éhhh, pele negra, careca, dois brincos e sou legal!

D – O que é ser legal?

R – Ah! Eu sei respeitar, quando me dão respeito. Tento ser educado.

D – Fala um pouco da comunidade onde você mora.

R – Chico Mendes, mais conhecida como favela Chico Mendes. Sempre que me perguntam onde eu moro, e eu falo que moro na Chico Mendes eu ouço “Uh! Mas você mora naquele lugar que dá morte todo dia, que só dá drogado lá,...” . Daí eu falo que não é isso, que dá morte, mas que em qualquer lugar dá morte. Que aqui não tem muito tráfico, não são muitos. Falam que todos que entram aqui os cara batem. Mas não é assim. Sabendo lidar não tem problema nenhum!

D – Você está estudando?

R – Sim

D – O que você está estudando ?

R – Eu to fazendo o ensino médio.

D–Há quanto tempo que você participa aqui da casa?

R- Há uns dois pra três anos

D – Qual é sua opinião sobre as atividades que você faz aqui na casa?

R – Há Minha opinião e que, nada de ruim, aqui tem tudo que nós precisamos. Tem lazer, tem cultura, tudo que o jovem precisa pra não estar na perdição.

D – O que é perdição ?

R – Ah! perdição é andar na rua, fazer coisa errada, fazer o que não deve, fazer coisas prejudiciais à saúde.

D – Queria que você falasse um pouco, Doio, da vida dos jovens em geral aqui na comunidade Chico Mendes?

R – A vida dos jovens aqui, não é aquela coisa boa, é que aqui tem que saber lidar porque que se o cara tiver a mente fraca, o cara cai pro lado ruim, então o jovem aqui tem que crescer sabendo por qual caminho ele vai seguir, por que se for pela cabeça dos outros ele só vai entrar na vida do crime, essa ida de drogado, e vai morrer cedo.

D – E com relação ao futuro, como é que você pensa o futuro?

R – O meu Futuro?

D – É .

R – Ah!, o meu futuro, pretendo construir uma casa, trabalhar , construir uma família.

D – Como é a sua família hoje ?

R – Há a minha família é, é bem, é bem!.

D – Mais quem é a sua família ?

R – Meus irmãos, meus tios, meus primos.

D – Você mora com quem?

R – Minha Prima.

D – Por que você mora com a tua prima ?

R – Por que meus pai faleceram.

D – Quanto tempo ?

R – Minha mãe Faz 11 anos, uns 11 ou 12 anos, meu pai 3 anos

D – Você se considera uma pessoa feliz?

R – Não 100 por cento, mais me considero.

D – Por que ?

D – Por que não da pra ser feliz sem pai nem mãe.

D – Você falou que é um pouco feliz, o que é este pouco feliz ?

R – .Esse pouco é porque eu tenho com quem contar, meus amigos, meus irmãos.

D – Fala um pouco dos teus amigos ?

R – Meus amigos. Ah!, o que que eu vo fala deles? Tem uns que me apóiam em tudo, tem uns que lutam até o final, tem uns que vão a força e desistem.

D – E você faz o mesmo com teus amigos ?

R – Eu tento.

D – Você trabalha ?

R – Trabalho.

D – Trabalha do que ?

R – Office Boy .

D – E aonde você trabalha ?

R – ELETROSUL.

D – E quanto que você ganha ?

R – .Eu ganho, meio salário.

D – E o que você faz com esse dinheiro ?

R – Eu ajudo minha prima, com a metade e outra metade eu compro roupa pra mim.

D – Você tem sonhos?

R – Tenho.

D – Então fala um pouco dos seus sonhos?

R – Meus sonhos, é entrar para a universidade, e ir lá, lá para os States.

D – O que você quer estudar ?

R – Engenharia.

D – E você acha que você tem condições de fazer isso?

R – Ah! Eu não sei né, isso vai depender de mim, da minha força.

D – Da onde que você tira essa força ?

R – Da onde que eu tiro? De dentro!

D – E agora eu queria que você falasse um pouco mais sobre a sua participação aqui no Projeto Nossa Casa ?

R – A minha participação aqui, nos últimos tempos tem sido pouca. Mas agora vai ser freqüente porque eu não to mais no grupo de dança, e antes eu tava, agora se eu não freqüento porque não to mais no grupo de dança. Aqui sempre tem encontro, cursos, passeios. Nos divertíamos muito. Hoje parece que tem mais homens, mas sempre teve bastante guria.

Aqui eu aprendi que não é só entrando nessa vida ruim aí que a pessoa se torna um homem, respeitado Não é com drogas que o cara vai ser respeitado, mas com educação, com a dignidade e o respeito.

D- Fala então o que é ser jovem?

R - Ser jovem é desfrutar das coisas da vida, mas coisas boas. Tudo o que faz bem pra gente e que não prejudica o outro.

D – E o que é ser adulto?

R – Ah! Ser adulto é carregar uma responsabilidade, né. Carregar uma família, assumir bem mais responsabilidades.

D – E ser jovem da Chico Mendes?

R – É muito difícil! Por que em qualquer lugar que o cara fala que é da Chico Mendes o jovem é discriminado, chamado de favelado, que não presta, é ladrão, isso e aquilo. É difícil! Se você que comprar um bota Naurus, não tem condições! Então tem que trabalhar, trabalhar, trabalhar, guardar dinheiro pra poder comprar. É doloroso!

Obs. Paramos a entrevista por causa da tristeza.

Entrevista III.

Cristina Ribeiro, Idade: 13 anos – Nome fictício por solicitação da entrevistada.

D – Quem é você?

C – Cristina, tenho 13 anos, moro no monte Cristo.

D – Você estuda?

C – Estudo, passei para a 8ª série.

D – Por que você participa do projeto nossa casa?

C – Por que eu acho legal. Assim a gente aprende a conviver mais em amigos, em comunidade. A gente aprende a ser mais amigo, aprende a ser mais comunitário.

D – E quais são as atividades que você participa?

C – Eu participo do ping-pong, biodança, café com livros, vídeo, mas eu gosto mais do café com livros.

D – O que que pra você significa ser jovem?

C – Ah! Não sei. Ser jovem já tem que assumir um pouco mais de responsabilidade, não muita ne, mas um pouco. Já tem que ter cuidado com as coisas.

D – E você tem um sonho que você gostaria de contar?

C – Um sonho que eu tenho!!!! Ser professora é o meu sonho.

D - Por que você quer ser professora?

C – Bem, eu gosto de criança.

D – Você acha que o grupo ajuda você a realizar este sonho?

C – Um pouco sim. Por que aqui, com meus amigos, eu já vou aprendendo a ter mais educação com eles. Se eu quiser ser professora eu vou ter que ter educação com meus alunos.

D – O que você acha da comunidade?

C – Eu acho uma comunidade boa, só que não é muito, assim participativa, não é muito comunitária.

D – Você trabalha?

C – Não. (insisto). Ah! Eu trabalho, vendo bala.

D – O que você faz com o dinheiro que você ganha?

C – Eu compro coisa pra mim. Eu também vendo cerveja com meu pai pra ajudar ele.

D – Como é a organização do projeto nossa casa?

C – A gente se organiza através de líderes. Assim, todo mundo escolhe, todo mundo escolhe um líder e uma líder. E eles não são donos, mas eles tomam conta, assim, para que todo mundo respeite um ao outro, cuide das coisas, assim, pra não estragar.

Entrevista IV

Oriedison Mendes – 22 anos

D - Gostaria que você se apresentasse

O – Meu nome é Oriedison Mendes, Moro na Comunidade Chico Mendes faz seis anos.

D – Com quem você mora?

O – Eu moro com meus irmãos.

D – O que você faz da sua vida?

O – No momento..... Eu faço o que eu posso.

D – Mas o que é fazer o que pode?

O – Bom, eu trabalho um pouco na hora que tem... Que tem opções, né.

D – Você trabalha com carteira assinada?

O – Não!

D – Já trabalhou alguma vez com carteira assinada?

O – Não!

D - Mas você tem carteira?

O – Tenho!

D – E você trabalha de que, quando você consegue trabalho?

O – Eu trabalho geralmente em construção ou então de segurança.

D – O que você faz com o dinheiro que você ganha?

O – Eu faço.... eu compro roupas pra mim, compro umas coisas, ne.

D – Quanto tempo você participa aqui do projeto Nossa casa?

O – O tempo que eu venho aqui faz uns oito anos.

D – E é importante pra sua vida participar aqui?

O – Sim!

D – Por que?

O – Porque é um jeito de a gente se esquivar, né.... Do que acontece na favela!

D – Então fala um pouco da favela.

O – A favela é um lugar bom. Tem pessoas que correm atrás de um objetivo, das suas questões (....) Mas também tem o outro lado.

D – E qual que é o outro lado?

O – O outro lado é o lado macabro da favela, muita droga, morte e tal. É um bicho!.

D – E você acha que tem muitos jovens envolvidos nesse lado macabro?

O – Tem.

D – O que você acha disso?

O – É uma forma de destruição, né!

D – Mas não é um tipo de trabalho?

O – È, às vezes é.

D – Você está estudando?

O – Não!

D – Você parou em que série?

O – Na sexta!

D – Faz quanto tempo você parou?

O – Eu comecei estudar de novo o ano passado e desisti. Mas faz uns cinco anos que parei.

D – Você acha que é importante estudar?

O - (Silêncio).

D – O que significa ser um morador da Comunidade Chico Mendes?

O – (Longo silêncio). Ah! Traz um monte de coisas, coisas boas, mas se o cara procurar ela traz coisas ruins também.

D – Então fala um pouco das coisas boas.

O – Ah! Coisas boas é que o cara tem uns espaços assim, que não é freqüentado por muitas pessoa, mas é bom. Queria que tivesses vários espaços desse!

D – E que tipo de espaços são esses?

O – Como o Projeto Nossa Casa,(....)

D – E o que você faz além de freqüentar o Projeto Nossa Casa?

O-O que que eu faço, eu jogo futebol, saio às vezes à noite quando estou trabalhando...

D – Então fala um pouco dos teus sonhos.

O – Ah! No futuro eu penso que aqui poderia ter uma rádio comunitária.

D – Por que você acha importante uma rádio comunitária?

O – Bem, pra alertar o outro irmão, falar a verdade.

D – Falar a verdade sobre o que?

O – Sobre tudo o que se passa.

D – Como assim?

O – Como assim, a gente podia falar... falar pra eles como deve reagir em qualquer situação. Ou dá uns toques né! Como diz na gíria.

D – E quem são os irmãos que você fala?

O – Os irmãos (risos) são os jovens.

D – E o que é que os jovens daqui fazem?

O – Geralmente, mesmo, (silêncio) acho que uns oitenta por cento estão envolvidos com drogas. Droga pesada mesmo!

D – E por que isso acontece?

O – Pra falar a verdade eu nem sei. Por que não é vantagem nenhuma se envolver com essas coisas.

D – E tem outras coisas pra se fazer?

O – Ah! Muitos têm né. Tem trabalho.... abandona o trabalho pra vender drogas. Outros fazem porque tem que fazer mesmo, é questão de sobrevivência, né!

D – Uma pessoa que vende droga consegue sobreviver?

O – Consegue, até melhor do que eu.

D – E você acha que essa comunidade é violenta?

O – Eu acho que não.

ANEXO 5: COMO CADA UM COMEÇOU NO GRUPO.

Esta questão eu coloquei como motivação para uma reunião de avaliação e planejamento, e pedi para que escrevessem as respostas. A intenção era que cada um refletisse sobre a sua inserção na vida do grupo.

- thiago: Eu comecei quando a minha mãe me convidou para jogar ping-pong e um certo dia me convidaram para um passeio.

João Paulo : Eu participava a tarde do Projeto Esperança. Depois me convidaram para participar das atividades à noite, porque eu já tinha idade para participar do Projeto.

- Jorge: Foi quando eu conheci o Tinho. Ele convidou para vir aqui na casa. Eu conheci o pessoal e agora estou participando dos jogos.

- Gugu: Eu comecei a freqüentar a casa um pouco depois de vir morar aqui. Eu só parava lá onde eu morava e aqui eu não conhecia ninguém, e comecei a participar da casa.

- Juliana A. : O que me trouxe a vir para cá foi o convite de meus amigos. Eu aceitei e vim, gostei muito e comecei a vir todos os dias e daí comecei a aprender coisas que eu não conhecia.

- Ricardo: Foi através de meus amigos que comecei a a freqüentar a casa, e também porque eu já conhecia o Dodô desde quando ele dava aula de História no América.

- Alonço: Eu comecei a freqüentar essa casa foi a convite de meus amigos para assistir Dragon Ball Z somente isso, mais depois fui me interessando nas atividades fui fazendo novos amigos e gostei de participar mas. No primeiro acampamento eu vi que tinha companheirismo no grupo...

- Anderson C: Eu comecei a participar quando eu estava na 7ª série e o Jefferson B., Marcelo, Maurício, Dinho e o Luciano me convidaram para ir no Dodô tomar um café e foi quando o Dodô convidou nós para vim tomar um café e assim eu comecei a vir até

hoje estão esse pessoal que vinham antes comigo não vem muitas vezes mas era bom que eles estivessem aqui.

- Tonico: Conheci através dos meus amigos que me convidaram para participa das atividades e jogar futebol com eles e hoje eu estou aqui como se fosse um morador da “nossa Casa”.

- Leonardo: Eu comecei na datilografia, eu me escrevi mas não tive oportunidade de participar pôs tinha poucas vagas mas tive outras oportunidades aqui na casa como aula de inglês e comecei a gostar e hoje é melhor lugar onde eu gosto muito de ficar.

- Matheus : Eu comecei a participar através dos meus colegas que me convidaram, e eu não conhecia e então comecei a freqüentar a casa.

- Tati : Eu entrei nesse Projeto porque eu não gosto de ficar em casa e eu acho muito legal porque tem muitas coisas que a gente pode fazer, , no primeiro dia foi muito legal.

- Cristiano : Eu comecei a vim para essa casa porque ela era a melhor coisa que teria que fazer. Eu comecei a gostar da casa porque dá pra tudo pra mim com as coisas que nós fazemos.

- Cristiane : Eu entrei ontem porque todos falam que era muito legal e eu queria participar muito desse Projeto e eu queria ocupar o meu tempo e achei muito legal.

- Karina : Bom eu comecei aqui através de uma amiga minha, depois conversei com o Dodô e ele disse que eu poderia entrar, mas eu teria que cuidar de mim e cuidar dos outros. Quando eu entrei gostei muito, porque aprendi a jogar ping-pong eu espero que continue, porque eu gostei muito e quero continuar, mas pena que tem muito barulho, mas é legal.

- Siury : Eu entrei aqui porque todos diziam que era legal e eu queria ocupar meu tempo, mais eu vi que iria ser legal não só para ocupar meu tempo, mas para que eu conheça outras pessoas novas.